

o  
Gazeta



LITO-SALLES · LISBOA

STVART

# Gazeta dos Caminhos de Ferro

Ano LX — N.º 1465

1 de Janeiro de 1949

# CEL

é a marca dos condutores eléctricos fabricados segundo as normas de segurança das instalações de baixa tensão,

PELA

## Fábrica Nacional de Condutores Eléctricos, L.<sup>da</sup>

AGENTES EXCLUSIVOS:

### S O D I L

SOCIEDADE DISTRIBUIDORA, L.<sup>da</sup>

Rua Nova da Trindade, 15-C

L I S B O A

### CEL

é a marca de condutores eléctricos QUE SE IMPÕE

# A Fundação Tipográfica GINI

## DE MANUEL GUEDES, LIMITADA

A maior organização fabril nacional de Fundação de Tipo

Continua trabalhando para o desenvolvimento das artes gráficas portuguesas, fornecendo-lhes impecável material tipográfico com

os mais delicados e originais desenhos

Sede

Fábrica

Escritório

e Armazéns:

Rua Francisco Metrass, 107 (Edifício próprio)

L I S B O A

TELEF. { 6.2514  
6.3276

# M. POUSADA.

FABRICO DE FERRAMENTAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS EM QUALIDADES EXTRAS:

*Brocas para rolhas e discos. Facas e Lâminas de todos os tipos. Serras circulares para madeira e metais. Machos, Cançonetes, Mandris, Trados, Verrumas, Tesouras, Ferros de Plaina mecânica e manuais, Ferros de Pua, Formões, Badames, etc.*

RIVALIZANDO EM QUALIDADES E ACABAMENTOS COM AS DAS MELHORES MARCAS ESTRANGEIRAS

TELEPHONE 4 7924 // RUA CARVALHO ARAÚJO, 68  
LISBOA // PORTUGAL

# Caldeiras a Vapor

Sr. Industrial, se estima as suas caldeiras não deixa de usar

## O DESINCRUSTANTE INGLÊS «DEMOLOID»

Único método científico para o tratamento de caldeiras a vapor

### RESULTADOS GARANTIDOS

Dispensa o tratamento da água e o uso das lâminas de zinco: evita as corrosões e protege as superfícies metálicas em contacto com a água e o vapor

*Trata o metal - Não a água*

Se não recebeu a nossa brochura explicativa peça-a a

## L. L. REGO, L.<sup>DA</sup>

Rua Capelo, 5, 3.º — Telef 21598 — LISBOA

# FUNDIÇÕES NESTOR MARTIN

S. A.

BERCHEM—BRUXELAS—BÉLGICA

APRESENTAM  
NOVOS MODELOS DE FORNALHAS,  
ESQUENTADORES E FOGÕES ELÉCTRICOS



Esquentadores e fogões a gaz



TODOS OS FOGÕES PARA CARVÃO  
FOGAREIROS PARA CARVÃO E LENHA

Agência e sala de exposição:

Travessa do Fala-Só, 11-1.º-Df.

LISBOA



SOLDADURA ELÉCTRICA  
DINAMOS E GRUPOS LINCOLN

MOTORES ELÉCTRICOS  
VÁRIAS POTÊNCIAS

ELECTRO-BOMBAS  
VÁRIOS CAUDAIS

FERRAMENTAS ELÉCTRICAS



## Sociedade Luso Eléctrica, L.<sup>da</sup>

11, Calçada Marquês de Abrantes, 13—Telef. 60331

LISBOA

# MADEIRAS

nacionais em pranchas, vigamentos, solhos aparelhados, cauf-  
frage, forros, varedo, ripa, costaneiros, lenhas, serradura, etc.

SERRAÇÃO \* CARPINTARIA \* CAIXOTARIA

*J. D. Mathias, J.<sup>or</sup>*

Rua dos Correeiros, 28, 1.º

Telef. 29013 LISBOA

# F. Ramada

Agente exclusivo em  
PORTUGAL E COLONIAS  
de Fagersta Bruks Antiebolag

Consórcio das fábricas SUECAS DE AÇOS

**Fagersta Kloster — Dannemora — Forsbacka-Horndal**

Aços especiais para ferramentas e construção

**Serrotes « A v i ã o »**

**O V A R**

SEDE E FÁBRICA

Telefones: 70-140

Telegramas: FRAMADA

PORTO

34-P. D. Filipa Lencastre, 34

Telefone: 6966

LISBOA

Av. Presidente Wilson, 35, 2.º, Dt.º

Telefone: 62546

TELEF. 21321

TELEG. RALERS

**Ablers, Lindley, Ltd.**

Rua do Ferregial de Baixo, 33, 2.º

L I S B O A

Instalações Industriais  
Máquinas e Metais

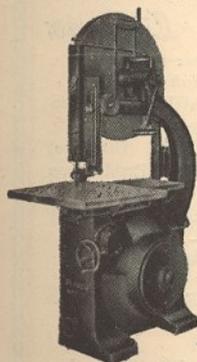
Agente no Porto:

**Carlos da Silva J.º**

Rua de Santa Catarina, 220, 2.º



Moinhos, Misturadores, Britadeiras, etc. para todos os fins e produtos.



Máquinas para trabalhar madeira, grandes e pequenas.

Ventiladores, Torradores, Motores, Máquinas industriais.



Estufas para:  
Madeira, papel, cartão, couros, têxteis, frutas, p. químicos, etc.

**José Gouveia, L.ª**

RUA DO ALECRIM, 67  
Telefone 24 930

L I S B O A



Telefones:

Lisboa 27103

Peniche 90

Telegramas:

HELIOS

LISBOA

**Sociedade de Conservas  
de Peniche, Limitada**

FÁBRICAS EM PENICHE

Conservas em azeite e em salmoura

Marcas registadas

ANCORA — HELIOS — ARGUS

— ALCATRAZ —

THE QUEEN — LEVIATHAN

Rua dos Douradores, 83, 2.º

LISBOA

PORTUGAL

**Companhia Industrial Portuguesa**

Sede em Lisboa:

Praça D. João da Câmara, 11, 3.º

Telef. { 24 756  
26 105

Teleg. SANIRIA

Fábricas de

Vidros e Cristais

na Marinha Grande

Aduos e produtos químicos

na Póvoa de Santa Iria

Gessos de Presa «Caxinas»

em Óbidos

Minas de Lenhite e Gessos em Óbidos

Fornecedora de:

Presidência da República

Ministério da Marinha

Palácios Nacionais

Companhia Nacional de Navegação

Companhia Colonial de Navegação

Empresa Insulana de Navegação

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Aviz Hotel

Estoril Palácio Hotel

Casino Estoril, etc.

Toda a correspondência deve ser dirigida  
para a Sede, em LISBOA

# COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, L.<sup>DA</sup>

## COVINA

FÁBRICA MECANICA DE CHAPA DE VIDRO

Produção anual de chapa de vidro: UM MILHÃO E OITOCENTOS MIL metros quadrados  
Consumo médio anual do país: 550 mil metros quadrados

INSTALAÇÕES PARA O FABRICO DE CHAPA  
ARTISTICA E DE CORES DIVERSAS E MARMO-  
RIZADA—PRODUZ CHAPA POLIDA E CHAFA  
INESTILHAÇAVEL (para automóveis)

SANTA IRIA DA AZOIA —(Entre Sacavém e Póvoa de Santa Iria)  
(PORTUGAL)

Tele { fones: Póvoa: 24 e 25  
gramas: COVINA — Póvoa de Santa Iria

CORREIO PARA:  
APARTADO, PÓVOA DE SANTA IRIA

## M E T A I S

LATÃO	ARAMES
COBRE	CHAPAS
BRONZE	TUBOS
ALUMÍNIO	BARRAS
ZINCO	VARÕES
FERRO	VERGALHÕES
AÇO	CANTONEIRAS
CHUMBO	CALHAS
ESTANHO	TÊS

### REDES E TEIAS METÁLICAS

OFICINA ESPECIALIZADA  
EM TODOS OS TRABALHOS DE ARAMEIRO

**Senna Botto & Leitão, L.<sup>da</sup>**

CASA FUNDADA EM 1889

SEDE EM LISBOA:

14 a 30, Rua Nova do Almada, 38 a 44  
140, Rua da Conceição, 146

Tele { fone P. B. X. 2 6054 — 2 8904  
gramas SENNAOTO

FILIAL NO PORTO:

31, Rua do Almada, 35

Tele { fone 27194  
gramas SENNAOTO

## Comércio — Indústria — Agricultura

(COMMERCE — INDUSTRY — AGRICULTURE)

**Importadores — Exportadores**  
(Importers — Exporters)

**Diogo & Companhia Limitada**

PROPRIETÁRIOS DE: (PROPRIETARY OF:)  
ROÇA IMPÉRIO — CAFÉ (Production of Coffee)  
PALMARES DO LUCALA — OLEAGINOSAS (Pro-  
duction of Palmoil & Palmkernel)  
PALMARES DO LUCALA — CITRINAS (Citric)  
FÁBRICA DE SABÃO «CARICOCO» (Production  
of Soap)

SEDE (Head Office) LISBOA  
**RUA ÁUREA-66, 1.º**  
Telg. (Cable) **OLIRMÃOS**

SOCIETARIOS DE: (SOCIETARY OF:)  
FAZENDAS AGRÍCOLAS DE CAZENGO  
FAZENDA CAMBONDO — CAFÉ  
FAZENDA PENSAMENTO — CAFÉ  
FAZENDA DONDA CAVUNGE — CAFÉ (Production  
of Coffee)

SUCURSAL: (Branche Office)  
**LUANDA**

África Ocidental Portuguesa (P. W. A.)  
Caixa Postal 294 (P. C. Box 294)  
Telg. (Cable) **CARICOCO**

FILIAIS EM: (Branches)  
Malange — Lucala — Dondo — Cariamba  
Samba-Cajo — Aldeia Nova — Caculo-Cabaça  
**COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA**



**Sociedade Portuguesa  
do Comércio Exterior**

S. A. R. L.

IMPORT.

EXPORT.

TELEPHONE 30215  
GRAMAS SOPEXOR

**Exportadores de Conservas de Peixe**  
Inseritos com o n. 404

**COMÉRCIO GERAL**

Rua do Ouro, 266, 4.º-Dt. LISBOA

**COMPANHIA DE SEGUROS  
«BONANÇA»**

A MAIS ANTIGA COMPANHIA  
DE SEGUROS PORTUGUESA

Recomendada pela Companhia dos Caminhos de Ferro

FUNDADA EM 1808



**SEGUROS:** Fogo, Marítimos, Agrícolas, Pes-  
soais, Automóveis, Responsabilidade Civil,  
Roubo, Postais e Transportes Terrestres e Aéreos

Delegação no PORTO: R. Sá da Bandeira, 283, 1.º

Delegação em COIMBRA: R. Visconde da Luz, 88, 2.º

Séde: Rua Aurea, 100, 1.º-LISBOA



**PHOENIX**

ASSURANCE COMPANY LIMITED, DE LONDRES—1782

**1787—A primeira Companhia a efectuar Seguros em Portugal—1948**

Seguros contra FOGO, LUCROS CESSANTES, TREMOR DE TERRA, AGRÍCOLAS, QUEBRA DE VIDROS,  
AUTOMÓVEIS, RESPONSABILIDADE CIVIL, ACIDENTES PESSOAIS, MARÍTIMO E ROUBO

Agentes Gerais: JOÃO ARCHER & C.ª—PORTO

Em LISBOA: COSTA DUARTE & LIMA, L.ª — Rua Augusta, 100, 2.º

Telef. 26922

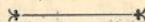


*Sou dactylografa!  
Escrevo muitas cartas por  
dia, mas nunca me fatigo e  
estou sempre bem disposta.  
É que a Direcção soube  
escolher para o seu pessoal  
a melhor maquina de escre-  
ver, adquirindo:  
a mais perfeita;  
a mais leve;  
a que, dando maior rendi-  
mento, exige ao mesmo tempo  
menor esforço:  
a.....*

*Underwood*



# LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, L.<sup>DA</sup>



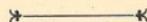
Rua Nova do Almada, 88—L I S B O A  
TELEFONE: 24917

Travessa do Carmo, 10-A-1.º—PORTO  
TELEFONE: 4076

Rua da Sofia, 78-1.º—C O I M B R A  
TELEFONE: 2799

Junqueras, 8—BARCELONA

EDIFÍCIO DARKE  
Avenida 13 de Maio, 23—Sala 414  
RIO DE JANEIRO



LIVROS TÉCNICOS

# MÁRMORES

DE Sousa Baptista, L.<sup>da</sup>

29, Praça do Município, 30 — Largo de S. Julião, 13  
L I S B O A—Telefone 27 643

Quando construir ou montar qualquer casa para sua residência não deixe de consultar os preços deste estabelecimento e não se arrependerá.

Somos especializados no preparo de boas cantarias, mármore polidos de todas as qualidades e para todos os fins, jazigos e todas as cantarias para fachadas de edificios dos mais ricos e modestos em architectura.

Artigos sanitários, salas de banho completas, esquentadores, torneiras, válvulas, saboneteiras, mosaicos cerâmicos e hidráulicos, azulejos brancos e de cores, loiças e faianças artísticas, espelhos de cristal e artigos de ménage, etc.

Os mármore desta casa são rigorosamente seleccionados e cuidadosamente escolhidos e o seu preparo é feito com cuidado e gosto.

O maior valor dos mármore é o que eles prestam em serviço na hygiene e na ornamentação em que são insubstituíveis.

O MÁRMORE É SEMPRE O MÁRMORE

Secção de artigos de utilidade e ménage

Esta secção, onde temos um variadíssimo sortimento de artigos para serviços de utilidade doméstica e presentes, merece que a visite — não se arrependerá — antes de fazer as suas compras.

13, LARGO DE S. JULIÃO, 13

# PAPELARIA PROGRESSO

TELEFONE 22 181

tipografia  
litografia  
encadernação

no salão do 1.º andar AMER,  
o ás da fotografia

fornecedora da  
ESTORIL PLAGE

151, Rua do Ouro, 155  
L I S B O A

# Indústria Química

APARELHOS EVAPORADORES PARA  
CONCENTRAÇÃO DE  
**R. A. M.** SUMOS DE FRUTA.  
TOMATES

*Secagem por atomização e  
produção de produtos em pó*  
LEITE, SANGUE, SABÃO

CENTRÍFUGADORES APARELHOS  
PARA CLARIFICAÇÃO DE  
AZEITE, ÓLEOS, BORRAS  
DE AZEITE **S. E. M.**

*Misturadores centrífugos  
para homogeneização de Pó-  
pasta, tintas e líquido*  
C H O C O L A T E

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

**ED. DARDEL**  
RUA NOVA DO ALMADA, 24-3.º  
**LISBOA**



CONSTRUÇÕES  
ELÉCTRICAS  
**VITÓRIA**  
DE  
HILÁRIO RODRIGUES

Casa especializada em  
mecânica e electricidade,  
aparelhagem eléctrica  
para alta e baixa tensão,  
«chauffage» eléctrica e  
material estanque para  
bordo, aparelhagem para  
sinalização, quadros e  
«coffrets», estanques

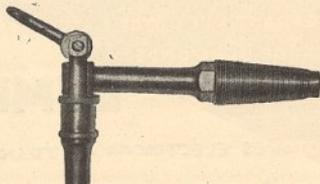
RUA DO CURA, 24  
TELEFONE 61642  
**LISBOA**

**CVE**  
LISBOA

## METALURGICA LUSO ITALIANA, L.ª

Concessionária  
das Patentes  
«CARLONI»

4 MEDALHAS DE  
OURO  
5 GRANDES  
PRÉMIOS



Torneiras para todos os fins adoptadas pelas  
principais entidades do País

TRAVESSA DAS SALGADEIRAS, 7 — (Ao Desterro)  
Telefone 42563 **LISBOA**

## JAYME DA COSTA, L.ª

EM LISBOA: R. DOS CORREIROS, 8-26  
NO PORTO: P. DA BATACHA, 12-12A

GRANDES ARMAZENS DE MÁQUINAS  
MOTORES - BOMBAS - APARELHAGEM  
E ACESSÓRIOS

REPRESENTANTES DE IMPORTANTES  
FABRICANTES DA ESPECIALIDADE

OFICINAS DE CONSTRUÇÃO DE  
APARELHAGEM DE ALTA E BAIXA TENSÃO,  
QUADROS BLINDADOS E REPARAÇÃO DE  
MÁQUINAS ELÉCTRICAS E INDUSTRIAIS

ENGENHEIROS E PESSOAL TÉCNICO  
ESPECIALISADO

PROJECTOS E ORÇAMENTOS PARA QUALQUER  
INSTALAÇÃO INDUSTRIAL HIDRÁULICA OU  
ELÉCTRICA DE ALTA E BAIXA TENSÃO

## Baume & Merpent S. A.

Divisão de Baume (Bélgica)  
Divisão de Merpent (França)

## Material de Caminhos de Ferro

VAGONS  
CARRUAGENS  
FOURGONS, ETC.

Guindastes hidráulicos para alimentação de  
locomotivas — Placas giratórias — Peças  
de freios — Parachoques — Aparelhos  
de mudança de via

Acessórios: Caixas de lubrificação,  
Eixos, Aros, Rodas, etc., etc.

Agentes gerais para Portugal e Colónias

## Azevedo & Pessi, L.ª

Rua Nova do Almada, 46

TELEF. 20354

TELEG. PESSIL

**LISBOA**

# SINGER

As máquinas de costura, Peças e Agulhas que vendemos, têm a garantia absoluta de serem manufacturadas nas próprias Fábricas da

The Singer Manufacturing Company

# HERLOFSON LINE

Carreiras regulares de navios rápidos e modernos

Recebe passageiros e carga para BARCELONA, MARSELHA, GENOVA, BEIRUTE, ALEXANDRIA, PORT SAID, SUEZ, ADEN, MORMUGÃO, BOMBAIM, KHORRAMSHAR, BASRAH, BAGDAD via BASRAH e, se convier, para KARACHI

AGENTES

**JOHN McCULLOCH**

Rua da Misericórdia, 36-1.º — LISBOA — Telef. 30613

# F. MARQUES FELICIANO

LISBOA 75, Rua do Crucifixo  
Reg. do Com. 11679

CAIXA POSTAL 20  
TELEFONE 2 0388

**AGENTE COMERCIAL  
DE IMPORTANTES FIRMAS**

INGLESAS  
AMERICANAS  
FRANCESAS  
SUIÇAS  
IRLANDESAS  
CHECAS  
HUNGARAS  
ITALIANAS  
SUECAS

## Empresa Electro Cerâmica

FÁBRICA NO CANDAL  
VILA NOVA DE GAIA

SEDE:

Largo da Biblioteca Pública, 17, 2.º — LISBOA

Porcelanas eléctricas de alta e baixa tensão  
— Aparelhagem eléctrica para telégrafos e telefones — Tubo Bergmann — Artigos de baquelite para todos os fins — Porcelanas domésticas, decorativas e industriais :: ::

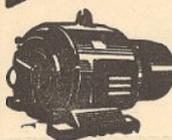
EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL 62177-62178  
AVENIDA 24 DE JULHO, 100 - LISBOA ELIM 7 LAMP PAR

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL  
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

LÂMPADAS

## LUMIAR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES  
GERADORES



## ENAE

Fábrica nacional



**Companhia Portuguesa de Madeiras**

S. A. R. L.

Antiga casa C. DUPIN & C.<sup>a</sup>

Sede em LISBOA:

Calçada Marquês de Abrantes, 103, 1.º-D.

Armazém 62615 — Doca de Alcântara  
Telegr. DUPIN — Apartado 24 — Telef. 6 2207-6 0746  
INDÚSTRIA E EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS

Fábrica de serração em Santa Comba Dão, Leiria e Marinha Grande — Carpintaria mecânica — Estufas de secagem — Madeiras de construção — Caixotaria e para entação de minas — Casas desmontáveis — Travessas de Caminhos de ferro — Postes telegráficos, etc., etc.

**Projectos e orçamentos**

**Sociedade Portuguesa de Graxas, L.<sup>da</sup>**

FABRICANTES DOS PRODUTOS

== «JUVENÁLIA» ==

*Pomadas para calçado, estofos, oleados, soalhos e automóveis. Cremes e graxas para soalhos e pinturas de móveis. JUVENOZ, limpa metais líquido. Pomada ROSÊTE para en::: graxadores e sapateiros :::*

Rua da Indústria, 52 — TELEF. 3 7413 — LISBOA

**MOTORES DIESEL**

«R. MORIN»

INDUSTRIAIS E MARÍTIMOS

12 A 15 HP — POUCO ROTATIVOS

*Guinchos, Aparelhos navais «Moussiaux»*

*Embraiagens marítimas*

*Aparelhos diferenciais eléctricos*

Rep: EDM. DINIS DA FONSECA, L.<sup>DA</sup>

Praça D. João da Câmara, 19, 1.º Esq. (ao Rossio) LISBOA

**Tornearia de Metais, L.<sup>da</sup>**

FÁBRICA DE PARAFUSOS  
TORNEADOS EM AÇO

TRABALHOS DE GRANDE SÉRIE  
SOLDADURA MECANICA GERAL, ETC.

Rua Aliança Operária, 8  
Vila Rodrigues, 9

Telef. 36-664

LISBOA

**Empresa Progresso Industrial**

Fabricação de toda a classe de parafusos de construção, rebites, porcas, anilhas, escáculas, cavilhas, trefonds de via, material de fixação de linhas telegráficas e telefónicas

Fábrica—RUA DAS FONTAINHAS, 27 e 29—Telef. 3 7538

ESCRITÓRIO E ARMAZENS:

LARGO DO CONDE BARÃO, 14

Telf. 6 5176 (P. P. C. 3 linhas) Teleg. PREGADURA

LISBOA

**Electrificadora Mecânica do Calhariz, LIMITADA**

Casa especializada em mecânica e electricidade

Fabricantes de material eléctrico de alta e baixa tensão

Seccionadores e tudo para electricidade

Construções e reparações mecánicas e electrotécnicas

ORÇAMENTOS GRÁTIS

61, Rua da Rosa, 63

LISBOA

Telef. 3 2654

**Luis Baptista, Sucessores, L.<sup>da</sup>**

FABRICANTES DE ESCOVAS, DE TODAS AS ESPÉCIES EM CABELO E EM ARAME PARA MÁQUINAS TUBOS, GARRAFAS, ESTRADAS, ETC.



Telefone

2 8807



ARAME D'AÇO

PARA MOAGEM

RUA DA FÉ, 49—LISBOA

# Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, L.<sup>da</sup>

A MAIS ANTIGA DA PENÍNSULA—FUNDADA EM 1824

AS MELHORES PORCELANAS PARA USOS DOMÉSTICOS  
E INDUSTRIAIS, PORCELANAS DECORATIVAS E ELÉCTRICAS

FÁBRICA EM ILHAVO—AVEIRO

As porcelanas da **Vista Alegre** rivalizam com as melhores estrangeiras

DEPÓSITOS { PORTO—Rua Cândido dos Reis, 18  
                  { LISBOA—Largo do Chiado, 18

SEDE: LARGO DA BIBLIOTECA, 17, R/C.—LISBOA

## CIMENTO

«TEJO»

António Moreira Rato & Filhos,  
LIMITADA

AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F

Tele { fone: 6 0879  
      { gramas: RATOFILHOS

LISBOA

## Paulino Ferreira, F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>

ENCADERNADORES-DOURADORES

CASA FUNDADA EM 1874

18-A, Rua Nova da Trindade, 18-D

TELEFONE: 22074

LISBOA

Encadernadores da Assembleia Nacional,  
Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo de  
Identificação, diversas Repartições do Es-  
tado, Bancos e Companhias, e dos princi-  
pais editores de Lisboa.

TRABALHOS DE ENCADERNAÇÃO  
*em todos os géneros desde os mais  
simples aos mais luxuosos*

BROCHURAS, CARTONAGENS, PASTAS, REVISTAS, ETC.  
RAPIDEZ — PERFEIÇÃO — ECONOMIA

ORÇAMENTOS GRÁTIS

AS MAIORES OFICINAS  
DE ENCADERNAÇÃO DO PAÍS

*A única casa habilitada para os maiores  
trabalhos no mínimo tempo*

# COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores mobiliários

*Cômodas de estilos // Tapeçarias  
Porcelanas de Saxe // Espelhos  
de Veneza // Candeeiros de cristal,  
de ferro forjado e de madeira  
«Marquisesettes», «Voiles» e Chintz  
:: Suiços // Carpetes de la :::*

■  
**Companhia ALCOBIA**  
■

**LISBOA—Rua Ivens, 14**

(Esquina da Rua Capelo)

Telefone 2 6441

# EDMOND DARDEL

ENG.º CONSULTOR

RUA NOVA DO ALMADA, 24-3.º-ESQ.

Telegramas: DEDDAL—LISBOA

ESTUDOS DE EQUIPAMENTOS INDUS-  
TRIAIS / FORNECIMENTO DE MATE-  
RIAIS PARA TRABALHOS PUBLICOS  
MINAS / INDUSTRIAS EM GERAL

Compressores, Martelos, Ventiladores, Tu-  
berias de ventilação, Britadoras, Moinhos  
de cilindros de martelos, Bombas, Motores,  
Guindastes, Fornos túneis para Cerâmica,  
Carbureto de tungsténio, Aparelhos de me-  
didas, Aços inoxidáveis

Equipamentos para Indústria Química

## MÁRMORES E CANTARIAS

# Dionisio Matias & C.<sup>a</sup> (Filho)

DEPÓSITO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

EXPORTAÇÃO PARA ILHAS, AFRICA E BRASIL

TUBAGEM DE GRÉS E SEUS ACESSÓRIOS—TIJOLOS—TELHA DE MARSELHA E ALHANDRA  
CIMENTO—AREIA—ARTIGOS DE CASA DE BANHO—TIJOLO E BARRO REFRACTARIO

**Cantarias para obras—Madeiras Nacionais e Estrangeiras**

MARMORES SERRADOS E POLIDOS—MOSAICOS—AZULEJOS NACIONAIS  
E ESTRANGEIROS—CAL PARA EXPORTAÇÃO

SEDE EM LISBOA:

Escritório: CAMPO DAS CEBOLAS, 12-A—Telef. 26-576

Armazens: CAMPO DAS CEBOLAS, D. M. F.

Sucursal no ESTORIL—Rua 31 (Entre a Rua Afonso Henriques e a estrada de Bicesse) Telef. 141

Sucursal em PAÇO D'ARCOS

## GRANDES ARMAZÉNS DO CHIADO

OS MAIORES DA PENÍNSULA

Os que maior sortido têm e mais barato vendem em todo o País. Fornecedores das JUNTAS DE FREGUESIA, do EXÉRCITO, MARINHA e da POLÍCIA, COOPERATIVA DOS CORREIOS, da CAIXA DE PENSÕES DOS CAMINHOS DE FERRO e outras.

### FILIAIS EM

Porto	Barril d'Alva	Figueira da Foz	Braga
Colmbra	Caldas da Rainha	Guarda	Beja
Abrantes	Covilhã	Portalegre	Torres Novas
Arganil	Évora	Santarém	e
Aveiro	Faro	Setúbal	Vizeu

Grandes Fábricas de Tecidos de Lã e Lanifícios, de Tecidos de Seda e Veludos, de Tecidos de Algodão, de Panos Branco e Crus, de Estamparia, de Tinturaria e Branqueação, etc.

## GRANDELA

Os Únicos Grandes

Armazéns do País

Sempre Novidades

aos melhores preços

## VICTOR NEVOA

Papéis especiais para  
Acções com marcas a  
água privativas

Todos os artigos para as  
Indústrias Gráficas

Rua da Victória, 7-2.º — LISBOA

Telefone 23 394

FABRICANTE DE ROLHAS DE CORTIÇA

*J. Ganiguez*

Telefone 36-192

CAÇADA DO GRILO, 5 E 7  
L I S B O A

## Pinheiro & Filhos, L.<sup>da</sup>

Fábrica de Passamanaria e Sirgueiria

Grande Prémio de Honra e Medalha de Ouro na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932  
— Medalhas de Ouro Rio de Janeiro de 1908 e 1922  
— Medalhas de Ouro Paris de 1900 e Sevilha 1929

Casa recomendada pela Companhia dos Caminhos de Ferro

Executa toda a qualidade de trabalhos de sirgueiria, tais como: Franjas, Cordões, Borlas, Embrasses, Galões, Requesites e Fitas de Seda — Cordões para Telefones e Campainhas — Cabos para ascensores — Suspensões para candieiros — Cordões para Abat-jours, etc.

Sede: 14-A — Rua Serpa Pinto, 14-D — LISBOA

Fábrica: Rua Silva Carvalho, 225 — Telefone 24704

## Ch. Lorilleux & C.<sup>ie</sup>

de Paris

TINTAS PARA IMPRENSA

Sucursal de Lisboa

R. PAIVA DE ANDRADA, 3-5

Telefone: 21875

Telefone 21901

## Litografia SALLES

TRABALHOS LITOGRAFICOS  
OFFSET E FOTOLITO

CARTAZES — RÓTULOS — ACÇÕES  
CALENDÁRIOS, Etc.

Rua de Serpa Pinto, 4 LISBOA

## ANTÓNIO VEIGA

CONSTRUTOR CIVIL DIPLOMADO I. I. L.

Empreiteiro das seguintes obras do Estado:

CONSTRUÇÃO do viaduto de Vila Meã, do viaduto do Tâmega, do Bairro da Quinta das Furnas e da ampliação do Bairro da Boa Vista. CONSTRUÇÃO dos arruamentos entre a Alameda Afonso Henriques e a via férrea — 2.ª fase. Dos arruamentos a sul da Av. Alferes Malheiro — 3.º e 4.º grupos. Do 1.º grupo de casas de Renda Económica a sul da Avenida Alferes Malheiro, Etc.

Escritório: Praça dos Restauradores, 13-3.º

Telefone 2 7845

LISBOA

Officinas: { Rua Fernando Palha, 56  
Rua do Telhal, 28 (ao Poço do Bispo)  
Telefone 3 9344

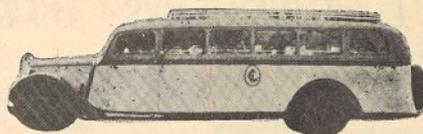
**ANTÓNIO BRUNO DOS SANTOS  
TEIXEIRA (FILHOS), L.<sup>DA</sup>**

**Sucessores de RIBEIRO & BRUNO  
FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE**

Pressas Maille e Marmonier — Colunas para vigamentos e escadas — Canudos para grades — Ornatos para portões — Louças — Sifões para esgoto — Grelhagens para claraboias — Painéis para sacadas — Buchas para carros e trens — Bucins para carretas — Alcaravizes para forjas — Charruas e seus pertences, etc..

**PREÇOS RESUMIDOS**

**RUA DA BICA DO SAPATO, 46 (ao Caminho de Ferro)  
LISBOA — Telef. 2 6139**



**Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs**

**S. A. R. L.**

**TÁXIS PALHINHAS**

Todo o transporte em automóveis dentro e fora do País. Carros especiais para transporte de mobílias  
AUTOMÓVEIS LIGEIRAS CAMIONETAS DE CARGA  
Av. Visconde de Valmor, 46, 46-G / R. Visconde de Santarém, 59  
Telefone 74041/2 Telefone 74043

**WIESE & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>**

**AGENTES DE NAVEGAÇÃO**

**RUA DO ALECRIM, 12-A**

Telef. P. B. X. 2 0181

**LISBOA**

**ÀS FÁBRICAS**

DE

SABÕES, SABONETES, COSMÉTICOS, CERAS, VELAS, TINTAS, VERNIZES, SECANTES, MASSA CONSISTENTE, RESINAS, TEXTEIS, BORRACHA, ASFALTOS, etc.

E INDUSTRIA QUIMICA EM GERAL

recomendamos o emprego de:

**NEO-FATS**

(ácidos gordos fraccionados — óleos sintéticos)  
e ainda:

**ARMEENS — RNH,  
ARMIDS — RCONH,  
ARNEELS — RCN**

PRODUTOS DA :

**ARMOUR CHEMICAL DIVISON-CHICAGO-U S. A.**

Distribuidor exclusivo para Portugal e Colónias:

Agência de Representações Farmobiológicas

Rua Andrade, 46-2.º — LISBOA

**CASA RIBEIRO  
SIRGUEIRIA**

Guarnições para todo o género de decorações  
:-: Franjas, Borlas, Galões e Cordões :-:

**Rua Ivens, 48 — Telef. 27217 — LISBOA**

FÁBRICA DE SIRGUEIRIA  
PASSAMANARIA E TREFILARIA

Calçadinha do Tijolo, 58 Telef. 2 5089

VINHOS DE PORTUGAL

**Sociedade dos Vinhos do Sul, L.<sup>da</sup>**

**Vinhos de mesa** — Tintos, Brancos e Clarêtes

**Vinhos Licorosos** — Lisbon White, Tawny, Full e Absfados

**Aguardente** de vinho e preparada (Brandy) em pipas e em garrafas

**PREÇOS DE CONCORRÊNCIA**

Trav. da Glória, 19 — LISBOA

Telegr.: «Sulvinhos» Telefones: 2 6317-3 2577

**José Gomes da Silva**

**ALUGUER DE FRAGATAS  
NO RIO TEJO**

**ALFÂNDEGA**

Escritório: PROPRIETÁRIOS DE FRAGATA

LISBOA — Telef. 2 8538

**J. L. FREITAS, LTD.**

TELEGRAMAS:  
PORINTER-LISBOA  
TELEFONE 31732

CODIGOS:  
BENTLEY'S  
A. B. C. 5.º E 6.º

IMPORT.-EXPORT.  
TODOS OS PRODUTOS  
COMPENSAÇÕES

LISBOA—PORTUGAL  
44, RUA IVENS

**BRINDES ÚTEIS:**

PASTAS, ÁLBUNS, LAPISEIRAS, CANETAS  
DE TINTA PERMANENTE, MOLDURAS, etc.

CALENDÁRIOS E CARTÕES ARTÍSTICOS

**ARTEX, papelaria**  
85, 87, Rua Nova do Almada  
TELEFONE 2 6656

**RODRIGUES OCULISTA**

Bom e moderno sortido. Trabalho perfeito. Preços módicos. Desconto de 10 % aos ferroviários

Enviem-se encomendas pelo correio sem aumento de preços

Rua da Prata, 142-146  
L I S B O A

**Garagem Stadium, L.<sup>da</sup>**

Direcção técnica do sócio António Costa

**REPARAÇÕES MECÂNICAS**

Em todas as marcas de automóveis por pessoal especializado em FIAT, LANCIA, CHRYSLER e RENAULT. — Bate chapa. Soldadura a Autogénio. Electricidade. Recolhas. Estação de Serviço. GASOLINA, OLEOS, PNEUS e mais acessórios

Avenida Defensores de Chaves, 71-A, 71-B  
Telefone 7 5101

**António Miguel de Carvalho & C.<sup>ª</sup>**

Import. — Export.

EXPORTAÇÃO PARA ÁFRICA  
IMPORTADORES DE PELES DE  
CABRA DE CABO VERDE

Rua do Alecrim, 46, s/l—LISBOA  
Telog. ANTSI—Telef. 2 7211

TELEFONE 2 6212

**Litografia Castro**

CASA FUNDADA EM 1850

Monteiro Cardoso & Ferreira, L.<sup>da</sup>

Trabalhos comerciais, artísticos e de luxo.  
Acções, letras, cheques, mapas, cartazes,  
—:— rótulos, músicas, etc., etc. —:—

Travessa das Pedras Negras, 1—LISBOA

FÁBRICA DE LICORES E XAROPES

**«A ESMERALDA»**

156, Rua do Poço dos Negros, 160 —LISBOA



Peça em toda a parte os licores e xaropes desta marca — Impõem-se pelo seu esmerado fabrico

Telefone 4 5716

**José Raul de Carvalho, L.<sup>da</sup>**

FÁBRICA DE REFINAÇÃO DE AÇÚCAR

Rua da Palma, 306—LISBOA

# Aço Vasado

Aço ao convertidor, forno eléctrico e ao cadinho.  
Peças fundidas para material de caminhos de ferro,  
minas, máquinas de minério e outras aplicações

Laboratórios de ensaio e controle privativos

## ALFREDO ALVES & C.<sup>A</sup> (Filhos)

ENGENHEIROS-CONSTRUTORES:

C. G. Alves — A. T. Alves

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES  
(Incorporadas em 1945)

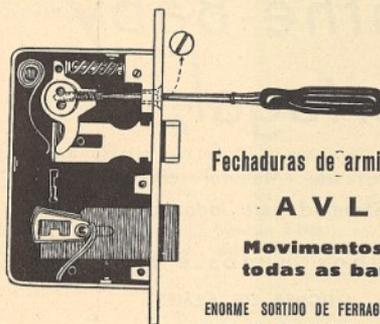
Telefones: P. B. X. 3 1710-3 1719

Telegr.: «FREDALVES»

Agência no Porto: Praça D. João I, 25, 1.º  
TELEF.: 2 4771

Rua Academia das Ciências, 5  
LISBOA

## GUEDES SILVA & GUEDES, L.<sup>DA</sup>



FERRAGENS  
CROMAGEM  
FERRAMENTAS

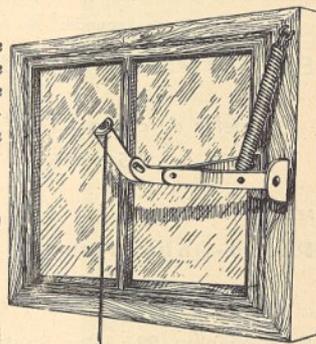
Fechaduras de 'armilhar' e trincos

AVLIS

Movimentos para  
todas as bandeiras

ENORME SORTIDO DE FERRAGENS MODERNAS EM  
TODOS OS ESTILOS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Grande Prémio de  
Honra e Medalha de  
Prata na Grande  
Exposição Indus-  
trial Portuguesa  
de 1932



32, Rua Eugénio  
dos Santos, 32

Telefone 2 3746  
LISBOA

WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL, COMPANY  
U. S. A.

AR CONDICIONADO  
VENTILAÇÃO  
AQUECIMENTO  
E  
REFRIGERAÇÃO  
INDUSTRIAL

Representante e Distribuidor Exclusivo  
em Portugal e Ilhas

Metalúrgica da Longra, Lda.  
RUA B, ÀS AMOREIRAS, 1—LISBOA  
TELEFONES: 6 7071 - 6 7072

ESTUDOS E INSTALAÇÕES

Assistência Técnica Especializada

## Santos Mendonça, L.<sup>da</sup>

LISBOA PORTO

Rua da Boa Vista, 83 Praça da Liberdade, 114

PRODUTOS QUÍMICOS

PRODUTOS METALÚRGICOS (ferrosos e não ferrosos)  
para todas as indústrias

INSTALAÇÕES PARA TRATAMENTO DE ÁGUAS  
E SANEAMENTO



SOLICITAMOS INQUÉRITOS

# Pathé-Baby Portugal, L.<sup>da</sup>

Fornecedores de Material cinematográfico  
sub-Standard para todos os fins

**Aparelhos mudos e sonoros**

ALUGUER DE FILMES

Laboratórios cinematográficos para filmes estreitos

Cópias \* Legendas \* Montagem

**ESTUDIOS PARA FILMAGENS**

Modelos da classe — «PAX» e «GEM»

9,5 ou 16 m/m

PEDIDOS A

**Pathé-Baby Portugal, Limitada**

LISBOA PORTO

R. S. Nicolau, 22 Rua Santa Catarina, 315

# INGERSOLL-RAND

**EQUIPAMENTOS PARA CAMINHOS DE FERRO**

Compressores — Ferramentas pneumáticas — Bombas —  
Aço de perfuração — Sondas — Válvulas «SAUNDERS»  
Equipamento para minas

## AGENTES

Em Lisboa: MINASTELA, L.<sup>da</sup> Rua Alexandre  
Herculano, 11, F. No Porto: ÁLVARO ARNAUD  
Praça D. João I, 25, 7.º Em Viseu: ANGLO-  
-PORTUGUESA INDUSTRO-COMERCIAL, L.<sup>da</sup> Rua Serpa  
Pinto, 76-80. Para as Colónias: METROCOL, L.<sup>da</sup>  
R. dos Douradores, 6, 3.º, direito, Lisboa.

Telegramas: INGERSOLL Lisboa Telef. 29 671  
Praça Duque da Terceira, 24, 3.º Esq.

**LISBOA**

# Companhia «Cimento TEJO»

**Fábrica em Alhandra**

**CIMENTO PORTLAND ARTIFICIAL**

**Ferro para fundição**

SEDE:

Rua da Vitória, 88-2.º — LISBOA

TELEFONES: 28 552 — 28 553

FILIAL:

Avenida dos Aliados, 20-3.º — PORTO

TELEFONE: 1 551

# José Gaspar Carreira, L.<sup>da</sup>

CASA FUNDADA EM 1896

ARMAZÉM DE PAPELARIA  
ARTIGOS DE ESCRITÓRIO  
MERCEARIAS FINAS  
SABONETES E PERFUMARIAS

Escritório e Armazém:

Rua dos Fanqueiros, 360-1.º

(Em frente ao mercado da Praça da Figueira)

Tele { fone 27 656

gramas «Parcarreira»

**LISBOA**

# Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS  
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Sêca, 7, 1.º — LISBOA — Telefone: P B X 2 0158; Direcção: 2 7520

Premiada nas Exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pôrto, 1897 e 1934,  
Liège, 1906; Rio de Janeiro, 1908. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, (Estados Unidos), 1904

Delegado no Pôrto: CARLOS ROCHA, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 65-2.º, Telefone 2 4736

Delegado em Espanha: JUAN B. CABRERA, Apartado 4069, Madrid

# 1465



1 — JANEIRO — 1949



# ANO LX

ano

61.

Número avulso: Esc. 5\$00. Assinaturas: Portugal  
(semestre) 30\$00 Africa (ano) 72\$00. Números  
atrazados 7\$50 — Números Especiais (avulso) 25\$00

CONSELHO DIRECTIVO :

General RAÚL ESTEVES  
 Coronel ALEXANDRE LOPES GALVÃO  
 Engenheiro RAÚL DA COSTA COUVREUR  
 Engenheiro AUGUSTO CANCELA DE ABREU  
 Engenheiro LUIZ FERNANDO DE SOUZA

DIRECTOR:

CARLOS D'ORNELLAS

REDACÇÃO:

Engenheiro ARMANDO FERREIRA  
 ALVARO PORTELA  
 REBELO DE BETTENCOURT

COLABORADORES.

General JOÃO DE ALMEIDA  
 Coronel de Eng.º CARLOS ROMA MACHADO  
 Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES  
 Coronel de Engenharia ABEL URBANO  
 Major de Engenharia MÁRIO COSTA  
 Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN  
 Capitão de Engenharia JAIME GALLO  
 Major Aviador HUMBERTO CRUZ  
 ANTONIO MONTEZ  
 Engenheiro Capitão ADALBERTO FERREIRA PINTO  
 Dr. MANUEL MÚRIAS  
 GUERRA MAIO  
 Dr. BUSQUETS DE AGUILAR  
 CARLOS C. S. GONÇALVES  
 CARLOS BIVAR  
 J. L. COELHO DOS REIS  
 Professor VIDAL CALDAS NOGUEIRA

COLABORADOR ARTÍSTICO :

STUART DE CARVALHAIS



S U M Á R I O

Caminhos de Ferro, pelo <i>General RAUL ESTEVES</i> . . . . .	3
Balanco ferroviário de 1948, pelo <i>Capitão de Engenharia JAYME GALLO</i> . . . . .	6
Da influência das Vias de Comunicação nas Concentrações Populacionais, por <i>ALBERTO CARLOS BRAGA JUNIOR</i> . . . . .	8
Imagens da Suíça, por <i>ANTÓNIO MONTES</i> . . . . .	12
Problemas Sociais, pelo <i>Professor VIDAL CALDAS NOGUEIRA</i> . . . . .	16
Os Caminhos de Ferro Portugueses em 1949, por <i>J. LUCAS COELHO DOS REIS</i> . . . . .	17
Caminhos de Ferro no Ultramar, servindo o «interland» estrangeiro, por <i>GUERRA MAIO</i> . . . . .	19
Actividade dos Caminhos de Ferro de Moçambique, pelo <i>Professor JOSÉ FRANCISCO RODRIGUES</i> . . . . .	21
Um percalço ferroviário, por <i>ALEXANDRE SETTAS</i> . . . . .	23
Efemérides ferroviárias, por <i>CARLOS NONO</i> . . . . .	25
Entre os doutores de Lamego, por <i>AQUILINO RIBEIRO</i> . . . . .	27
Caminhos de Ferro da Birmânia (Burma), por <i>CARLOS BIVAR</i> . . . . .	30
Faz agora anos!, pelo <i>Major-aviador HUMBERTO CRUZ</i> . . . . .	33
O Aeródromo das Lagens na Ilha Terceira, por <i>BRENO DE VASCONCELOS</i> . . . . .	35
Engenheiro Raúl da Costa Couvreur . . . . .	39
Coronel de Engenharia Lopes Galvão . . . . .	39
O Mundo há sessenta anos, reportagem retrospectiva de <i>REBELO DE BETTENCOURT</i> . . . . .	40
Linhas Estrangeiras . . . . .	44
Recortes sem Comentários . . . . .	45
Guimarães . . . . .	49
Covas e as suas aspirações . . . . .	55
Aveiro e os seus grandes recursos . . . . .	62
Agueda e a sua importância económica . . . . .	69
Estarreja — As possibilidades económicas desta linda vila . . . . .	72
A Vila de Ovar e os seus encantos . . . . .	76
Oliveira de Azeméis — Cucujães . . . . .	79
S. João da Madeira — Uma grande cidade em formação . . . . .	82
Vila da Feira — As suas possibilidades económicas . . . . .	85
O Palácio de Cristal, no Porto, vai ser substituído . . . . .	89
Notas da Quinzena, por <i>REBELO DE BETTENCOURT</i> . . . . .	94
Há 50 anos . . . . .	96

# *Caminhos de Ferro*

---

Pelo General RAUL ESTEVES

**O** considerável desenvolvimento que assumiram, nos tempos modernos, os novos meios de transporte, como o automobilismo e a aviação, criou para os caminhos de ferro, uma nova situação que, por toda a parte, tem chamado a atenção dos poderes públicos para lhes dar uma conveniente solução.

Na verdade, os caminhos de ferro que, por tantos anos, detiveram a posição de principal agente das comunicações terrestres, com a garantia de uma espécie de quase monopólio, ofereciam então as necessárias condições para atrair o emprego dos capitais particulares, que assim vieram colaborar no estabelecimento das redes ferroviárias de cada país.

Com a nova situação criada nos modernos tempos, em que a concorrência dos outros meios de transporte veio alterar profundamente aquela posição fundamental, o problema revestiu uma feição que não pode rigorosamente ser encarada pela forma que anteriormente se lhe atribuíra.

Por um lado, o desenvolvimento do tráfego não comporta as grandiosas proporções que deveria apresentar para satisfazer a concorrência, e digamos mesmo a sobreposição, de várias redes de transportes estabelecidas sobre o mesmo território.

Por outro lado, as exigências impostas pelos melhoramentos a introduzir necessariamente no antigo material de exploração ferroviária, acarretaram, sem dúvida, um considerável dispêndio, que não

era comportável para as disponibilidades das empresas que tinham a seu cargo aquela exploração.

Daqui resultou, evidentemente, que, por uma notável redução nas receitas e um importante acréscimo nas despesas, o balanço das empresas ferroviárias acusou um desequilíbrio difícil de remediar.

A única e lógica solução a adoptar para se acudir eficazmente a este estado de coisas, consistiria, naturalmente, em ir procurar a uma elevação de tarifas a necessária compensação para obter o aumento de receitas da indústria que assim se manifestava em crise.

Mas esta solução, que as circunstâncias ocorrentes exigiam que alcançasse uma importante verba, vinha trazer como consequência inevitável um reflexo bastante nocivo para a economia nacional, e assim o estudo do problema teria de ser convenientemente remontado até às suas bases primordiais no que respeita ao carácter que lhe deve ser atribuído de um verdadeiro problema nacional.

\* \* \*

Como primeira base a encarar neste estudo ocorre necessariamente a definição exacta da posição dos caminhos de ferro no conjunto da organização social de um país, e essa definição pode ser perfeitamente expressa na seguinte questão:

E' necessária à economia nacional a existência de uma rede ferroviária?

Sem nos explanarmos na longa e conhecida série de fortes argumentos que se apresentam em prol da resposta afirmativa, podemos concluir sem restrição que ela é absolutamente justificada.

Sendo assim, outra questão se segue que contribui poderosamente para caracterizar a actual posição dos caminhos de ferro em relação à sua conveniente exploração.

Essa questão é a que se refere às condições que reveste hoje essa exploração para que admitamos que ela possa ser objecto de uma indústria particular, com a necessária retribuição que ela deve exigir.

Ora, neste ponto, cremos bem que dificilmente se poderão criar para a exploração ferroviária, condições remuneradoras que atraiam hoje o avultado emprego de capitais particulares.

Essas condições só poderiam resultar de exageradas restrições impostas a outros meios de transportes que com ela não estivessem associadas, e de um aumento de tarifas quase ruinoso para a economia nacional.

Assim, a nosso ver, o problema tem de ser encarado de um ponto de vista superior, tendo em atenção principalmente os verdadeiros interesses nacionais.

Procura-se, actualmente, em muitos países, realizar o que se chama a coordenação dos transportes, e entre nós começou-se por fomentar a fusão de todas as empresas ferroviárias.

Mas, salvo melhor opinião, crêmos que esta unificação, restrita unicamente aos transportes ferroviários, deixa o problema lamentavelmente mutilado, pois que, como se conclui do que temos dito, a coordenação mais eficaz tem de abranger também, sob a mesma direcção, outros transportes concorrentes.

Ocorre naturalmente indagar se tal coordenação pode caber nos recursos e nas atribuições de uma empresa particular, e, se esta, a formar-se hoje de novo, encontraria o necessário ambiente favorável nos meios capitalistas que a tem de financiar.

Esta é, a meu ver, a primeira e principal questão que deve ser posta quando se queira estudar praticamente o assunto.

O auxílio que o Estado possa prestar à realização do objectivo apontado, para ser realmente eficaz, ha-de revestir necessariamente um carácter absorvente que quase se pode considerar como uma apropriação efectiva da exploração dos Caminhos de Ferro, e assim resultaria para eles uma posição análoga à que justificadamente têm os Correios e Telegrafos.





Locomotiva Diesel-Eléctrica, n.º 104, de uma série destinada aos Caminhos de Ferro Portugueses

## Balanço ferroviário de 1948

Pelo Capitão de Engenharia JAYME GALLO

A rede ferroviária portuguesa, sem progresso desde 1938, ano em que se abriu à exploração a linha de Cintura do Porto (18 quilómetros de Contumil a Leixões), foi em 1948 ampliada com 14 quilómetros de via larga, assentes entre Cabeço de Vide e a estação de Portalegre, ligando as linhas de Evora e Leste, e, com 17 quilómetros de via estreita, de Celorico de Basto ao Arco de Baulhe, em prolongamento da linha de Vale de Tâmega, que continua *linha de saco*, com extensão agora de 53 quilómetros.

À parte tão limitada ampliação da nossa rede ferroviária, ficam em curso trabalhos de consolidação em diferentes linhas, como substituição de pontes, renovações e balastragens de via, etc.; trabalhos de ampliação de algumas estações, como sucede em Torre da Gadanha, Beja e Portalegre; e, duplicação de via entre Cacém e Sintra e entre Chão de Maçãs e Caxarias.

A variante de Beja, de extensão 15700 metros,

deveria também incluir-se nos melhoramentos ferroviários realizados em 1948, mas, circunstâncias mais ou menos justificáveis, são motivo para que apenas 2000 metros desta linha tenham sido assentes. Como já tivemos ocasião de referir noutro número da *Gazeta*, esta variante encurta o desenvolvimento da linha do Sul de cerca de um quilómetro, e vem melhorar consideravelmente o traçado actual entre Beja e Santa Vitória, simplificando também enormemente a exploração, porque suprime a inversão de comboios e locomotivas na estação de Beja, em seguimento da linha Sul.

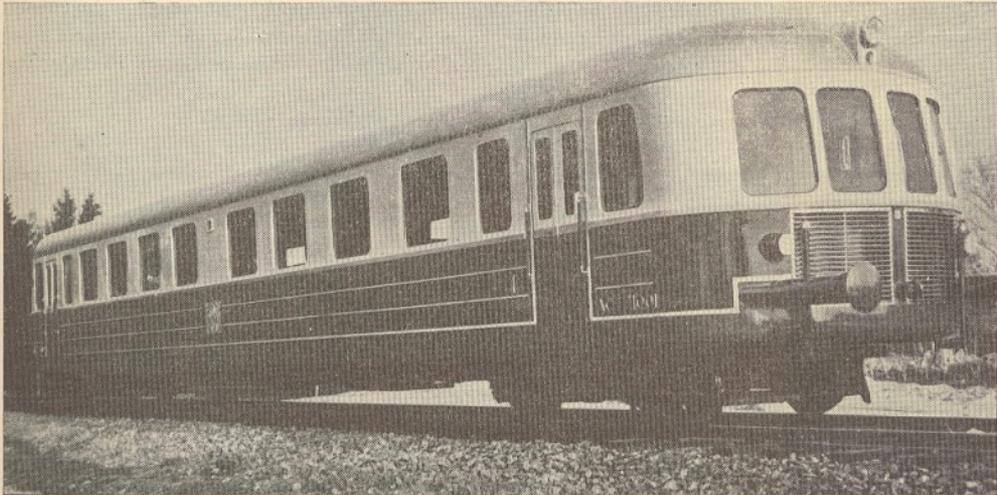
A tão pouco, como acabamos de indicar, se reduzem os melhoramentos que merecem referência, levados a efeito em 1948, no sentido de aumentar a extensão e a importância da nossa rede ferroviária.

Em compensação, material circulante moderno veio valorizar bastante a rede dos nossos caminhos de ferro, aumentando as possibilidades de

exploração com manifesto benefício para o público e empresa concessionária. Assim ao mesmo tempo que potentes locomotivas Diesel-eléctricas, adquiridas na América, vieram aumentar as possibilidades da Tracção, também automotoras Diesel, recebidas da Suécia, carruagens metálicas importadas da Suíça e vagões americanos estão já circulando nas vias férreas largas, beneficiando o transporte de passageiros e mercadorias.

E' incontestável que, no nosso país, a rede ferroviária continua a não acompanhar o progresso da rede de estradas, a qual desde há anos pode considerar-se completamente renovada e consideravelmente ampliada, devido à preferência que, nos transportes terrestres, o Estado lhe tem dado, construindo inteiramente à sua custa, e suportando integralmente todas as despesas de conser-

rede ferroviária antes de 1938. De facto, nos últimos 40 anos, a rede de via larga foi ampliada apenas como segue: em 1908, conclusão do assentamento da linha de Évora a Móra (60 quilómetros) e abertura à exploração desta linha e do ramal de Pinhal Novo a Montijo (11 quilómetros); em Setembro de 1909, inauguração da exploração no ramal da estação de Torre da Gadanha a Montemor-Novo (12 quilómetros); em 1912, construção do pequeno ramal de Aveiro ao Canal de S. Roque (3 quilómetros), como dependência da estação de Aveiro e destinado exclusivamente a serviço de mercadorias; no mesmo ano, construção da abandonada variante da linha do Norte, entre o antigo apeadeiro de Sisto e a estação de Granja (5 quilómetros), prevendo que a continuação do avanço do mar, em Espinho, atingisse a



Automotora, de fabricação sueca, com lotação para cem pessoas, já prestando serviço nas nossas linhas

vação, sem a mínima participação da camionagem ou do automobilismo que usa as estradas.

Inaugurado em 22 de Maio de 1936 o troço do caminho de ferro do Vale do Sabor, entre Moga-douro e Duas Igrejas, com 33 quilómetros, elevando a 106 quilómetros a extensão d'esta *linha de saco*, cuja construção foi iniciada há mais de 40 anos, temos que na via estreita, decorridos 12 anos, só mais 17 quilómetros de caminho de ferro são entregues ao uso público.

Semelhantemente, na via larga, inaugurada em 18 de Setembro de 1938 a linha de Cintura do Porto (18 quilómetros de Contumil a Leixões), só agora, decorridos 10 anos, nova extensão de via larga se apronta (14 quilómetros) prolongando até à estação de Portalegre a linha de construção iniciada, em 1913, na estação de Estremoz.

Também não foram grandes os progressos na

actual linha férrea; de 1914 a 1920, inauguração da exploração em vários troços da linha do Vale do Sado, em extensão total de 140 quilómetros, ligando Setubal com Garvão; em Julho de 1923, abertura à exploração do pequeno troço de 4 quilómetros, entre Lavradio e Seixal; em Agosto de 1925, abertura à exploração até Souzel (20 quilómetros) do 1.º troço da linha de Extremoz a Castelo de Vide, de construção iniciada em 1913; em 1927, inauguração da linha de Évora a Reguengos (40 quilómetros) e do troço do ramal de Sines entre Ermidas e S. Bartolomeu (21 quilómetros); em 24 de Setembro de 1928, abertura à exploração da linha de Lamarosa a Tomar (15 quilómetros); em 1931, conclusão da linha de Louzã a Serpins (6 quilómetros); em 1934 e 1936, inauguração da exploração nos troços da linha de Sines, respectivamente de S. Bartolomeu a Santiago (10 quiló-

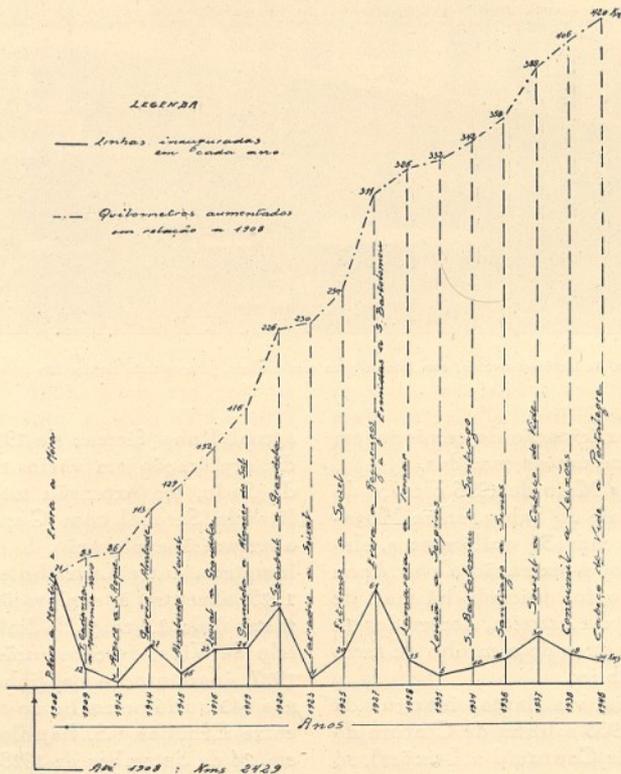
metros) e entre Santiago e Sines (16 quilómetros); e, finalmente em 1937, abertura à exploração do troço entre Souzel e Cabeço de Vide (30 quilómetros) pertencente à linha que iniciada em Extremoz no ano de 1913, fica em 1948 ligada à estação de Portalegre, com extensão de 64 quilómetros. Excluimos a linha assente em 1945 de Vale de Santarém a Rio Maior (30 quilómetros) por não estar entregue a serviço público, sendo por enquanto linha em regime de «ramal particular».

Como principal órgão da viação terrestre, parece que mais não mereceu ser valorizada a nossa rede ferroviária, no largo período de 40 anos, que terminou em 1948, o que achamos deveras lamentável, sabido que os caminhos de ferro, muito mais do que a viação por estrada, tem de contribuir permanentemente e de forma intensa para o aprovisionamento dos grandes centros de população e das indústrias que se encontram por todo o País.

Só os caminhos de ferro podem assegurar os transportes em grande volume e peso, a grandes distâncias, e, nestas condições, forçoso é considerar o transporte por estrada complementar do caminho de ferro; contudo, a escassos quilómetros acrescentados à rede ferroviária, corresponde sempre progresso muito maior na rede rodoviária, resultando que em 1949 a rede de caminhos de ferro em Portugal, comportará apenas 765 quilómetros de vias estreitas e 2.849 quilómetros de vias largas, dos quais 387 com via dupla.

Presta o automobilismo, sem dúvida, excelentes serviços ao público, dando-lhe acesso às localidades onde o caminho de ferro não poderia penetrar sem injustificáveis dispêndios, mas está também fora de dúvida que tanto na economia nacional em tempo de paz, como na defesa nacional em tempo de guerra, a rede ferroviária tem missão muito mais importante a desempenhar do que a rede de estradas, só desta forma se justificando a enorme despesa de sua instalação.

**Representação gráfica da progressão da rede de via larga de 1908 a 1948**



Excluído o troço de 30 quilómetros, assente em 1945, entre Vale de Santarém e Rio Maior, por não se encontrar ainda em serviço público

N. R. — Concluído este artigo, sabemos que a inauguração da exploração nas linhas do Cabeço de Vide a Portalegre e de Cabeço de Basto a Arco de Baulhe, se encontra marcada para Janeiro de 1949.

# Da influência das Vias de Comunicação nas Concentrações Populacionais

Por ALBERTO CARLOS BRAGA J.ºr

Subinspector do Serviço do Tráfego

NÃO estão de acordo em que a vida do homem se tornaria extremamente difícil sem vias de comunicação? Sabido que ele é obrigado a deslocar-se para prover à satisfação das suas múltiplas necessidades, logo se evidencia a conveniência de dispor de vias de comunicação que lhe permitam acesso aos meios essenciais à vida. Natural é, portanto, que o homem procure fixar-se onde conte com maior facilidade de movimentos e, onde essa facilidade se encontre, apareça em maior número.

Assim, dum modo geral, nós verificamos que os primeiros aglomerados humanos importantes surgiram junto dos grandes rios. Porquê? Simples coincidência? Não, decerto, mas porque os rios davam ao homem água em abundância e a água = pão + vias de comunicação. No alvorecer das primeiras civilizações, há mais de uma dezena de milhar de anos, os meios de produção ao alcance do homem limitavam-se a ferramentas toscas, feitas de pedra, pau ou osso, o que tornava tarefa extremamente penosa, sem água que a amolecasse, rasgar a face endurecida da terra; o revestimento florestal ocupava extensões enormes da superfície do globo, restringindo grandemente as zonas de cultura que só com irrigação sistemática propiciavam ao homem certa fartura de alimentos em toda a roda do ano; o homem ainda não aprendera a domesticar o cavalo, que durante muitos séculos seria o seu veículo mais rápido, mas já sabia fazer barcos; as florestas densíssimas, onde em cada recesso podia encontrar-se um inimigo, com mil e um obstáculos a empear a marcha, não favoreciam a circulação por terra, que era a pé. Como não havia ele de preferir, para viver, as vastas planícies que as águas dos grandes rios tinham trans-

formado em oásis perpétuo, onde o solo era fácil de cultivar, a colheita abundante, e nada entravava a liberdade de movimentos?! Deu pois em abandonar seu mister de caçador errante, muito mais contingente e erizado de dificuldades, para se entregar ao cultivo do solo e as moradias começaram a aparecer ao longo dos rios, adensando-se no sentido da foz, estação término da grande via que era o rio e testa de outra via maior — o mar.

No entanto, o quadro que acabamos de esboçar não corresponde sempre, nas suas linhas gerais, à forma como foram criadas as condições de desenvolvimento de todas as primeiras civilizações conhecidas. Uma delas, a civilização Egeia, fez-se diferentemente. Não tiveram os Egeus como pátria nem planuras de largos horizontes, nem rios de águas fecundantes, mas o espaço limitado das ilhas do Mar Egeu, pequenos terraços permanentemente a remirarem-se no mar azul, em que a água para a cultura era dom de um céu pouco pródigo e a terra tinha muitas vezes que ser raspada do dorso das montanhas. Que se daria então, para que suas cidades crescessem e tanto prosperassem, a despeito de certa escassez de alimentos básicos, para que as artes e manufacturas atingissem cumes inacessíveis às outras civilizações, para que se gozasse dum conforto e nível de vida que só muitas dezenas de séculos após a sua derrocada trágica, o homem tornaria a encontrar? Apenas isto: a estrada rutilante do Mediterrâneo que os Egeus, colocados no centro do mundo civilizado de então, percorriam em todas as direcções e conheciam como nenhuns outros. Bastava a história da civilização Egeia para salientar o papel de importância das vias de comunicação na formação das concentrações popu-

lacionais. E' a história de todo um povo que, vindo do mar ao alcance da mão e sabendo-se detentor do nó das comunicações entre os povos de civilização adiantada que marginavam o Mediterrâneo, se dedicou a explorar pacificamente a indústria de transportes, praticada através do comércio com esses povos. E daí resultou a formação de novos núcleos populacionais nos portos frequentados, que não só se tornaram entrepostos comerciais mas, também, outras tantas malhas na apertada rede do seu sistema de comunicações.

Mas o fenómeno de concentração populacional, provocado pelas vias de comunicação, ocorre igualmente no interior dos continentes e, em muitos casos, em sítios bem afastados das regiões ribeirinhas. Com o correr dos séculos, o homem, que atacara as florestas, quer para aumentar a área de cultura, quer para extermínio dos inimigos de toda a espécie que nelas se acotavam ou pela aventura da caça foi abrindo caminhos pelo emaranhamento vegetal. Por esses caminhos, muitos dos pequenos núcleos de seres humanos que viviam disseminados entraram em contacto uns com os outros. De início, parece que sempre se guerreavam, mas acabavam, depois, por se concertarem, estabelecendo relações entre si, principalmente para permuta de seus produtos. Quando se reuniam, era em regra onde os caminhos se cruzavam ou deparavam com obstáculos naturais tais como rios, serras, etc., porque cada grupo vinha de seu lado. Da frequência dos encontros, que era natural durarem alguns dias por deverem ser acompanhados de folguedos e celebrações de vária ordem, transpareceu a conveniência de, nesses locais, existirem habitações e, em regra, aparecia sempre quem decidisse instalar-se lá. Estavam lançados os fundamentos duma povoação, talvez de futura cidade, porque pelos seus variados apelos sobre os instintos do homem, entre os quais muito pesava a necessidade de convívio social, iria tornar-se num centro de atracção da região. O mais, era uma questão de tempo e, com o fiar dos anos os caminhos transformaram-se em estradas e no sítio onde aparecera a moradia isolada erguer-se-ia povoação de numeroso casario que o escopro da estrada talharia ao sabor do fenómeno da circulação.

A propósito, convém referir que ao longo e nas encruzilhadas dessas estradas chapeadas de pedra, que os romanos, talando florestas, galgando rios e transpondo serras abriam, a cruzar toda a Europa, para firmar o seu império, nasceram povoações sem conta e, entre elas, cidades, que são hoje das primeiras do mundo. No nosso país, desempenham essas estradas papel importante, atraindo aos vales e à planície os grupos aborígenes que se encontravam dispersos pelo alto dos montes, em castros, ao mesmo tempo que assentaram o traçado das linhas mestras do povoamento de Portugal.

• • •

Não se deve, no entanto, concluir que as vias de comunicação foram causa de todas as povoações existentes ou só elas influíram na sua formação. Estamos mesmo convencidos de que, em determinado estádio da existência do homem, a facilidade de acesso aos sítios em que se fixara contrariava o seu progresso, porque, constituindo agrupamentos pouco numerosos e não tendo criado ainda condições de defesa que lhe permitissem, em qualquer emergência, lutar vantajosamente contra os poderosos inimigos que o assediavam, o homem, para poder subsistir, teve por vezes de procurar abrigo em pontos onde a liberdade de movimentos estava bastante cerceada. Ali, com aquele poder fecundo de criação tão nosso conhecido e que o leva a cultivar tulipas e narcisos onde pouco antes pusera termo aos bramidos do mar ou a tornar férteis as areias escaldantes dos desertos ou a vastidão desoladora das tundras, lançou

raízes, arranjou condições de vida e, tomado do amor da terra, se deixou ficar pelos séculos fora — é o caso de muitas das pequenas aldeias que se encontram alcandoradas nos montes, vestidas da cor de terra, parecendo querer passar despercebidas entre tufos de vegetação. Outros factores também, tais como clima, fertilidade do solo, riquezas naturais, etc., que na maior parte dos casos actuam como estimulante sobre o homem, muito contribuem para a preferência que mostra por certas regiões desde há milhares de anos; todavia, a facilidade de comunicações nessas regiões permite a sua melhor exploração e, consequentemente, um maior povoamento.

Consideremos, por exemplo, o nosso continente — a Europa. Todos sabemos que nos começos do século XIX, há, portanto, digamos, cento e tantos anos, a Europa parecia ter atingido o ponto de saturação, quanto a povoamento visto a corrente de imigração para outras regiões do globo constituir farto caudal, cujo escoamento seria superior, por vezes, a meio milhão de almas por ano. Entretanto principiara a Revolução Mecânica, que trazia consigo maiores possibilidades de aproveitamento das riquezas da Terra: — intensifica-se a extracção do carvão e dos minérios, especialmente o de ferro, de que são necessárias quantidades enormes; as indústrias recebem grande impulso de muitos inventos; devido ao desenvolvimento das comunicações por mar, matérias-primas e alimentos afluem em abundância, vindos de vários pontos do globo, etc., etc. Em consequência disto, a vida é activada nos centros industriais, aonde a população accorre, deixando despovoados os campos, e a importância das vias de comunicação torna-se cada vez maior, a despeito da sua fraqueza em terra, onde se continua sujeito à velha estrada, já melhorada por Mac Adam mas ainda, como há milhares de anos, limitada à força e à velocidade do cavalo. O homem sente que a obra gigantesca que quer erguer — a sua obra — está ameaçada se não resolver o problema das vias de comunicação em terra, de maneira a permitir-lhe o transporte, não de 1 T. de carga, que é o caso do veículo rebocado pelo cavalo, mas de centos de toneladas ao mesmo tempo, e não desiste de seu intento: luta, luta e luta! Este ser complexo, feito de barro grosseiro e de claridades astrais, que, há milénios, iniciou sua marcha pelo mundo em porfia dum sonho que quer ver tornado vida e a que vota todas as energias, mesmo quando parece dispersá-las, e do qual nada, absolutamente nada, o consegue desviar — nem o sacrifício raciocinado de si próprio nem o ter de recomençar amanhã a obra hoje arrebatada, porque essa é a sua razão de existência — encontra a solução. . . E então vemo-lo tomado de febre estranha a perfurar serras, a rasgar montes, a atravessar rios só para afeiçoar uns trilhos por onde vão sendo desfiadas linhas que não se sabe onde irão findar. Por essas linhas, não há voz de «surge et ambula», mas só silvo estridente dum jacto de vapor, teorias de carros, levados num turbilhão de poeira, correm velozes em perseguição dum outro que vai empenchado de fumo e de cujas goelas escancaradas saiem línguas de fogo, tudo ao som de ruído infernal como de luta de gigantes, onde não falta nem o estridor do cruzar dos ferros, nem o arfar da arrancada para o golpe final, nem os gemidos dos agonizantes. E os seres humanos, que, perdidos do mundo e esquecidos no Tempo, habitam as regiões por onde as linhas vão sendo desenroladas, sentem-se atraídos para elas, presos da sua força misteriosa que faz erguer casas à sua volta, estremecer as searas em ondulação mais grossa e vestir a terra de alegria, como que fecundada.

E assim a Europa, que nos começos do século XIX parecia, com cerca de 175 milhões de habitantes, não comportar maior densidade de população, apresenta, cento e tantos anos depois, para cima de 500 milhões, graças, em grande parte, a essas linhas, sobre as quais o homem, do

minando a força de expansão do vapor, pôs o fogo e a água a trabalharem para si.

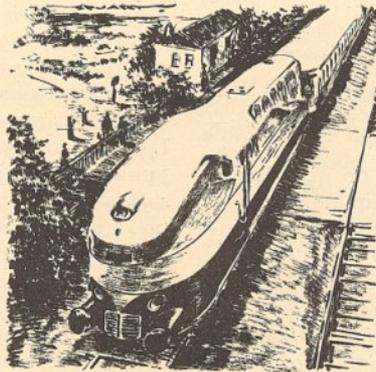
• • •

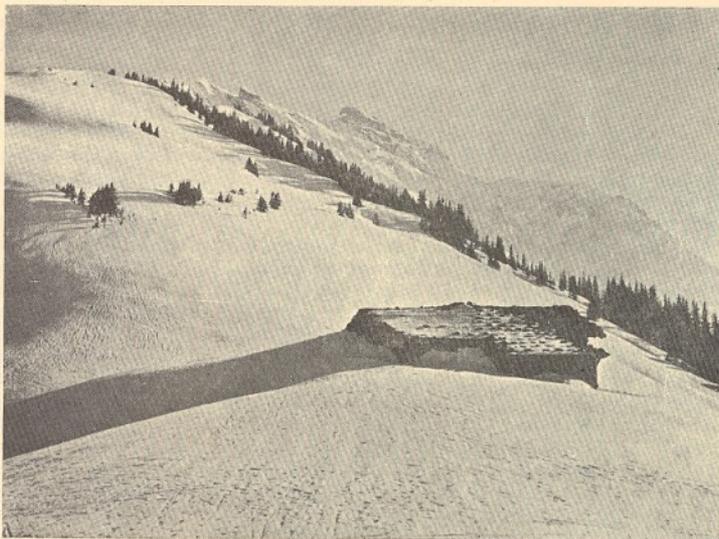
É, porém, na parte da América que constitui hoje os Estados Unidos e desde a data em que se iniciou a sua colonização pelos Europeus, ou seja fins do século XVI, que melhor se observa a influência das vias de comunicação — entre as quais o caminho de ferro veio a ter papel de relevo — na formação e desenvolvimento das grandes concentrações populacionais. O afluxo de colonos, que não pára de engrossar, vai alastrando, primeiramente, pelas regiões costeiras — porque aí existe maior facilidade de movimentos — desde o Estado do Maine até o da Flórida, regiões onde aparecem as primeiras cidades. Depois, e, mais lentamente, afasta-se da costa, mas seguindo, dum modo geral, o curso dos rios navegáveis — aqui e além, núcleos perdidos na vastidão do continente, povoações vão aparecendo aos poucos nos estados de Indiana, Kentucky, Mississippi, Louisiana, etc. Ao principiar o século XIX ainda não fora percorrida metade da distância que separa a costa do Atlântico da do Pacífico e pode dizer-se que as povoações e as escassas cidades — nenhuma, talvez, de 100.000 habitantes — estão situadas para leste do grande rio: faltam as vias de comunicação e as riquezas que existem na maior parte do solo e subsolo continuam aguardando que o homem as vá desentranhar. No entanto, em 1821, já está ultrapassado o Missouri e as povoações vão surgindo em ritmo mais apressado — os rios, entre os quais avulta o Mississippi, a propósito do qual Mark Twain, um dos grandes escritores de todos os tempos, deixou páginas admiráveis de humor,

começam a ferver de nova vida no rítmico padejar dos barcos a vapor. Está já próximo o grande acontecimento, que ocorre em 1830: o aparecimento do caminho de ferro. Este desenrola suas linhas através da imensidade da pradaria e cruza os Estados Unidos em todas as direcções numa actividade que de longe ultrapassa a verificada no continente Europeu. Na sua esteira, como sementeira de gigantes, cidades nascem umas após outras e, com vigor tal, que 100 anos depois — apenas um século, tempo que a vida de alguns seres humanos supera — dos 115 milhões que habitam os Estados Unidos, talvez mais de 1/3 encontram-se agrupados em 70 cidades, de mais de 100.000 almas. As vias de comunicação, e, entre elas, principalmente, o caminho de ferro, permitindo a exploração do manancial de riquezas que existia em potencial na vastidão do território americano, geram actividades que se polarizaram em volta dos pontos que ofereciam mais vantagens à circulação.

• • •

Depois de termos procurado mostrar que as vias de comunicação, ao facilitarem a aquisição dos meios essenciais à existência humana, ao permitirem a vida de relação entre os homens, ao contribuírem para o aproveitamento das riquezas da terra, exercem influência notável no povoamento do globo pelo homem, não só na sua fixação em regiões desabitadas como na concentração nos pontos mais propícios à circulação, desejaríamos referir-nos, também, à maneira como as vias de comunicação, causa e efeito do fenómeno do povoamento, actuam na formação das concentrações populacionais. Prometemos, todavia, fazê-lo em outra oportunidade.





PAISAGEM DE INVERNO NA SUÍÇA

# Imagens da Suíça

P o r   A N T Ó N I O   M O N T Ê S

Chefe do Serviço de Turismo e Publicidade da C. P.

**N**ÃO há ninguém de bom gosto que, ao chegar o verão, não pergunte a si mesmo:— Onde passar as férias?

Conheci a Suíça, vista do ar, quando, vai para dez anos, atravessei aquele país em avião, a caminho da Alemanha. Lembro-me que aterrei em Genève, que passei ao lado do Monte Branco, que vi do alto as pontes de Basel, entrando na Alemanha pela Floresta Negra.

Com pesar meu, nunca tinha viajado naquele país de maravilha, conhecido em todo o mundo pela sua hospitalidade e pelos cuidados especiais que, de há longos anos, dedica à indústria do turismo. Sempre que pensava gozar as férias na Suíça, encontrava um «conselheiro» que me falava na moeda, no custo da vida, na carestia dos transportes, no exagerado preço dos hotéis. Os anos foram passando, e a Suíça ocupava já um lugar distante no quadro das minhas aspirações turísticas...

No verão passado, decidi-me e corri à Delegação do Centro Nacional do Turismo Suíço em Lisboa onde, depois de dizer os dias de que dispunha, de indicar a categoria dos hotéis que desejava e os nomes das terras que pretendia visitar, me forneceram um programa detalhado da minha digressão pela Suíça.

Olhei o programa, vi quanto gastava, consultei o horário dos comboios e, sem demora, meti-me no «Sud-Express» a caminho de Hendaie. Depois do almoço, tomei o comboio que liga os Pirineus aos Alpes, e no outro dia de manhã, estava em Genève, a linda cidade que me lembrava aqueles postais coloridos que nos mostravam em pequenos, com águas azuis sulcadas por velas brancas, altas montanhas cobertas de néve e o céu, lá no alto, a encher de luz paisagens maravilhosas.

Um comboio rápido levou-nos a Montreux. Um passeio no Lago Lemán, uma excursão a Roehers de Naye durante a qual tive ocasião de

disfrutar alguns dos mais belos panoramas da encantadora Suíça, preencheram dois dias deliciosos. A tranquilidade do lago, a visita ao castelo de Chillon, as flores a brotarem de todos os cantos, fazem de Montreux uma estância de repouso das mais recomendáveis.

A viagem para Interlaken, por Zweisimmen, constitui motivo de raro encantamento. O excelente comboio do MOB, proporciona-nos deslumbrantes espectáculos de montanha e durante a inesquecível digressão, verificámos que não existe palmo de terra que não esteja aproveitado, que não há montanha que o turismo desconheça, que não há local onde os desportos sejam ignorados. O comboio segue por curvas apertadas, trepa a grandes alturas, salta viadutos enormes, atravessa túneis extensos e quando pára nas estações, verificámos a ordem, a disciplina, a educação da pequena nação que, graças às virtudes exemplares do seu povo, conquistou lugar de merecido relêvo entre os países civilizados.

Uma vez em Interlaken, a pequena cidade da Suíça alemã, instalámo-nos no Hotel Victória, situado defronte do célebre Jungfrau, o mais importante atractivo da cidadezinha, que é um modelo do turismo suíço.

As ruas, as fontes, os parques, as casas, os hábitos tudo tem interesse especial. A ascensão a Jungfraujoch por Lanterbrunnen e Scheidegg, com regresso por Grindelwald constitui um dos maiores prazeres da vida. A excursão, feita no caminho de ferro Wengernalp-Jungfrau é um sonho, um sonho que o turismo suíço proporciona aos amantes da beleza.

A escalada começa em Interlaken e até Lauterbrunnen não faltam surpresas, com quedas de água por toda a parte. Muda-se de comboio e o deslumbramento continúa, não sabendo o viajante para onde deve olhar, tão diversos são os espectáculos que se apresentam. Túneis, viadutos, montanhas, ribeiras e em Eigergletscher, nova mudança de comboio. Dos 567 metros de altitude em Interlaken, passamos a 2.820 e para atingirmos Jungfraujoch faltam ainda 614 metros de altitude.

Para a direita, as montanhas nevadas de Scheidegg e do outro lado, os verdes prados do Grindelwald, com as casinhas e as vaquinhas loiras dos postais que fizeram as delícias das crianças de todo o mundo.

O comboio entra num túnel, um túnel de sete quilómetros em rampas ásperas. As carruagens, aquecidas em todo o ano, proporcionam o maior conforto e comodidade. A viagem é longa, cerca de uma hora debaixo de terra, e talvez por isso, o comboio pára várias vezes. Os passageiros saem das carruagens e como rasgaram janelas em vários pontos do túnel, toda a gente corre a disfrutar os

panoramas, que são cada vez mais dilatados, mais empolgantes.

Por fim, a estação de Junfraujoch, uma estação subterrânea a 3454 metros de altitude, com um magnífico restaurante, o palácio do gelo, a atracção dos cães polares, o miradouro do observatório, a mais extensa geleira da Europa, e no alto, a dominar todo aquele mar de gelo, o Jungfrau, a 4158 metros de altitude, lugar onde só jogam os desportistas experimentados.

Na longa descida, contemplando os mais embriagantes panoramas que temos visto, pensámos nas dificuldades técnicas com que devem ter lutado os construtores daquele caminho de ferro, verdadeiros pioneiros do turismo de Jungfrau, o ponto mais alto onde trepa um comboio na Suíça.

Quando, ao outro dia, debruçados nas águas do lago Brienz, seguimos para Lucerne, olhámos de longe o cenário indescritível de Jungfrau e sentimo-nos satisfeitos por ter admirado um dos lugares mais recomendados pelo turismo internacional. A viagem, feita por Meiringen e Brünig, quase sempre à beira de água, mostra nos uma série de quadros de grande beleza.

Lucerne, a formosa cidade medieval, oferecia no verão passado um atractivo cultural de excepcional categoria — a exposição das célebres colecções do Conde de Liechtenstein, onde os Van Dyck, os Rubens e os Rembrandt se destacavam de luzentas pinturas famosíssimas da pinacoteca de Vienna. A exposição duma das mais antigas galerias da Europa no museu local, por si só, justificava uma visita a Lucerne, a cidade que consideramos o mais belo centro de excursões do território suíço.

Dotada de excepcional situação geográfica, Lucerne possui os mais variados meios de transportes, e uma rede de comunicações verdadeiramente assombrosa, uma das causas de prosperidade do turismo suíço. Nem a Suíça seria um país de turismo, se as estradas, as linhas férreas, os aviões e os vapores não facilitassem a deslocação dos viajantes de todo o mundo que ali vão em busca de encantos especiais, gozados e apreciados num país verdadeiramente extraordinário onde, pode dizer-se, todos os habitantes praticam, cultivam e melhoram a indústria turística — a mais rica da terra onde nasceram.

Um dos dias passados em Lucerne, foi dedicado ao Lago dos Quatro Cantões.

O barco sai às 9 horas e segue pela margem esquerda do lago até Flüelen, cidadezinha na base do celebrado S.t Gothard. Almoça-se junto do lago e num automóvel de praça seguimos para Brunnen pela estrada de Axen, uma das mais modernas e mais bem construídas da Suíça, verdadeiro miradouro sobre as águas mansas do Lago dos Quatro Cantões.

A estrada, que bem pode considerar-se monu-

mental, é cortada na montanha e atravessa a histórica região que foi berço da confederação helvética.

Em frente as gargantas do Gothard, com as encostas salpicadas de aldeias e o comboio a galgar a montanha, e, em baixo, estendem-se as águas calmas do lago, que é azul, verde, cinzento, apresentando, por vezes, todas as cores do arco-iris. Desenhada ao longo do lago e atravessando por vezes a montanha em túneis, nenhuma estrada se pode comparar a esta de Axen, onde rasgaram janelas amplas para se poderem contemplar a diversidade e riqueza dos panoramas.

Vamos tomar o comboio a Brunnen, e em Arth-Goldou mudámos para o funicular que nos levou a Rigi-Kulm, um dos mais famosos miradouros da Suíça, centro da clássica montanha dos pastores, cujo nome não se deve à publicidade, mas à sua majestade incomparável, pois permite apreciar todos os encantos existentes num ângulo de 360 graus.

Outro funicular traz-nos a Vitznau, onde um vaporzinho nos leva a Burgenstock, admirável estância de repouso com três hotéis modelares. Bons ares, bons panoramas, bons hotéis, boas comunicações, que mais será preciso para fazer turismo?

Meia hora depois estamos em Lucerne, e na manhã seguinte partimos para Zurich, cidade lindíssima que, além de centro comercial, industrial e intelectual de nomeada, pode considerar-se a capital do turismo, pois é ali a sede do Centro Nacional do Turismo Suíço.

A viagem feita ao longo do lago de Zug proporciona-nos novos quadros de beleza, novos deslumbramentos e duas horas depois, estamos em Zurich, cidade curiosíssima cuja estação ferroviária mostra a sua importância e actividade.

Debruçada nas margens ridentes do lago e situada próxima de altas montanhas e de colinas verdejantes, Zurich tem um passado de grandeza e um presente cuja vida intensa a coloca à cabeça das cidades suíças.

Sendo Zurich a capital do turismo suíço, colhe-mos na oficina de informações instalada na estação do caminho de ferro, os elementos necessários para a visita da cidade e arredores. Como sempre, há palavras de simpatia para Portugal e uma atenção, uma delicadeza, uma hospitalidade que cativa

e entenece. A beleza dos lagos, ao encanto das montanhas, à graça das campinas, a Suíça junta a hospitalidade, a cortezia, virtudes indispensáveis a uma nação que tem, de há longos anos, o segredo do turismo.

País maravilhoso para a prática dos desportos, possuidor de estâncias climáticas de grande reputação, terra de cura previligiada onde a segurança e a tranquilidade são cultivadas em alto grau, nenhuma a excede em organização.

Depois da chegada, subimos a Metliberg, montanha com 874 metros de altitude, onde almoçámos, diante do cenário espantoso dos Alpes, desenhado até aos Vosges e à Floresta Negra. Um funicular traz-nos de novo à cidade que, repetimos, é a capital de turismo suíço, e então desenrola-se a nossos olhos um nunca acabar de surpresas.

Não é só a beleza do lago e das montanhas, não é somente a urbanização da cidade que nos atraem,

mas a intensa vida intelectual, desenvolvida em torno da sua tradicional universidade; e como isto não chegasse para dar nome e prestígio à mais importante cidade da Suíça, Zurich possui uma catedral curiosíssima, vários museus importantes como o Museu Nacional da Suíça—que é um grande atractivo em qualquer parte do mundo,—jardins e parques maravilhosos onde ergueram vivendas encantadoras, e, para nada faltar, levantaram no

alto da montanha sobranceira à cidade, o afamado «Dolder Palace», um dos melhores hotéis do país onde a indústria hoteleira conquistou de há muito notável reputação.

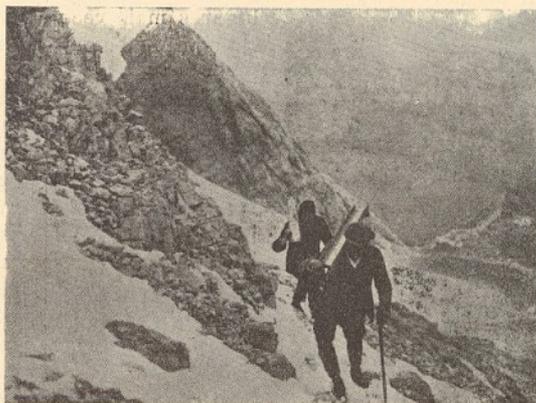
Quando, depois da adorável vilegiatura realizada pelos melhores lugares de vilegiatura da Suíça, regressamos a Portugal, pensámos repetidas vezes nos encantos deste país maravilhoso, que parece fadado para o turismo, onde nada falta para atrair, para prender, para causar emoções profundas aos que o visitam.

Depois de quinze dias bem vividos, chegámos a Portugal, e não faltaram os «conselheiros», a que já nos referimos, que, juntamente com os abraços de boas-vindas, nos perguntavam:

—E os hotéis? E os transportes? E os francos suíços?

Puro engano.

Na Suíça, do «Palace» afamado à pensão modesta, encontra-se sempre o asseio irrepreensível,



SUÍÇA - PASSEIO...

a alimentação cuidada, a hospitalidade simpática. Em toda a parte, o preço dos quartos e das refeições está afixado, garantia de que não nos exploram como noutros países em que os preços ficam à vontade do hoteleiro.

Quanto a transportes, o turismo suíço estabeleceu de há muito, de acôrdo com os caminhos de ferro e as companhias de navegação, bilhetes de férias a preços excepcionais, que incluem a visita aos mais reputados lugares de vilegiatura e até às mais elevadas montanhas como Jungfrau e Rigi-Kulm.

E quanto a francos suíços verificámos que a moeda é forte, o que até certo ponto pode prejudicar a atracção de turistas. Mas a verdade é que, nos países de moeda forte, há ordem, tranquilidade, segurança, hospitalidade, e pelo contrário, nos de moeda fraca, há greves, tumultos, desordem. Não podemos esquecer que, em todas as cidades que visitámos, os bancos indicavam, por ordem, o

dollar, o escudo e o franco suíço, como as moedas mais fortes do mundo.

E é por isso mesmo que, quando pronunciamos a palavra Suíça, dispensamos adjectivos, pois consideramos aquele país o mais completo modelo de organização cívica e turística que nos é dado ver.

Uma viagem à Suíça é um sonho, um sonho que recordará as estampas coloridas que nos deslumbraram em pequenos, com águas azuis sulcadas por velas brancas, vacas pastando nos prados verdes, altas montanhas cobertas de neve, e o céu azul, lá no alto, a encher de luz as paisagens prodigiosas com que o Criador dotou um dos mais deslumbrantes lugares do mundo.

Quando nos perguntarem, onde passar as férias, a indicação da simples palavra Suíça resolve o problema, pois dificilmente se encontra país que reúna tão deslumbrantes atractivos como aquele que, no centro da Europa, provoca e atrai os enamorados de beleza.



LINHA DE ST. GOTTHARD (PERTO DE FLUELU)

## PROBLEMAS SOCIAIS

# Trabalho especializado e fomento de vocações

Pelo Prof. VIDAL CALDAS NOGUEIRA

**O**S inventos sucederam-se em razão assustadora no último século. Pode dizer-se até que o homem dormiu sono profundo e apático nos restantes séculos. É óbvio, pois, julgar qual o objectivo do espírito inventivo! Sem duvida, acelerar a produção e aperfeiçoá-la através da máquina. Progresso e máquina, duas funções da época!

E o homem? Ouve-se falar do homem como inventor, como sábio e como político e despreza-se o ente que há-de governar a máquina com destreza e força.

¿Acaso as invenções — e são tantas: o automóvel, o metropolitano aéreo ou o subterrâneo, a luz eléctrica, o telefone, o rádio, a desintegração da matéria, o cérebro electrónico, o cinema, os progressos da cirurgia e do urbanismo, etc. — dispensam a presença de cérebros especializados e de braços hábeis?

De ingénua, é até absurda a interrogação.

Por isso, não basta de modo algum que uma vocação ou outra desperte, porque leu um romance de Julio Verne, ou porque o acaso a brindou com o lampejo do génio. Também não basta que, nesta ou naquela localidade, exista um hábil engenheiro, um óptimo professor, um brilhante advogado, um notável escritor ou um destro operário.

O que é indispensável é a presença, em todas as localidades, escolas e oficinas, de homens astutos e proficuos na sua actividade, seja ela qual fôr.

Sem estas premissas o progresso e o trabalho especializado são pura utopia de compêndio. Ideia de um novo que os velhos poderão analisar.

Todas as escolas e todos os centros de trabalho têm de tratar primacialmente do problema básico das vocações.

Nas fábricas e nas industrias, chegou o momento culminante de se não descuidar e antes se apurar a orientação profissional.

Parece irrisório que o operariado, no seu sentido genérico, exija aumentos de salário e queira justamente impôr-se como força viva e necessária e, muitas vezes, o seu trabalho seja rotineiro, quase instintivo, em moldes pouco produtivos! Disso têm culpa os reformadores, que não aliam às exigências sociais, de ordem económica, um reforço equivalente de ordem técnica.

Do bem estar do operário e da sua preparação técnica só beneficiará a industria e a riqueza nacional. Uma coisa sem a outra é motor sem combustível.

Sobrevém, portanto, a vantagem dum programa. Em muitos países do estrangeiro — soubemo-lo — cada fábrica, cada instituto, cada cidade alimenta um Centro Psicotécnico privativo, com a mais moderna aparelhagem e com «testes» compatíveis com as condições de vida e de raça do candidato. Procura-se por esse meio encontrar a chama da vocação, que bruxuleia, tímida e incerta no mundo de hesitações que domina a juventude de hoje.

— Estudar para quê? Nem sei para que tenho vocação — dizem uns já com indiferença e cepticismo.

— Estudo engenharia. Os meus pais assim o quiseram, mas eu tinha vocação para médico — asseveram outros, revoltados e com franco desânimo.

— Estou aqui a servir a um balcão. Gostava, porém, de ser operário especializado numa fábrica. Comprazia-me lidar com as máquinas, compreendê-las de perto — lamentam outros ainda profundamente alquebrados pela desorientação profissional em que vegetam.

Se percorrermos as escolas superiores ou específicas e as empresas, onde estudam e trabalham milhares de jovens, tenha-se a certeza que, nesses lugares, há centenas de vocações contrariadas. Daí, apatia no trabalho e insuficiência no estudo...

Não se pode, de pé para a mão, criar laboratórios psicotécnicos tantos quantos necessários. Mas, a par destes, deve levantar-se a escola e chamar a si a realização de tão magno programa. Desde a escola primária, passando pelo liceu e escolas técnicas, até à Universidade, o aluno precisa ser orientado e obrigado a cultivar a profissão por que revele tendência. E a escola, se quiser, sabe dos meios a empregar...

Por outro lado, não seria desvantajoso ir a esses países, onde surgem sábios, onde o trabalho especializado e fecundo é uma realidade util, onde a fábrica e a escola lapidam e descobrem vocações, onde nascem grandes escritores e artistas e ver o que lá se estuda e quando e onde.

Em Portugal, o homem é feito da mesma cepa e os valores poderão surgir, num escol invejável, se se não descuidar o axioma: é tanto mais perfeito o trabalho, quanto mais competente e assistido fôr o artífice.

Procurem-se, pois, as vocações e a vida será próspera.

# Os Caminhos de Ferro Portugueses

## EM 1949

Por J. LUCAS COELHO DOS REIS

COMO correrá, para os Caminhos de Ferro Portugueses, o ano de 1949 que começa hoje? Tudo indica que será muito diferente do que tem sido desde há muitos anos e que se irá enfim entrar numa fase de grande progresso — no que muito terá a lucrar o País.

A vida atribulada que os Caminhos de Ferro têm tido desde o seu início, como bem demonstrado ficou nos meus últimos 10 artigos publicados na «Gazeta dos Caminhos de Ferro», números 1454 a 1463 de 16 de Julho a 1 de Dezembro de 1948 não se repetirá mais — assim o creio — para desenvolvimento da riqueza pública e particular.

A substituição de todas as concessões de linhas férreas por uma concessão única, que abrangerá as linhas do Estado e que deverá ser dada em breve, como se espera, à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, há-de, por certo, trazer uma substancial redução nos impostos e noutros encargos, que tão fortemente sobrecarregam as empresas ferroviárias — e só assim se conseguirá entrar numa fase de franco progresso — por não se poder encerrar a hipótese de qualquer aumento das tarifas ferroviárias. Esse aumento daria como resultado a fuga do tráfego de passageiros, gado e mercadorias do caminho de ferro para os transportes automóveis — visto que o caminho de ferro não pode concorrer em preços com os transportes automóveis, em virtude dos encargos destes serem, com certeza, pelo menos dez vezes menores. Não se deitando contar, por isso, com maiores receitas provenientes de aumento de tarifas que venham melhorar os serviços ferroviários e a situação económica dos seus 30 mil empregados, só há um único meio: reduzir os encargos ao caminho de ferro, de forma a que os encargos, deveres e direitos sejam em tudo — mas em tudo — iguais ou semelhantes para os dois meios de transporte.

Devo dizer, como já fiz na «Gazeta» de 1 de Dezembro último, que para se fazer a devida comparação da enormíssima desigualdade que existe nos encargos entre os dois meios de transporte —

caminhos de ferro e viaturas automóveis — torna-se indispensável que os transportes automóveis nas estradas concorrentes ao caminho de ferro só possam ser feitos por empresas constituídas em sociedades anónimas, com o que muito viria a lucrar o Estado e o público.

Desde que assim se faça, o Estado começa a ficar desde logo na posse dos elementos indispensáveis para poder tributar com justiça os dois meios de transporte, de maneira a que a remuneração do capital empregado em tais serviços de utilidade pública, seja também sensivelmente igual para ambos.

«Onde todos pagam, não é o vinho caro», diz o adágio popular.

De resto, na «Gazeta» do dia 1 de Novembro fiz a comparação clara e bem ao alcance das pessoas menos versadas em assuntos de transportes ferroviários ou por estrada, da flagrante desigualdade que existe nos encargos para estes dois meios de transporte, e por isso não é de admirar que as empresas de transportes automóveis tenham feito fortunas colossais, que estão bem às vistas de todos, ao passo que o caminho de ferro tem vindo dia a dia a arruinar-se, sem que tenha aparecido alguém a pôr termo a tão evidente injustiça.

É certo, porém, que não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe.

Assim o diz o povo — e a voz do povo costuma ser a voz de Deus.

Por parte do Estado, para que a melhoria dos serviços ferroviários se acentue, conta-se também com a próxima regulamentação da lei n.º 2008.

Pelo lado da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses que explora toda a rede ferroviária do País — é de justiça reconhecê-lo — está-se dependendo um esforço muito grande, no sentido de colocar o caminho de ferro na altura de bem servir o público e honrar a Nação, pelo que são merecedores dos maiores elogios, entre outros, os Srs. Fausto de Figueiredo, Presidente do Conselho de Administração e Engenheiro Espregueira Men-

des, Director Geral da Companhia, os quais têm encontrado da parte de todos os altos funcionários e empregados da Companhia a mais leal colaboração e exemplar disciplina, no desejo de bem servir, o que não é de estranhar, sabendo-se que os funcionários portugueses são tão bons como os ingleses, e os ingleses são considerados os melhores ferroviários do Mundo.

Há que atender este facto que muito nos honra — e a Nação inteira bem o reconhece e sente — e por isso bem merecedores são de uma melhoria na sua situação económica, a qual, no meu parecer, só poderá ser melhorada, depois da lei n.º 2008 entrar definitivamente em vigor.

Entre os muitos e importantes melhoramentos já realizados e em execução, citaremos a modernização da estação do Rossio, obra de grande vulto; a construção da segunda via entre Cacém e Sintra, o que muito há-de melhorar o serviço de passageiros dos subúrbios da capital, entre Lisboa e Sintra, e a ampliação do edifício de Santa Apolónia.

Não fica ainda por aqui o esforço dispendido pela Companhia no sentido de melhorar o mais importante serviço público que a Nação possui.

A aquisição de numerosas carruagens, máquinas e automotoras, a renovação de importantes troços de linhas para segurança dos passageiros e os muitos outros melhoramentos que se não vêm, mas que se traduzem no dispêndio de dezenas de milhares de contos, denota bem o esforço gigantesco que se está fazendo.

Além de todos estes melhoramentos que já em

parte se estão fazendo sentir em benefício do público, e que muito mais se farão sentir no decorrer do corrente ano, está também a Companhia a estudar a organização de um horário para todos os comboios, horário que, depois de devidamente afinado, deverá ficar tanto quanto possível permanente, de forma a que os passageiros tenham garantia segura de que não houve as costumadas e contínuas mudanças de horário, a exemplo do que se procede com o «Rápido» Lisboa-Porto, que desde há muitos anos parte de Lisboa às 8 horas e 40 minutos, o que é duma grande importância para o passageiro.

Para a organização deste novo horário é de esperar a boa e firme vontade da Direcção Geral de Viação e muito especialmente de Sua Excelência o Senhor Ministro das Comunicações, no sentido de se conseguir uma ligação assegurada de carreiras de camionetes para o transporte colectivo de passageiros das povoações para as principais estações de caminho de ferro e respectivo regresso às mesmas povoações, fazendo-se assim a necessária coordenação de transportes, com o que muito lucrará o País, descongestionando-se, por consequência, o movimento de viaturas automóveis das principais estradas, o que muito contribuirá por certo para uma grande diminuição nos desastres de viação nas viaturas automóveis.

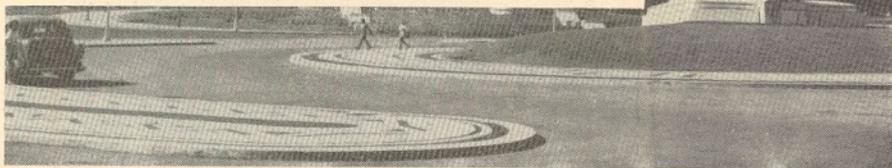
O novo horário que se espera seja posto em vigor muito em breve nas condições expostas, será pois também um importante melhoramento a registar no ano de 1949, que começa hoje.



# Caminhos de Ferro no Ultramar, servindo o «interland» estrangeiro

P o r G U E R R A M A I O

MOÇAMBIQUE  
Praça Mousinho  
de Albuquerque



A nossa rede ferroviária continental parece ter obedecido, em primeiro lugar, a servir a vizinha Espanha, com comunicações directas sobre o mar. Com esse fim fez-se uma linha directa de Lisboa a Madrid e como o norte do País receasse que a Figueira da Foz se tornasse num porto internacional servindo o planalto de Salamanca, logo se levantou uma campanha para que se prolongasse a linha do Douro, argumentando-se com frases campanudas, cuja principal era esta: Se não se construir a linha férrea para além de Barca de Alva a erva crescerá nas ruas do Porto! A campanha atingiu o fim desejado, fazendo-se a linha de Barca de Alva a Boadilla e à nossa custa, o que levou larga soma ao erário português. O resultado económico foi um desastre e a erva jamais cresceu nas ruas do Porto, nem nas da Figueira da Foz, onde nunca embarcou um único fardo de mercadoria vindo de Salamanca.

O engenheiro sr. Vicente Ferreira definiu a nossa rede ferroviária, como se ela tivesse sido feita para rapidamente fugirmos para Espanha no caso de sermos atacados por mar.

Mas se o objectivo de servirmos pelos nossos portos continentais o «interland» estrangeiro falhou, outro tanto não aconteceu nas províncias ultramarinas, onde cinco linhas de penetração internacional estão trazendo para os nossos portos considerável tráfego de passageiros e de mercadorias, algumas mais do que havia sido previsto. A de Mormugão, a da Transzambézia, a da Rodésia, a de Lourenço Marques e a de Benguela.

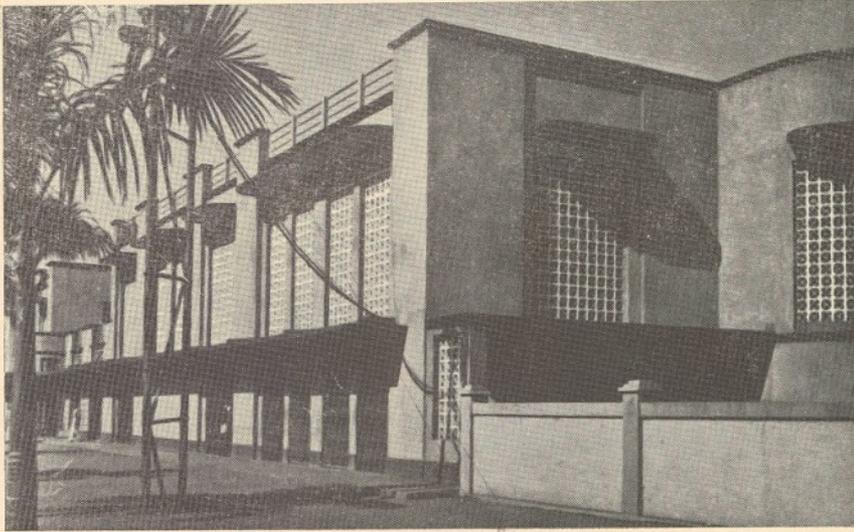
Resgatamos agora a da Beira à fronteira da Rodésia e é natural que à da Transzambézia venha acontecer outro tanto, ficando assim inteiramente na nossa mão toda a rede africana, que em território português serve os nossos portos. Isto porque a Companhia do Caminho de Ferro de Ben-

guela, tendo capitais ingleses, a sua sede é em Lisboa e o seu pessoal inteiramente português.

Eu tenho pelo realizador do caminho de ferro de Benguela, sir Robert Willians — e todos os portugueses o deviam ter — um grande sentimento de simpatia e de gratidão. Esse homem extraordinário imaginou um dia um caminho de ferro que servisse as minas belgas de Katanga e valorizasse os ricos planaltos de Benguela e do Bié e, ao mesmo tempo, um porto que no Atlântico lhe desse vasão. O sr. Willians percorreu, palmo a palmo, o território, considerou a riqueza do solo e acabou por descobrir um porto que atingia o seu fim, a baía do Lobito, em que ninguém havia pensado e muito menos utilizado.

Eram precisos grandes capitais e em Portugal não os havia. Pois bem; ele os obteria na Inglaterra. A sede da companhia teria de ser Portugal? Pouco importa, a banca inglesa faz-nos confiança. E o e minho de ferro fez-se. Levou perto de 30 anos a construir? Foi tempo de mais? Os contratos foram grandes, dos quais o maior a guerra de 1914-18. Mas a linha construiu-se e sem encargos para o Estado, o que é justo pôr em relevo. Sir Robert Willians, velho e cansado por uma longa estadia nas colónias, viu, porém, o seu sonho realizado. Os comboios circulando entre o Lobito e Elisabetheville, capital de Katanga. Portugal ficou-lhe devendo essa grande obra que é o caminho de ferro de Benguela — a mais extensa via férrea do território nacional — que há pouco tive o prazer de percorrer pela segunda vez e avaliar de novo o progresso que ela trouxe à colónia e que fez do Lobito um dos mais movimentados portos africanos.

Se o objectivo a que obedeceu a construção da nossa rede ferroviária continental falhou, outro tanto não aconteceu, pois, ao que teve em vista trazer para os portos do Lobito, Beira e Lourenço



LOBITO — Estação dos Caminhos de Ferro de Benguela

Marques, o tráfego do centro africano, cujo movimento ultrapassa grandemente o que fora previsto.

O governo resgatou agora o caminho de ferro da Beira, e outro tanto fará certamente os da Transzambézia, de menos importância do que aquele, mas que vai dar seguimento ao de Tete, quase concluído, e então todo o tráfego que acode ao porto da Beira passará para a nossa administração.

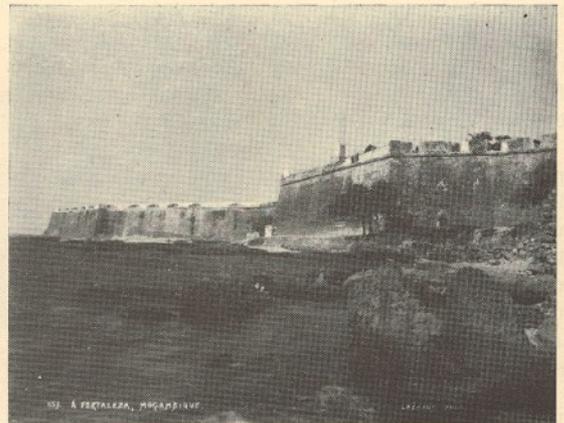
O resgate do caminho de ferro da Beira vai permitir a ligação pelo interior e junto à fronteira da Rodésia, por uma linha férrea de que, ao que me consta, se estão já fazendo os estudos, a qual vai servir uma zona particularmente rica e sem meios de comunicação. Mas tanto o porto da Beira, como o caminho de ferro agora nacionalizado, têm deficiências de acondicionamento para servirem o tráfego nacional e estrangeiro. Há que gastar muito dinheiro para que um e outro estejam à altura da sua missão. Mas amplamente o merecem. E quando as duas vias férreas internacionais, a de Lourenço Marques e a da Beira, estiverem ligadas interiormente embora em linha curva, o tráfego dos dois portos aumentará ainda e em sérias proporções, se a agricultura se desenvolver como é natural.

Também o caminho de ferro de Moçambique, agora com o seu término marítimo desviado para a Nacala, poderá, um dia, ser estendido até ao Nyassaland. Será um novo porto português a servir o interior africano, de certa importância, com tráfego assegurado no território nacional.

O projecto do porto da Nacala, que vai ser

posto em praça para imediata execução, é grandioso e tem previsto não só o caminho de ferro ligado ao cais, mas também um campo de aviação, afim de o pôr em contacto com a rede aérea da província e da Rodésia.

O porto de Nacala vem dar, porém, o golpe de misericórdia à cidade de S. Sebastião de Moçambique, que outrora era conhecida por «Pérola do Índico» e que há anos entrou em deplorável decadência. Mas o progresso não admite razões de sentimento e dentro em pouco ela não será mais que o simbólico farrapo duma bandeira gloriosa, ao canto triste dum museu.



MOÇAMBIQUE — A Fortaleza

# Actividade dos Caminhos de Ferro de Moçambique

## Comparação com a Metrópole e breves considerações

Pelo Professor JOSÉ FRANCISCO RODRIGUES

EM o número 1.457 da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, referente a 1 de Setembro do ano corrente, publicámos um artigo intitulado: «*A vida dos caminhos de ferro através das estatísticas*». Nele referíamos os números de maior interesse, relativos à vida e actividades dos Caminhos de Ferro de Portugal durante o ano de 1946, segundo o respectivo *Anuário Estatístico*.

Recebemos agora o «*Relatório do ano económico de 1946*» da administração dos serviços dos postos, caminhos de ferro e transportes da colónia de Moçambique.

É um trabalho extensíssimo, complexo e completo, que se reveste de um enorme interesse para quem deseje conhecer a vida e o progresso da nossa colónia da África Oriental.

Não podemos pretender resumir-lo nem sequer dar uma notícia completa dos gráficos, mapas e outras indicações estatísticas, e dos assuntos tratados em 22 capítulos, que vão desde a *quilometragem em exploração*, até à *administração*, às *finanças e contabilidade*, aos *resultados do tráfego e da exploração*, às *oficinas*, ao *material de tracção e circulante*, aos *serviços médicos*, *propaganda e turismo*, *ensino*, *regalias e disciplina do pessoal*, *plano de melhoramentos*, etc, abrangendo, além dos *caminhos de ferro*, os *postos e serviços marítimos e fluviais* e os *transportes aéreos*.

Na impossibilidade de o resumir vamos limitar-nos a extrair dele alguns números mais importantes, aproximando-os dos que constam do *Anuário Estatístico* e que dizem respeito a Portugal Continental.

Os nossos leitores poderão, assim, estabelecer um confronto curioso e avaliar melhor o valor dos números apontados.

\* \* \*

Para uma superfície de 89.000 km.<sup>2</sup>, tem Portugal Continental uma extensão de linhas férreas que, em 31 de Dezembro de 1946, era de 3.538,669 km.

Com uma superfície de 771.125 km.<sup>2</sup>, Moçambique dispunha nesse ano de 1.575 km. de linha aberta ao tráfego.

Quanto a *material circulante*, a situação traduz-se pelos seguintes números referidos a 31 de Dezembro de 1946:

Locomotoras diversas:	
Continente . . . . .	510
Moçambique . . . . .	88
Automotoras:	
Continente . . . . .	24
Moçambique . . . . .	12
Carruagens (vulgares, de camas, de restaurantes, etc.):	
Continente . . . . .	1.188
Moçambique . . . . .	87

(Neste número não se consideram as carruagens dos Caminhos de Ferro da África do Sul que circulam nos comboios internacionais).

Vagões de mercadorias e furgões:	
Continente:	
das empresas . . . . .	9.766
particulares . . . . .	1.054
Moçambique . . . . .	1.650

Quanto às actividades desenvolvidas, torna-se difícil a comparação por motivo de estarem arrumadas diferentemente as respectivas estatísticas e não condizerem as rubricas.

Eis, no entanto, o que conseguimos apurar depois de um trabalho assaz árduo:

O *percurso coberto* pelos comboios da Metrópole foi de 16.853.563 quilómetros. Em Moçambique foi de 2.504.956 quilómetros.

Enquanto que no Continente se venderam 45.211.223 bilhetes, em Moçambique foram transportados 1.096.339 passageiros.

O número que representa os *passageiros-quilómetros transportados* é de 1.318.219,027 para a Metrópole e de 61.024,286 para Moçambique.

Cada passageiro percorreu em média 29 quilómetros em Portugal Continental e 55,66 em Moçambique.

Esta diferença para mais a favor dos viajantes de Moçambique compreende-se facilmente: assenta na menor densidade da população, na distância maior dos centros populacionais.

As empresas ferroviárias do Continente *transportaram*, no ano em referência, 5.712.479 toneladas de mercadorias, enquanto que as de Moçambique transportaram 3.936.510.

Repare-se na proporção dos passageiros (1 de Moçambique para 41 da Metrópole) e na das mercadorias (1 tonelada de Moçambique para 1,5 da Metrópole) e poderá ter-se uma ideia, embora vaga, do que representa economicamente a colónia de Moçambique.

As toneladas-quilómetros transportadas foram 784.181,424 na Metrópole e 364.118,205 em Moçambique.

Os percursos médios das toneladas transportadas foram respectivamente de 137 e 92,05 quilómetros.

Os rendimentos das empresas ascenderam a 748.600 contos, na Metrópole, e foram apenas de 232.911 contos em Moçambique.

As receitas de passageiros, incluídas naquelas verbas totais foram de 271.887 contos na Metrópole e de 20.348 contos em Moçambique, incluindo os passageiros do camião de ferro e da camionagem automóvel.

As empresas do Continente *despenderam com o pessoal* 349.872 contos e as de Moçambique 121.875.

Relacionando as receitas totais com as despesas efectuadas com pessoal, podemos verificar que as empresas do Continente despendem com pessoal apenas cerca de 47% das suas receitas, enquanto que as de Moçambique despendem 50%.

A que atribuir essa diferença de critérios na remuneração?

Qual estará mais próximo da justiça e mais de harmonia com as leis económicas?

O consumo de *combustível* traduziu-se em Portugal Continental pelo número de 917.212 toneladas de carvão nacional e estrangeiro, lenha e óleos combustíveis, além de 4.512.204 quilómetros de energia eléctrica.

Em Moçambique consumiram-se 69.258 toneladas de carvão e 165.165 litros de óleo.

Quanto aos acidentes ocorridos, a estatística moçambicana apenas indica os que se deram devido a choques e descarrilamentos num total de 66.

O número não parece exagerado.

É pena, porém, que a estatística não discrimine

e aponte as diversas espécies de acidentes, o número de sinistrados, etc.

\* \* \*

Ao reparar na exiguidade dos números respeitantes a Moçambique em relação com os que se referem à Metrópole; ao pensar na extensão enorme da colónia (perto de 9 vezes a superfície metropolitana) e na fertilidade do seu solo e demais fontes de riqueza; lembrando que, apesar disso, Moçambique é apenas uma parcela, e não a maior, do nosso território ultramarino; reflectindo na dificuldade que já hoje têm cerca de 8.000.000 de portugueses de viverem de um solo pouco fértil e de um subsolo pouco rico e deficientemente explorado — causa-nos certa estranheza que não se ponha mais vigor e mais entusiasmo na formação de uma consciência imperial entre os jovens das nossas escolas de todos os graus; que não se facilite mais o acesso às colónias e que não se procure, com mais veemência, levar os portugueses a compreender, a sentir, a viver esta verdade: *nas colónias está, em grande parte, a razão de ser de Portugal e a melhor esperança de um futuro brilhante, digno continuador do nosso passado de glória e do presente de resgate.*

«É da *essência orgânica* da Nação Portuguesa — reza o art.º 2.º do Acto Colonial — desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam».

Repare-se: é da sua *essência orgânica!*... Afrouxar no exercício dessa função ou não a estimular convenientemente é atentar contra o equilíbrio orgânico, contra a própria vida da Nação.

Coligimos apenas alguns números que podíamos aproximar dos indicados nas estatísticas do Continente, para fins de informação e de comparação. Mas é preciso que esta comparação se estabeleça em termos hábeis.

Dela podemos tirar apenas uma ideia do estado actual dos Caminhos de Ferro de Moçambique em relação aos da Metrópole.

Querendo apreciar o progresso dos caminhos de ferro *na colónia*, não temos que comparar os números que se lhe referem, com os que à Metrópole dizem respeito, mas sim confrontar os números do último ano com os dos anos anteriores.

Os que o relatório apresenta, sempre em confronto com os dos anos de 1944 e 1945, marcam em tudo um progresso evidente.

Muitos poderiam citar-se para demonstrar o louvável esforço e o progresso dos Caminhos de Ferro de Moçambique.

O que deixamos escrito parece-nos que basta para nos entremostrear o mundo de possibilidades que nos solicita nos confins da África Oriental.

Saibamos nós responder a tal solicitação.

## Uma página de bom humor

# Um percalço ferroviário

P o r A L E X A N D R E S E T T A S

*O nosso saudoso amigo Alexandre Settas, que, durante largos anos, nos honrou com a sua camaradagem e a sua valiosa colaboração, entregara-nos juntamente com outros artigos, que já publicámos, esta página humorística, traçada numa hora calma do seu gabinete.*

*Ao trazê-la hoje para a publicidade, fazemo-lo também como uma homenagem à sua memória. Ao inserir nestas colunas o último inédito de Alexandre Settas, temos a impressão de que ele regressou um pouco à vida, com a sua presença espiritual, para, mais uma vez, conversar desenfastididamente com os leitores da Gazeta.*

**P**OSSUO, como aliás é notório, um certo número de quintas, a saber: a quinta-essência da candura, a quinta-parte de uma robusta saúde, a quinta-fila de uma bancada no Sector I da Praça de Touros do Campo Pequeno, a quinta-feira de todas as semanas e, a que é mais importante de todas, uma «quintarola» num dos mais lindos rincões do nosso encantador Minho.

Situada mesmo à beira da linha férrea, é para lá que, todas as semanas, vou descansar uma quinzena, afastado do turbulento bulício da cidade e entregue aos cuidados do meu feitor, único servo a quem dou a honra e liberdade de trocar impressões comigo, acêrca da política vegetativa dos campos e dos magños problemas culturais, ou de cultivos, ou de culturas, ou como melhor quizerem que seja.

Levanto-me cedo, cêrca das 11 horas, leio os jornais da manhã, informo-me do crescimento milimétrico dos nabos e das nabiças, do desenvolvimento e volume esferoidal dos frutos e das frutas, da multiplicação das espigas bamboleantes nas searas e também das que aparecem por intermédio de certos avisos liquidáveis nas respectivas repartições.

Afora o preocupar-me com a melhor distribuição dos meus ócios nada mais tenho a fazer senão conformar-me com a inactiva situação que desempenho entre a laboriosa gente do campo, sempre assoberbada com mil canseiras de bem rude labor.

Mas, Deus que é bom e justo, já que eu não posso trabalhar, dispôs as coisas de tal maneira que outros trabalham para mim.

Logo, não tendo nada que fazer entretenho-me a ver passar os comboios que percorrem a estrada férrea junto da minha quinta.

Sucedo, porém, que o lugar onde me instalo habitualmente para esse fim fica sob um caramanchão que se situa mesmo em frente das agulhas do apeadeiro que serve a localidade onde resido.

Aí, sentado sob a frondosa sombra duma árvore que plantei a semana passada, fico-me absorto na estática contemplação dos infindáveis «rails» por onde deslizam os comboios.

Precisamente nas proximidades do meu escolhido pousio existe uma bifurcação de vias, derivando para a linha de resguardo e onde, como não podia deixar de ser, existe uma agulha, daquelas enormes, que não servem para coser por terem função muito diversa: — a de derivarem a marcha dos comboios para uma linha paralela.

Pois bem, aí nesse ponto aconteceu no passado domingo um caso que se não redundou em terrível tragédia é porque os casos tristes estão banidos desta página.

O caso foi o seguinte:

Infringindo as disposições que vedam a passagem ao longo das vias férreas a qualquer fabiano que não seja agente das companhias exploradoras, um certo sujeito, muito aperaltado, com visível porte de alambicada elegância, atreveu-se a utilizar tal percurso para, com mais facilidade e segurança atravessar depois a linha sem temer o perigo das passagens de nível que, como se sabe, são perigosas a valer, e, sobretudo, quando as cancelas estão abertas e os comboios, que não podem olhar para os lados, as atravessam ao mesmo tempo do que qualquer peão, cavalgadura ou carro. Porém, precisamente na altura em que ele cruzava a agulha em referência, esta fora accionada a distância pelo respectivo agulheiro, o que determinou ficar o homenzinho com o pé entalado, em virtude do tacão do sapato se prender nos carris.

Momento de terrível emoção foi esse em que o homem, aspirante a suicida involuntário, se esforçou

em vão para arredar o pé que teimava em manter-se apertado entre as barras de aço.

O tacão do sapato, que parecia ter sido soldado a autogénio, não se desprendia; o homem, aflito, fazia todos os esforços para se safar da brusca prisão em que o traçoeiro acaso o segurara e, para mais trágico desfecho, o comboio avançava resfolegante, sem outra preocupação além daquela que o horário lhe impunha; parar só na estação que se divisava muito próxima.

O maquinista, cuidadoso, ao reparar na via notou que um homem lutava desesperadamente por se livrar duma posição que o afligia e, com boa vontade, abnegadamente, cortou o vapor à locomotiva que, quebrando a velocidade e com o auxílio dos potentes freios, veio a estacar a poucos metros do aspirante a trucidado que, já esgotado de energias, teimava, num último arranco, mas sem resultado possível, em subtrair-se a tão arreliadora quanto perigosa situação.

Logo se acercaram do prisioneiro dos «rails» o maquinista, o fogueiro, o guarda-freio, o condutor, os revisores, o chefe do apeadeiro e alguns dos mais curiosos passageiros do comboio.

Todos, movidos pelo mesmo instinto de piedade, davam a sua sentença, todos largavam a sua opinião, todos diziam qual a maneira julgada melhor para que o homem se libertasse de tão crítica posição, mas ninguém se lembrava de mandar desfazer a agulha.

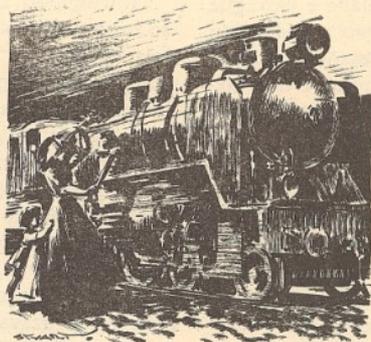
Então, um dos circunstantes lembrou que se o encravado se descalçasse, deixando o sapato entalado nas agulhas, este ficaria esmagado sob os rodados, não haveria derrame de sangue, o comboio passaria por aquela agulha sem estorvo e tudo acabaria em bem.

Todavia o homem ruborizou-se com os conselhos, mas não acedeu, ainda que constrangido, e continuava, sempre em vão, a querer libertar-se dos «rails» preensores.

É que ele, homem de elegância exterior, não usava cuecas e as peúgas que calçava, com os calcanhares defeitos e demasiado esburacadas na parte dianteira causar-lhe-ia, pelo mau aspecto que desejava a todo o transe evitar um garantido vexame à vista dos assistentes, seus denodados salvadores.

No entanto, quando ninguém esperava tal desfecho, o homem fita com impressão de horrorizado pavor uma pessoa num ponto afastado, lá longe, na linha, redobra de esforço e, arrancando com forças sobrehumanas, deu mais um esticão, formidável e resolutivo em virtude do que com essa heróica tentativa consegue safar-se por fim e, sem agradecimentos nem explicações corre logo para longe, tranzido de pavor, isto no momento em que o perigo já afastado não era de temer, sem a preocupação do sapato se ter perdido e sem se preocupar com os naturais comentários ao verem a peúga com mais buracos do que um passador.

A causa desse inesperado despacho fôra simplesmente esta: lobrigara ao longe a sua rotunda sogra, coruscante, impetuosa, temível e, como não queria mais sarilhos na sua vida adquiriu com miraculosa energia forças inauditas para evitar um cataclismo, ainda pior do que ser esmagado por uma locomotiva das da série 800, as mais potentes e pesadas máquinas que circulam nos nossos caminhos de ferro, mas não foram compradas para esmagar sapatos e muito menos para alterarem as suas potentes marchas com acidentes desta natureza.



# Efemérides ferroviárias

P o r C A R L O S N O N O

## JANEIRO

1

1892 — Ordena-se o início dos trabalhos da linha férrea de Torres Novas — Alcanena.

2

1888 — Abrem-se à exploração os 22 quilómetros de via férrea de Evreux a Neubourg do «Oeste» (França).

3

1860 — Carlos Eduardo Mangles, Jorge Chapmann e outros vendem ao Estado português as suas posições no contrato celebrado para a construção do caminho de ferro de Vendas Novas a Évora e Beja.

4

1898 — O capitão de fragata António José Machado, governador de distrito, visita a linha do caminho de ferro de Lourenço Marques.

5

1890 — Um sindicato francês obtém do governo da Guatemala autorização para fazer construir um caminho de ferro desde a capital daquela república até ao Oceano Atlântico.

6

1900 — É aberta à exploração a linha férrea Roman-Plevna-Chumla, que liga Sofia ao mar Negro em Vasna.

7

1898 — Realiza-se o concurso público para a construção do lanço compreendido entre a estação do Porto, em Campanhã e a estação central; ligação das ruas de Santo António e da Madeira e empreitada dos respectivos muros de suporte.

8

1890 — A Câmara dos Deputados da República Argentina, concede a Ben-Saahe o direito de construir um caminho de ferro de La Plata a Cordoba.

9

1892 — É eleita a Comissão de caminhos de ferro da Sociedade de Geografia de Lisboa, sendo escolhido,

entre outros cavalheiros, para secretário, o sr. Mendonça e Costa, Director da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*.

10

1894 — A Companhia Real dos Caminhos de Ferro anuncia o concurso para a empreitada da «cocheira» de locomotivas a construir na estação de Campolide, sendo a base da licitação no total de 4.200\$00 réis.

11

1905 — Realiza-se a arrematação para a terraplanagem e obras de arte do lanço de Cacula a Vila Real de Santo António.

12

1854 — É autorizada a construção da primeira linha férrea na Argentina, que, partindo da capital federal, chegue a Chivilcoy.

13

1898 — Morre o distinto engenheiro António Xavier de Almeida Pinheiro, que foi deputado e director da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.

14

1905 — O Tribunal do Comércio, por sentença desta data, declara em estado de cessação de pagamentos a Companhia da Beira Alta.

15

1879 — É aberta à exploração a linha férrea de Caminha a S. Pedro da Torre.

16

1892 — Por empréstimo feito pela Colónia do Cabo, prosseguem os trabalhos da construção do caminho de ferro que segue da fronteira de Lourenço Marques em direcção a Pretória.

17

1894 — O ministro das Obras Públicas nomeia uma comissão de técnicos ferroviários para, a exemplo do adoptado na Hungria, se estudar — para Portugal — o sistema de tarifas por zonas.

18

1911 — A seu pedido, o Engenheiro J. Fernando

de Sousa é exonerado dos cargos de vogal e secretário do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado.

19

1904 — É inaugurada a linha férrea de Thang-Hoa, que serve uma das mais lindas regiões de Tonquim (Indo-China).

20

1894 — A comissão executiva da Companhia Real nomeia Manuel Afonso Espregueira, seu engenheiro consultor.

21

1900 — Em França é criada a Comissão de Exploração Técnica de Caminhos de Ferro com a incumbência de estudar as questões relativas à segurança e serviços dos caminhos de ferro e das obras que deles dependem.

22

1893 — Abre ao serviço público a linha férrea de Puente Genil a Linares.

23

1902 — José Ferreira dos Santos Magalhães é nomeado Comissário do Governo, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães.

24

1898 — Completam-se os estudos da via férrea que deve unir o Mar Cáspio ao Golfo Pérsico.

25

1894 — Em Munique realiza-se uma conferência de representantes das companhias de caminhos de

ferro e resolvem estabelecer um acordo relativo à fixação dos horários dos comboios internacionais.

26

1895 — É inaugurado o caminho de ferro de Santander a Cabezon de La Sal. (Cantábrico).

27

1891 — Um grupo de banqueiros suíços procura emitir o capital necessário para a construção do caminho de ferro do Schynigeplate (próximo de Interlaken).

28

1896 — A Sociedade de Moscovo-Yaroslav procura estabelecer uma linha que ligue Kostroma a Oukhtym no caminho de ferro de Perm-Kotlas.

29

1905 — É aberto ao público o ramal da linha férrea de Yecla a Jumilla.

30

1902 — A Sociedade italiana dos Caminhos de Ferro do Mediterrâneo substituiu a tracção a vapor pela eléctrica nas suas linhas férreas de Milão a Gallarate, Porto Ceresio, Laveno e Arona.

31

1901 — É criada a Caixa de Aposentações e Socorros dos Empregados dos Caminhos de Ferro do Estado, em substituição da Associação de Socorros Mútuos dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que foi dissolvida.



# Entre os doutores de Lamego

P o r A Q U I L I N O R I B E I R O

**D**URANTE semanas se trabucou nos preparativos para exame. Um sapateiro de Caria, o Firmino, muito bom artista e que não sabia para onde se virar, veio-me tirar medidas para umas botas que não envergonhassem o conclave dos mestres. À data da entrega faltou honradamente. Minha mãe teve de lhe mandar portadores sobre portadores. Custaram a vir, mas que botas aquelas de salto à prateleira, elásticos, um pontilhado nas biqueiras que nem malmequeres! Olhava-se para elas e ficava-se enamorado. Um luxo em coiro que me desvaneceu.

O Evaristo de Moimenta fez a andaina que não assentava mal de todo. Uma vez tudo gomadinho e dobrado dentro da minha caixa, sob o signo patronal de Jeremias & Fragoso, podia bater a hora da partida. E bateu. Uma tarde o Sr. P. Trovisqueira apareceu na sala de estudo com ademanes outros que os do costume. E como um arauto, o seu tanto empertigado, pronunciou:

— Os meninos que tenham de ir fazer exame de instrução primária arrumem as carteiras e vão-se aprontar. A partida é amanhã de manhã cedo.

Já sabíamos que a abalada era na madrugada do dia seguinte antes de romper o dia. Mas para todos foi como se se tratasse duma novidade explosiva. Soltámo-nos de nossas bainhas de papa com vozearia impetuosa. Os demais alunos, mais atrasados ou marinhando já pelas Humanidades, fizeram coro, embora de semblante invejoso.

Passámos o resto do dia a virar nossas arcas e malas de baixo para cima, mexendo e remexendo.

A cada passo íamos consultar o Sr. P. Trovisqueira, que seria o nosso cornaca:

— Quantas camisas é preciso levar?

— Levo também a aritmética?

— E a lousa?

Depois veio o problema dos lenços e das meias. O Senhor Garrafo Saraiva, despeitado que não tivesse sido delegado para nosso guia, abria as mãos como Pilatos. Desabávamos sobre o P. Trovisqueira:

— Quantos pares de meias? Cinco pares é o bastante...?

Ele ficou um momento perplexo com problema tao capital e, consoante a sinceridade da sua toilette, respondeu sapientemente:

— Eu levo três pares. Três pares devem chegar. Se não chegarem — e no verão com o suor é contar que tenham de se mudar de dois em dois dias — mandam-se lavar. Em Lamego não faltam lavadeiras.

— Eu à cautela levo quatro.

— Eu tenho dois pares bons, as outras estão rotas.

— E lenços?

— Lenços mais do que menos — sentenciou o P. Trovisqueira sempre salomònicamente.

— Mas quantos dias vamos nós estar em Lamego, senhor P. Trovisqueira?

— Depende, meninos, depende! Vão contando com uma semanita.

Fomo-nos despedir de N. S. da Lapa, como não?! Ela olhou para mim e tornou-me a repetir:

— Vai sossegado!

Uma semana em Lamego, com riquezas, palácios, templos, madamas, raparigas venenosas do fado, um mundo mal entrevisto pelas teias de aranha da história nebulosa, que horizonte! No refectório mal debicámos no comer e custou-nos a pregar olho. Mas uma vez que ferramos o galho, como dizia o Senhor brasileiro, de manhã, para acordarmos, foi preciso, a uns, que o arcanjo das trevas soasse a corneta do vale de Josafá, a outros que os rebolessem como cilindros das estradas, e a todos que fossem sacudidos e baldeados como palhiço nas eiras.

Seis cavalgadas raboras, não menos, escarvavam à portaria do Colégio, seladas e de freio nos dentes à nossa espera no escuro da alva. Entre elas não foi surpresa encontrar a minha heróica *Inácia*, com o fiel Monge de arrieiro. Partimos silenciosos, depois do peito recolher um hausto de ar maior que os outros. À volta das paredes conventuais e da mole do Santuário coalhava-se grossa e profunda treva. Os hilros, estreitados, gazeavam queixosos em seus ninhos de pedra. Volatilizava-se na atmosfera diáfana o rescendor da lenha de pinho com que os inúmeros padeiros da aldeia miseranda, fornecedores de pão às redondezas, coziam suas fornadas. Uma coruja piava para o Miradouro de Aguiar e a sua voz era como a dum sereno dos descampados:

— *Céu limpo, avé-maria puríssima!*

O senhor padre Trovisqueira abria caminho com a gola da garnacha erguida para os queixos que o ar da montanha àquela hora era afiado como navalha. Depois, nós todos, de rópia batida, como consentia a largura da vereda. E logo a minha velha *Inácia*, sempre fera em despeito dos anos e de mais de dez crias dadas à remonta, ao tiro e à recova, se obstinou em tomar a dianteira. A cada passo eu tinha que refré-la para não ultrapassar o cavalicoque do superior.

Descemos a falda da Serra que escoa suas águas para Forca, ainda com estrelas, pequeninos morrões lucilantes nas profundas baças do firmamento. Uma ou outra urze, menos esfrançada dos gados, dava-nos a impressão de vulto agachado à nossa espreita. Não tínhamos medo por nós, medo objectivo; tínhamos no nosso peito, como um jazigo, o medo atávico feito de todas as vicissitudes de nossos antepassados através dos tempos. Era esse que nos fazia voltar a cabeça, com sobressalto, a cada rumor fictício ou suspeitado ou sombra riscada na penedia. Aqui e além as ferraduras, tropeçando na lájea, acendiam áscuas de lume, e era a única senha visível de nossa marcha.

Cantaram os galos. Passávamos a deslodo de Mouções, lugarejo troglodita, encovado numa depressão da serra entre duas leiras de centeio e uma corga de juncal. Dali em diante, pelo tactear das bestas e o ângulo que nossos troncos faziam

em cima das celas, sentíamos que baixávamos a pique num fundão. De facto, com os primeiros alvares alcançávamos a aldeia do Granjal, situada no sopé da serra, com uma que outra casa caiada a luzir, vinha em socalcos e éguas cantantes. Depois, por entre frondes de castanheiros e fruteiras ajoujadas de frutos, metemos de cara para a estrada nacional que passava cerca. As cotovias encastelavam-se já no céu, lançando suas notas joviais. Um melro negrejou por entre os silvados, rápido e buliçoso como um seminarista que vai ajudar à missa e, às duas por três, as rolas puseram-se a arrullhar na coruta dos pinheiros. A manhã florida no mundo com sua radiosa claridade, tão viva, tão táctil que não o seriam mais cravos brancos, palpados por nossos dedos.

Ao nascer do sol estávamos diante dessa coisa tremendamente civilizada, foga, memorável, o *char-à-bancs* que nos havia de conduzir à Jerusalém almejada.

Era véspera do *Corpus Christi* e aprontava-se para a procissão pomposa a grande e babilónica cidade, a Lameca dos truncudamos e turdetanos. Que casas tão altas! Que esplêndidas e larguíssimas ruas! Que donaire o dos cavalheiros e graça sedutora a das damas que via aqui e além!

Estas impressões pomposas logo após a corrida pela estrada interminável, ao tiro de cinco cavalos galgazes, três às lanças, dois às sotas, com românticas clinas ao vento, abalaram explosivamente o edifício ancestral do meu aldeanismo.

Aboletamo-nos no Bairro da Ponte nas *Cataras*. Noite e dia a estalagem regorgitava com três bêbedos e dois viajeros das bandas de Britiande. Improvisou-se uma camarata de cujas janelas se via o Varosa rugir e espumear contra os cachoupos do seu leito. Aquele sussurro de mar ao princípio não me deixou cobrar sono. Na ponte havia sempre garotos, nus como a mãe os botou ao mundo, prontos a precipitarem-se das guardas para o pego a quem lhes atirasse com uma moeda de cobre. Eu por engano joguei-lhes com os meus cinco tostões. Era a minha riqueza toda e fui vítima duma catástrofe à Pedro Gem. Acabou-se, recebi uma primeira e útil lição prática acerca do valor real que é legítimo atribuir aos bens da fortuna. Nada mais inconstante e portanto nada menos próprio quanto a afirmarmos neles o castelo da nossa felicidade. Tanto se é rico como dum momento para o outro se volve à nudez com que nascemos por igual, simbolizada nas palhas sobre que o Menino-Deus veio ao mundo.

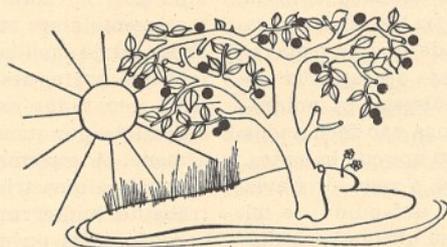
Também desde aquele dia fiquei habilitado a atirar ao pego com qualquer dom que o acaso me traga e a encolher os ombros. Não foi a água que me deu aqueles cinco tostões, mas a ternura de minha mãe, para que pudesse dizer: *água o deu*

água o levou, como succede a cabedais de tantos argentários. Mas para a minha filosofia foi como se assim tivesse acontecido. Apesar de tudo, permaneci calado, com vergonha de ter sido o protagonista de tão desastrosa anedota. Ralei-me menos do que o que era de esperar e, se bem me lembro, a sós comigo carpi as ilusões que architectara à custa do meu tesoiro.

Lamego indemnizava-me com as sua excellências; os ovos estrelados das irmãs Catarras, que faziam a delícia dum romano da era de César; o dobre dolente nas sineiras do Desterro e de S. Lázaro a chamar-nos para a missa matinal, com roseiras floridas no adro e peixinhos vermelhos a relampejar na água adormecida dum tanque; aquele escadório dos Remédios com as suas personagens reais ditosamente transactas e obsoletas na rígida e barbaçuda pedra; o castelo, falanstério de andorinhões; o estudante do liceu que, abrindo de súbito a porta, surpreendemos, por causa do calor, em couro, mas um couro protegido de pelúcia espessa contra as moscas zumbentes, teimosas e em miríades e galáxias, a empinar os rios e lagos da Rússia e da Sibéria — tudo isso que transportava o meu entendimento a planos avantajados e de imprevisas dimensões.

Ah, mas no exame portei-me como um dos doze depois da imposição das línguas! Não me deram um *Bom*, mas do *Suficiente* foi persuasão minha que não ficara a dever nada a ninguém, nem à Senhora da Lapa, nem ao Sr. D. Nicéforo.

Em férias averigui que fôra muito blasonar. Meu padrinho não abandonara aos bons ventos da sorte o successo dum acto que podia ser decisivo para a trajectória do meu destino. Por intermédio do Sr. Florindo de Figueiredo, director do *Progresso*, e seu *alter ego* em Lamego, consegui conciliar as boas graças dos examinadores. Reza o ditado que *quem não tem padrinhos morre moiro*, e é por isso que Portugal inteiro é um retábulo das alminhas do Purgatório, toda a gente de mãos postas a pedir. Quando me sentei à mesa dos examinandos já levava comigo a aprovação. Prestei boas provas, o que poderia ter sido influxo benéfico da Senhora da Lapa. Do trambulhão, se o desse, não sendo ela que me aparasse, ter-me-ia aparado a mão providente de D. Nicéforo. Julguei-me, fosse como fosse, roubado na classificação, e se o meu juízo era justo, fiquei a devê-lo à força contraproducente da cunha. Adiante, estava outro. Caminhava para bacharel a passos agigantados.



# Caminhos de Ferro da Birmânia (Burma)

P o r C A R L O S B I V A R

**A**NTES de nos referirmos à quilometragem ferroviária da Birmânia, propomo-nos fazer uma pequena digressão através da história desse território indo-chinês, no período em que os nossos compatriotas quincentistas e seiscentistas o tornaram teatro de operações comerciais e militares.

O antigo império dos Bramas incluiu a parte da região sul denominada Pegu, precisamente onde se desenrolaram os acontecimentos em que tomaram parte ou foram protagonistas os primeiros portugueses que ali penetraram com o fim de estabelecer relações com os povos seus habitantes.

Em 1516, sendo governador geral da Índia, Lopo Soares de Albergaria, Anrique Leme, obteve licença para ir de viagem a Martabao, grande cidade e porto de mar do Pegu, a fim de tomar contacto com o rei. Pelo caminho topou com um junco que, após pequena resistência, se rendeu e foi rebocado até à cidade, em cujo porto não pôde lançar ferro, o que o obrigou a seguir em direcção à foz do rio principal para fundear no porto de Cosnin, entreposto comercial de grande importância. Mandados a terra, no batel, alguns portugueses a solicitar do regedor licença para desembarcarem mercadorias, foi esta concedida de bom grado. Sucedeu, porém, que os proprietários do junco apresado, ao terem conhecimento da concessão da licença, protestaram de tal maneira que o rei, informado do caso de que se tratava, mandou ao regedor que tratasse de capturar os portugueses e que, se eles resistissem, os aniquilassem. Tal facto seria possível, mas não fácil dadas as circunstâncias que concorriam nos combatentes. Atacada a casa da feitoria, que o regedor havia concedido de princípio, foi ela defendida de tal maneira que os atacantes foram obrigados a dispersar, com perdas sensíveis. Os portugueses recolheram à nau que, não podendo sair a barra, foi atacada, navegando em pequenos barcos denominados paráos, lançando nuvens de frechas e pedras sobre a tripulação da nau que, descarregando a artilharia, desbastava em massa os atacantes, e produzia grande mal na terra.

Mas a nau, de tanto atirar com as peças, estava a desconjuntar-se abrindo água por todos os porões até que se afundou, recolhendo os tripulantes ao batel e a outras duas pequenas embar-

cações, e foram bordejando pela costa de Samatra até alcançarem o porto de Pedir, onde foram bem acolhidos pelas autoridades, lá se demorando até à chegada de Fernão Peres de Andrade, descobridor da cidade de Cantão, na China. Anrique Leme morreu em 1523, abordada a sua embarcação com uma outra tripulada por mouros, no rio Muar, perto de Malaca, juntamente com vários companheiros, tripulantes dos barcos em que navegavam.

Em 1519, sendo governador geral da Índia Diogo Lopes de Sequeira, foi encarregado António Correia de ir ao Pegu assentar tratado de paz e amizade com o respectivo soberano e carregar lacre, mercadoria de grande procura em Lisboa, acompanhado de mais dois capitães, respectivamente, de uma caravela e de um bergantim.

Sucessivamente, os portugueses foram comerciando com os peguanos, encontrando-se nos portos vários navios a carregar as ricas mercadorias da terra, lacre, rubis, benjoim, etc. Bom número deles foram retidos em consequência da guerra movida pelos povos vizinhos, visto o rei não prescindir do seu auxílio, com o qual esperava fazer pender a vitória para seu lado. No entanto, os bramas conseguiram apoderar-se de todo o território, com excepção dos portos de mar que se achavam em poder dos portugueses.

A cidade de Sirião, cuja fortaleza era defendida por Salvador Ribeiro de Sousa, estava constantemente a ser atacada pelas forças bramas cujo chefe havia mandado construir defronte da fortaleza dos portugueses uma outra muito maior, dotada com todos os aprestos mais aperfeiçoados e defendida por uma numerosa guarnição de gente armada. A guarnição do forte português, estava reduzida a uma trintena de homens fatigados pelo trabalho ininterrupto a que o inimigo a obrigava e, ainda mais ou menos depauperados pelo clima e insuficiência de mantimentos, em contraste com a do inimigo, convenientemente servida pelos seus, por cujos caminhos andavam, livremente, os provisionários de todas as categorias que habitavam o território conquistado. A multidão dos atacantes, embora com os corpos primitivamente cobertos e defendidos com largas e afiadas espadas, era tão temerosa que parecia milagre a defesa e, não poucas vezes o ataque da guarnição portuguesa, que ceifava o inimigo com prodígios de valentia, tendo sido atingido o capitão da fortaleza, Salva-

dor Ribeiro, com uma cutilada no rosto, em represália do que redobrou a fúria dos portugueses em tal sorte, que a cava da fortaleza ficou repleta de inimigos abrasados por alcanzias.

A resistência heróica da guarnição da referida fortaleza, que esteve a dois dedos de cair nas mãos dos inimigos, enfraquecera pela deserção de alguns soldados desesperados pelos tormentos de toda a sorte que haviam sofrido, durante os longos meses que durou o sítio, deixando os restantes moralmente relaxados e por não crerem que da Índia lhes viesse qualquer socorro.

A todos estes gravísimos contratempos resistiu a ténpera de aço de que era dotado o carácter do ínclito capitão português, sustendo os seus soldados a ponto de fazer incendiar os barcos surtos no porto a fim de impedir nova deserção.

As guerras entre os vizinhos ambiciosos de se coroarem reis do Pegu continuaram, ininterruptamente, devastando as terras, empobrecendo os mercadores, semeando o descontentamento e a desolação por entre os habitantes, mobilizados os chefes e os filhos de família, sacrificados em holocausto às ambições dos grandes senhores do reino (Banhas).

#### Um Português Rei do Pegu

Inesperadamente, em Junho de 1600, entrou a barra do Pegu uma nau sob o comando do capitão Salvador Ribeiro de Sousa, natural de Quintas, herdade de seus pais, no concelho de Guimarães.

Tendo desbaratado o exército inimigo sob a chefia do Banha, Dalá, derradeira esperança para a conquista do trono do Pegu, a que se associou o rei Massinga concorrendo com uma forte esquadra de cento e cinquenta barcos, incluindo dez mil homens de guerra, a qual foi reduzida ao silêncio com perda de toda a sua artilharia. O general Banha Dalá, ao ter conhecimento de tal desastre resolveu pôr-se em fuga saindo do Pegu, internando-se no território que lhe pertencia e, ainda de aí para outras partes.

Salvador Ribeiro de Sousa entrou triunfante na fortaleza, e fez publicar convites para que viessem prestar obediência todos os que tal desejassem, prometendo-lhes que seriam tratados com brandura e justiça numa pátria cheia de prosperidade e riqueza. Tal propaganda produziu o resultado previsto, pois, em breve vieram prestar homenagem quinze Banhas, duzentos Ximins (capitais) e mais de dezasseis mil vizinhos que começaram uma povoação próximo da fortaleza.

E, tendo chegado ao conhecimento dos Banhas e Ximins do Pegu, a morte do seu cruel monarca, e, considerando as grandes vitórias alcançadas pelo capitão Salvador Ribeiro de Sousa, pareceu-lhes que seria um acto de grande alcance, para sua segurança e justiça, proclamá-lo rei do Pegu.

Resolveram comunicar esta resolução ao pretendente, rei de Tangut que, não só aprovou tal deliberação como desistiu da sua pretensão, mandando o seu Dechaní (Veador da Fazenda), acompanhado por um regimento de cavalaria, portador de uma ola de ouro, com a qual costumavam co-roar os reis; trazia escrito o nome do rei Massinga para que coroado com a ola o capitão, lhe dessem o nome do príncipe que ele matára em combate.

Juntos todos os Banhas e Ximins e, na presença do Dechaní de Tangut foi, em acto público e solene acompanhado com toda a instrumentação em uso na terra, aclamado rei Massinga do Pegu, Salvador Ribeiro de Sousa, ao qual todos os presentes prestaram homenagem fazendo, cada um de per si, a zumbaia da praxe, e tendo sido previamente colocada a ola de ouro sobre a cabeça do novo rei.

Salvador Ribeiro de Sousa tratou de mandar levantar nova fortaleza, em cuja construção chegaram a trabalhar uns cinco mil homens, sob as vistas do seu capitão e rei. Manteve-se ele no exercício da sua soberania, até ao mês de Março de 1603, em que abandonou o reino, entregando-o ao capitão-mor Filipe de Brito de Nicote, no tempo do vice-rei, Aires de Saldanha. Quiyai Massinga, que significa, «Deus da Terra», acabou assim o seu glorioso reinado, deixando imerso em profundo pesar o povo que, entusiasticamente, o havia proclamado rei do Pegu.

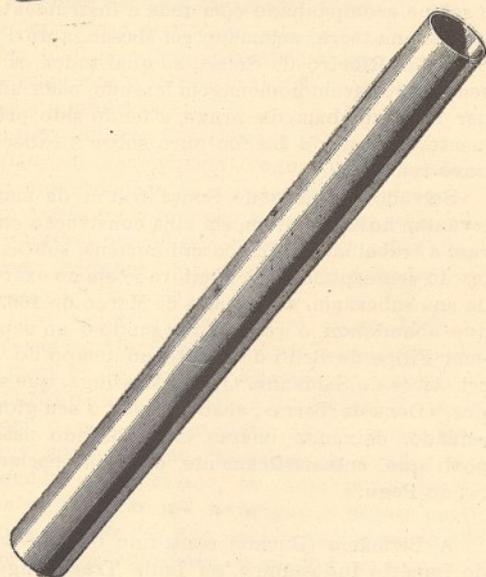
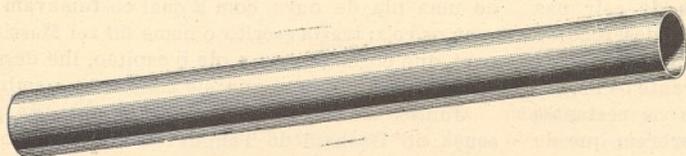
\* \* \*

A Birmânia (Burma) constituiu uma província do Império Indostânico, na Índia Transgangética, após as guerras de 1824, data em que foi tomada de assalto a fortaleza de Sirião, construída outrora pelos portugueses, na embocadura do rio do Pegu, e as guerras de 1826, 1852, 1862 e 1885. Em Abril de 1937, depois da promulgação do «Burma Act», de 1935, Burma foi separada do governo da Índia. Em 1942, a capital, Rangoon (Rangune) foi ocupada pelas tropas japonesas e, em Outubro de 1937, foi assinado um tratado tornando a Birmânia independente, a qual ocupa uma superfície de 604.733 quilómetros quadrados, com uma população de 16.824.000 habitantes, dos quais 400 mil residem na capital.

#### Caminhos de Ferro

As linhas férreas da Birmânia ocupam uma extensão de 3.625 quilómetros. Desde Rangoon-Mandalay-Myitkina, 1.200 quilómetros, no Alto Iravadi e os restantes 2.425 em ramais para os outros distritos, Estados Shanes, etc, em conjunção com estradas para automóveis.

BIBLIOGRAFIA — Obras consultadas: Lendas da Índia, Peregrinações de Fernão Mendes Pinto e Enciclopédias Britânica e Espaza Calpe.



## Aliança útil

T. I. (Export) Ltd.

é a organização de vendas para exportação das treze companhias associadas ao grupo de «**Tube Investments**».

Fabricantes de tubos de aço estirados a frio, laminados a quente, soldados electricamente, tubos de aço em carbono, aços inoxidáveis e de liga, secções de metal laminado a frio em aço e ligas e móveis tubulares. Os seus produtos servem para todos os efeitos e indústrias, incluindo :

Aviões \* Automóveis \* Bicicletas \* Locomotivas \* Estações de Energia \* Construção de Navios \* Caldeiras a Vapor \* Arquitectura de Construção e Mobiliário \* Cilindros para Gases Comprimidos \* Indústria de Conservas e Fermentação de Líquidos.

Agentes para os principais produtos destas companhias do GRUPO T. I., servindo Portugal, Madeira, Açores e Angola

*The Engineering Company of Portugal, Ltd.*

RUA DOS REMOLARES, 12

L I S B O A

# Faz agora anos!

Pelo Major-aviador HUMBERTO CRUZ

SENTI sempre um fustigante desejo de realizar vôos, acentuadamente às terras do nosso Império. Sempre são nossas! Sem me tornar pesado a esta ou àquela entidade, consegui sempre uns modestos meios de acção e, com a ajuda de Deus, lá fui, regalando a alma, por esses ares, conhecendo o sabor bom das alegrias e o travo mau das horas más.

Pelos céus fora levava e trazia saudades. Para mim juntava ensinamentos que me facilitavam conhecer melhor o mundo e os homens.

Com aviões pequenos como convinha a um pequeno corpo, pouco exigente na manutenção, azulado como os gaiatos, por aqui me sirvo, por ali me meto, aqui descolo, além aterro, caminhei umas boas dezenas de milhares de quilómetros pelos ares do mundo.

Hoje recordo o continente que mais tenho sobrevoadado: a África.

Já nos conhecemos regularmente. Gosto da África! Para voar tem distâncias e contrastes. É adorável e é perigosa! Dá alegrias e cria emoções!

Areias de fome e de sede, terras douradas de desolação, estendem-se em ondulações baixas por centenas e centenas de quilómetros.

Florestas cerradas e lindas, espessas e aveludadas, mostruários de verde enovelado, salpicadas aqui e além por vermelhas colorações de espécies raras. São tapetes que o luxo da terra agradece ao Criador.

A Selva arisca, que agasalha no seu manto agreste o cantar das aves, a astúcia e a força das feras, ouve o batuque louco dos homens nas noites afogueadas pelos lumes das fogueiras.

As cidades grandiosas, prenhes de vigor, onde o ouro ergue palácios e a civilização alimenta os vícios, são berços de Nações naquele mosaico vivo. As povoações nascentes, igrejinha branca e humilde, mãos de homens rasgando a terra na traça de estradas e caminhos de ferro, verde-amarelenta lisura dos aeródromos são risonhas promessas de próximos dias iluminados pelo progresso e saududos pela ameaça.

É aliciante o Continente Negro! É um crivo de selecção para o trabalho e para a iniciativa. Engrandece e mata. É grandioso e submisso. Ostenta com orgulho os seus valores e diminui as suas distâncias, obediente aos méritos da Aviação.

É linda a África!

Um dia—já lá vão uns anos—alguns aviões, constituindo uma esquadra aérea, iam às terras portuguesas de África.

Li nos jornais os nomes dos que iam.

É bom que a roda corra a todos, pensei. Eu já por lá tinha andado, mimoseado com festivos acolhimentos. Pelos seus ares algumas vezes sentira a boca sêca em horas amarguradas.

Um dia, mais tarde, convidaram-me também a aceitar um lugar nas tripulações. Estranhei, aceitei e fui.

E assim fiz parte do Cruzeiro Aéreo! Sugeri o itinerário e o tipo de avião a utilizar entre aqueles de que dispúnhamos. Fui atendido.

Da Amadora descolaram os 9 aviões.

Depois da bruma leve à saída de Lisboa e da travessia do sul da Península, espelham os céus claros de Marrocos e a monotonia dos desertos do Rio do Ouro e da Mauritània, já meus conhecidos.

A nossa Guiné floresce viçosa como guarda avançada dos trópicos.

Deixamos o contórno da costa. Seguimos por terras do Senegal e do Sudão. O interior escalda em fins de Dezembro.

Em Bamako fomos recebidos por gentílica guarda e representação solene das autoridades. Recordo com agrado a típica banda de pífaros e tambores que, à frente da guarda, estimulava o aprumo da marcha dos soldados negros, senegaleses de porte altivo.

Passamos a noite de Natal, ali. Eu levava de Lisboa, por gentil encargo da «Eterna Desconhecida», duas caixas que seriam abertas, só na noite de Cristo, onde quer que eu estivesse.

A todos comuniquei o facto em casa dum capitão-aviador francês que, com sua esposa, nos recebera.

Uma das caixas mandei-a para os mecânicos: tinha bombons. A outra, a maior — nós, os oficiais, éramos em maior número — abria-a eu.

Perante a nossa surpresa, mostra-se o seu recheio variado e multicolor.

Havia nela um pouco de tudo quanto é necessário para o arranjo duma árvore daquelas que são o enlevo das crianças na noite grande: O velho Pai Natal, de barbaças de algodão, bogalhinhas de vidro de cor, bugigangas apropriadas, fiozinhos doirados e prateados, velas de cor, pequeninas e recortadas. Até mesmo não faltava uma pequena árvore toda estilizada. Deu-nos um grande prazer espiritual aquele conjunto que também espicaçou a nossa saudade.

Quantas outras árvores como aquela eram a alegria na nossa terra, naquela noite!

Não foram perdidos aqueles brinquedos. Junto de nós estava também um tenente-aviador da base de Damako, que nos comunicara, momentos antes, dispor de pouco tempo para nos fazer companhia em razão de ter no hospital da terra uma sua filha que fora operada com urgência. A todos, de momento, assaltou a mesma ideia: Dar àquele homem, que cumpria junto de nós um dever de cor-teza, um pouco entristecido por preocupações havidas nas últimas horas, aquela caixa que era, com certeza, para a sua doente, um mimo de apreço.

Santa criatura, a «Eterna Desconhecida» tinha-me tornado portador, sem o saber, guiada certamente pela mão de Deus, dum presente que foi levar um pouco de alegria onde ela faltava.

Para nós a noite foi curta. No dia seguinte lá fomos para a nossa caminhada.

O calor era companheiro inseparável, mas pouco gentil. Perto do Lago Tchad aterrei forçadamente.

Estava em Ardebe, consegui saber. Ali tive de ficar para o outro dia, destacado dos meus companheiros. Os indígenas duma senzala próxima vieram espreitar-me e trazer-me umas taças de coco cheias de leite.

Chegou a noite. Aconcheguei-me no terreno, junto ao avião, enrolado numa esteira, tranzido de frio. Jantei algumas bolachas de água e sal e uma lata de atum. Umhas pastas de chocolate, que eu levava como reserva para qualquer emergência, tinham-se derretido com o calor do dia.

Fumava e bebia leite. Ali perto de mim uns indígenas, armados de lanças toscas, faziam vigilância por causa das feras.

Estava em plena selva.

Uma fogueira dava vida ao local.

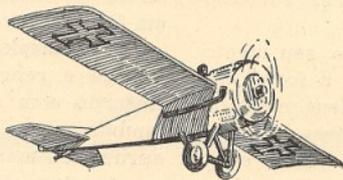
Luzia no meu espírito uma outra luz, mais pequena, mas mais simbólica no meio daquela escura noite.

Era uma espécie de balanço ao vulgar viver daqueles que, àquela hora, em salões de prazer, rodeados de conforto, intervalam com danças e bons manjares as costumadas investidas às antecâmaras onde comentam aquilo que não conhecem e que outros conseguem realizar por terras de longe, roendo febres e sofrendo inclemências.

Aquela noite era a do fim do ano.

No dia seguinte, com os meus camaradas, estudava os pormenores dos novos caminhos. E lá fomos por sobre a floresta equatorial, traiçoeira e nevoenta, predilecto esconderijo dos «tornados», até Luanda; e por terras de Angola e por terras de outros para Moçambique até Lourenço Marques.

E aqui vos deixo este pedaço de prosa, que não é bem veneno entre flores, porque não tem flores, nem tem veneno.





A baía e a cidade de Angra do Heroísmo

# O Aeródromo das Lagens

---

## NA ILHA TERCEIRA

Por BRENO DE VASCONCELOS

No passado dia 18 de Setembro, foi comemorado pelo «Azores Air Transport Station», que tem a sua base no Aeródromo Militar das Lagens, na Ilha Terceira, o «Dia da Força Aérea dos Estados Unidos».

Pouco depois da entrega solene a Portugal, em Junho de 1946, das Bases Aéreas do Atlântico, que as forças militares americanas e inglesas utilizaram eficazmente durante a guerra, em Santa Maria e na Terceira, o Air Transport Command, por concessão especial e dentro de uma política de boa amizade existente entre o nosso país e a América do Norte, instalou a sua Base de Comando dos Açores no Aeródromo das Lagens, que passou à designação e uso restrito de militar e o de Santa Maria ao serviço das carreiras civis comerciais.

Ambos esses campos de aviação ficaram domínio absoluto do Governo português que, durante a guerra, mercê de certas facilidades, haviam sido utilizados pelas Forças Aliadas. Nessa data da entrega solene os comandos foram confiados ao ge-

neral Alfredo Sintra e coronel Pinheiro Correia respectivamente na Terceira e Santa Maria e hoje entregues ao coronel Dias Leite e ao 1.º tenente Costa Pessoa.

O Aeródromo das Lagens, ou seja a Base Aérea n.º 4, foi durante quase dois anos comandado pelo coronel Jorge Metelo, ilustre oficial da Aeronáutica Militar, que recebeu justos louvores pela brilhante rectidão com que desempenhou as suas funções e pela competência que revelou em tão assinalados serviços prestados, a ponto de ter sido condecorado, em Washington, pelo Governo americano.

Os serviços do Air Transport Command, nos Açores, foram instalados pelo General Smith e seu ajudante major T. S. Tegu e, nos últimos anos, comandado pelo Brig-General August Kissner, coronel Sam Agee, coronel Warren, major Robert Morris e actualmente pelo coronel Wilson. Encontra-se instalado, portanto, na Base Aérea 4, das Lagens, um núcleo da Força Aérea Americana, com a designação de Azores Air Transport Station, ocu-

pando uma dependência do campo e com uso das pistas, sob cláusulas previamente estabelecidas e acordadas superiormente.

O dia 18 de Setembro foi escolhido pelo Presidente Truman para honrar a arma aeronáutica do Exército Norte-Americano e assim proclamado para ser prestada homenagem a todos, sem distinção de sexos, que prestaram serviços ao País através da Aviação.

A passagem deste dia foi comemorada em todas as Bases Aéreas norte-americanas espalhadas por todo o Mundo. Esta data foi, por isso, festejada nas Lagens e as comemorações levadas a efeito tiveram a honrosa presença do Comandante da Aeronáutica Militar e Director Geral da Aviação Civil Portuguesa, sr. General Alfredo Sintra.



Aviões poisados nas pistas do Aeródromo das Lagens

Todo o pessoal que faz parte do A. A. T. S. recebeu comunicação para participar nas comemorações que tiveram o seu início com uma sessão solene realizada no Teatro Americano. Depois houve uma exposição de diverso material aeronáutico, onde figuraram dois aviões — uma superfortaleza voadora americana B. 29 e um skymaster português — páraquedas, balões de rádio-sonda, barcos salva-vidas, com todos os apetrechos e comestíveis, material hospitalar, um pulmão de aço, etc. Das paredes do hangar n.º 3, onde se realizou a exposição, pendiam fotografias com vários aspectos de terra e aéreas, trabalho executado pelo técnico da Base Photo Lab, ao serviço do A. A. T. S., sr. Eduardo Correia de Melo. Figurou ainda vário material de construção de estradas, guindastes, material dos serviços de incêndios, ambulâncias, etc. Enquanto decorreu a visita das várias entidades oficiais da Ilha e de suas famílias e outros

convidados, alguns aviões fizeram evoluções e executaram-se exercícios de extinção de incêndios e as ambulâncias transportaram supostos «feridos» chegados em aviões, e outros simulacros, pondo-se assim em evidência a eficiência dos serviços necessários ao bom funcionamento de uma Base Aérea.

Durante a tarde foi oferecido a todos os convidados um «cocktail-party», no Clube dos Oficiais, que decorreu num ambiente de grande distinção e de franca amizade luso-americana.

As autoridades militares e civis da Ilha Terceira e o Consul geral nos Açores Mr. Clifton Wharton, assistiram a todas as solenidades comemorativas do dia 18 de Setembro — «O Dia da Força Aérea dos Estados Unidos».

O comandante da A. A. T. S., Coronel Wilson,

e os seus oficiais prestaram, assim, a sua homenagem a todos os que honraram o país com os seus feitos.

\* \* \*

Nesta «guarda avançada», legítima parcela de Portugal, erguida entre a Europa e o Novo Mundo, passam mensalmente centenas de aviões militares, e ali se encontram instalados os serviços de busca e salvamento, de uma zona do Atlântico, com todo o material necessário. Por diversas vezes a B. A. 4, do comando actual do sr. coronel Dias Leite, tem sido chamada ao cumprimento desse humanitário serviço.

Na revista «Viagem», e em número especial que o seu Director organizou e para o qual colhemos os necessários elementos, dedicado à Ilha Terceira, tivemos oportunidade de dar uns aspectos desta Base, onde estivemos alguns dias, mercê da

gentileza do então seu comandante sr. coronel Jorge Metelo. Muitos outros com mais autoridade e competência têm escrito crônicas e reportagens, mas nunca será demais trazer ao conhecimento do público o valor e importância dessa Base e o que ela representa para Portugal e para a aviação.

Mercê dos serviços da engenharia portuguesa, tem sido possível aperfeiçoar consecutivamente todas as instalações, dotando-as com moradias e outras construções de carácter definitivo.

Já por duas vezes foi visitada pelo sr. Ministro da Guerra, e a última, na companhia do sr. Ministro das Comunicações. As verbas votadas pelo Governo, recentemente, para os trabalhos a executar naquela Base sobem a 64 mil contos. Cêrca de 40 casas de habitação ali se ergueram para oficiais e sargentos constituindo um bairro atraente

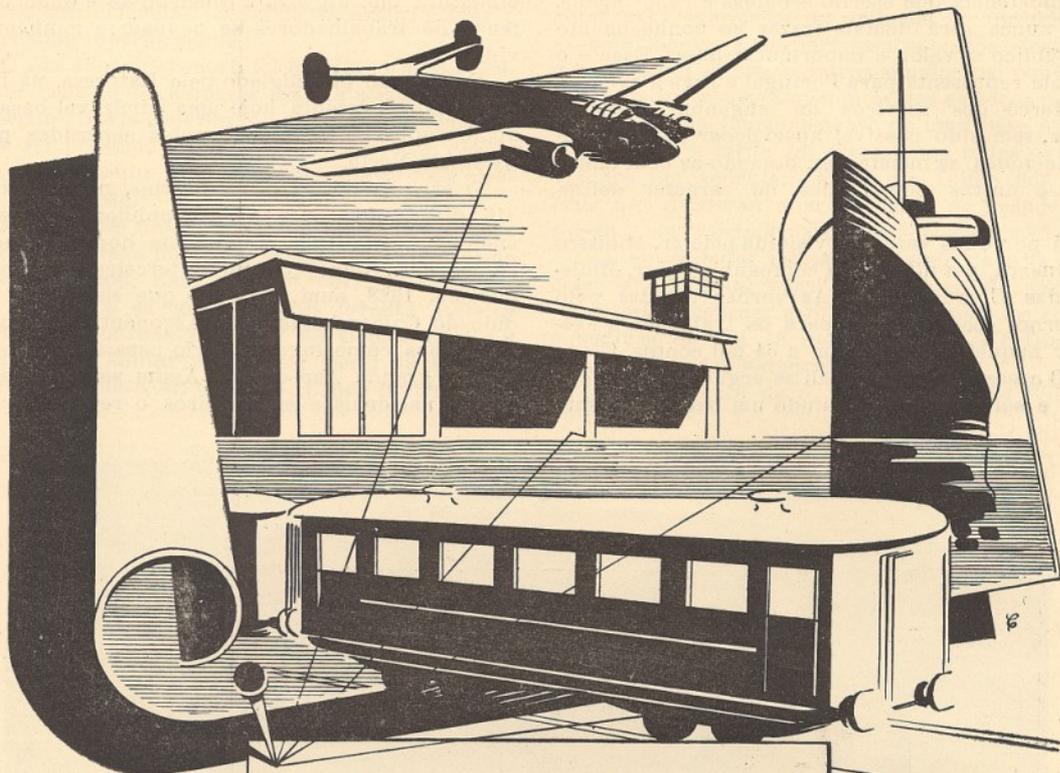
e verdadeiramente simpático, que dá um aspecto encantador à Base. É uma verdadeira cidade em miniatura que ali está a construir-se e onde centenas de trabalhadores se ocupam e ganham a vida.

Este ponto priverligiado pela Natureza, na Ilha Terceira, representa hoje uma admirável base de apoio entre os dois continentes separados pelo Atlântico Norte.

O sr. general Ferreira Martins, no seu artigo «16 dias numa Base Aérea», publicado recentemente na *Revista Militar*, presta homenagem ao sr. coronel Gomes da Silva, terçeirense ilustre, que, em 1928, num Relatório que elaborou a pedido do Comando Geral da Aeronáutica, indicava as Lagens como lugar próprio para a construção de um grande Aeródromo. Assim se fez e os técnicos nacionais e estrangeiros o reconheceram.



Os srs. General Alfredo Sintra, Coronel Craveiro Lopes, Coronel Jorge Metelo e o oficial de ligação norte-americano Major T. S. Tegu, na base aérea das Lagens



**MADEIRAS**

por excelência especiais para contraplacados próprios para a construção de aviões e infraestruturas, adornos interiores de carruagens de caminhos de ferro, construções navais e mobiliário.

**DUARTE & REIS, L<sup>DA</sup>**

*Importadores e Exportadores*

*telegramas*  
BISSILON

Av. Ant.<sup>a</sup> Aug.<sup>o</sup> de Aguiar, 17, 2.<sup>o</sup> E.  
LISBOA

*telefone*  
51482

## Engenheiro Raúl da Costa Couvreur

Foi autorizado a deslocar-se a Bruxelas, pelo espaço de dez dias, como representante de Portugal na reunião da Comissão Permanente da Associação Internacional dos Congressos de Caminhos de Ferro, o ilustre engenheiro inspector superior da Direcção-Geral dos Caminhos de Ferro, sr. Raúl da Costa Couvreur, nosso prezado amigo e membro da Junta Consultiva da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*.

## Coronel de Engenharia Lopes Galvão

Encontra-se em Lourenço Marques, onde passou o Natal, o sr. eng.º Lopes Galvão, ilustre secretário perpétuo da Sociedade de Geografia e membro da Junta Consultiva da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* que, há poucas semanas, seguiu para África, com curta demora.

Figura conhecida e respeitada em todos os principais centros das nossas colónias, o sr. eng.º Lopes Galvão foi alvo de atenções e homenagens em todos os portos onde desembarcou, tendo visitado, em Luanda, as obras das quedas de água das Mabubas, que, em breve, abastecerão a progressiva capital angolana, e em Benguela, na companhia do governador, as quedas do rio Catumbela, onde a Sociedade Agrícola de Cassequel construiu uma barragem.

A Direcção dos Caminhos de Ferro Sul-Africanos ofereceu ao eng.º Lopes Galvão um passe de livre trânsito nas suas linhas.

*Gazeta dos Caminhos de Ferro*, que conta no sr. coronel Lopes Galvão não apenas um colaborador muito ilustre mas também um dos mais dedicados amigos, sente-se feliz em dar esta notícia, aproveitando o ensejo para desejar ao dedicado secretário perpétuo da Sociedade de Geografia um feliz regresso à capital.

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Viagens e Transportes

A via dupla da linha de Sintra inaugura-se, possivelmente, em fins de Janeiro, com novas carruagens vindas da Suíça

Está marcada para o mês de Janeiro a inauguração da segunda via de linha férrea Lisboa-Sintra, melhoramento importante, que vem satisfazer uma velha e justa aspiração da região encantadora, pois permitindo um serviço de transportes mais rápido, contribuirá ao mesmo tempo para o desenvolvimento da indústria turística.

O facto vai revestir-se, como não podia deixar de ser, de grande solenidade, pois nesse dia entram em serviço as novas e excelentes carruagens que vieram da Suíça e no comboio inaugural seguirão, entre outros convidados da C. P., alguns ministros.

No Casino, será oferecido um almoço pela Câmara Municipal de Sintra aos passageiros do comboio inaugural.

## Imprensa

«BOLETIM DA C. P.»

Recebemos na nossa Redacção os números de Novembro e Dezembro deste mensário ferroviário, de que é actualmente director o ilustre engenheiro sr. Roberto de Espregueira Mendes, sendo seu editor e redactor principal o nosso querido amigo e colaborador, sr. António Montês.

Do número 233, correspondente a Novembro de 1948, *Boletim da C. P.*, reproduzimos, noutra página e com a devida vénia, o artigo «Da influência das vias de Comunicação nas concentrações populacionais», da autoria do subinspector do Serviço do Tráfego, sr. Alberto Carlos Braga J.ºr.

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

Entrou em novo ano de publicação o *Diário de Notícias*. Como em todos os anos, o facto foi largamente festejado em todo o país, tendo-se realizado no «Coliseu dos Recreios» um espectáculo comemorativo, em que tiveram entrada graciosa as crianças das escolas.

As nossas sinceras felicitações.

«NOVIDADES»

O diário católico *Novidades* comemorou em Dezembro as suas bodas de prata.

É com a maior simpatia e o melhor espírito de camaradagem que apresentamos ao seu ilustre director, monsenhor A. Avelino Gonçalves e a quantos ali trabalham, as nossas saudações.

# O Mundo há sessenta anos

Reportagem retrospectiva de REBELO DE BETTENCOURT

**B**ATAMOS às portas doiradas do passado. Recuemos sessenta anos. Um mundo de recordações e acontecimentos enche os 365 dias de 1889. Voltar aos tempos idos foi sempre uma digressão agradável para quem gosta de remexer em papéis antigos e de folhear as colecções dos jornais.

Estamos em 1889. A *Gazeta dos Caminhos de Ferro* era, então, ainda muito jovem: em Janeiro desse ano contava, apenas, alguns meses de existência e a maioria dos nossos leitores ainda não tinha nascido. Todavia, entre os nossos actuais assinantes ou colaboradores alguns há para quem a recordação de factos passados há seis décadas deve ter especial interesse. Mas o passado não tem só interesse para as pessoas que o viveram, interessa igualmente a todos. Olhar para o passado é tomar melhor consciência do presente.

Há sessenta anos o mundo era, evidentemente, outro. A política, o teatro, a vida mundana, a arte e a literatura ofereciam perspectivas diferentes.

A abertura, em 2 de Janeiro, das Câmaras, constituiu um grande acontecimento e para o solenizar houve, à noite, espectáculo de gala em S. Carlos, a que assistiu a família real na tribuna grande, com todo o ministério e côrte.

Em S. Carlos cantava, com grande êxito, a famosa cantora americana Van Zandt, que era também uma notável actriz.

Para o Teatro da Trindade chega do Brasil a actriz cantora Cinira Polónia, que consegue facilmente, com a sua gentileza, a sua voz e a sua arte, conquistar o público de Lisboa. No Ginásio, com a peça em três actos *A's 11 e meia*, estreia-se como autor teatral o poeta Acácio Antunes e no Condes, que se inaugurara em Dezembro, alcança êxito uma opereta de Sousa Bastos, *O Casamento de Nitouche*.

Em 27 de Janeiro morre, na Ilha Terceira, D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, bispo de Angra, natural da vila de Oleiros.

Em 30 do mesmo mês chega a Portugal a notí-

cia da morte do príncipe Rodolfo d'Áustria. Não era apenas um príncipe — era também um homem de ciência. Filho único do imperador Francisco José e da imperatriz Isabel (Amália Eugénia) da Baviera, o príncipe Rudolfo entregou-se desde muito novo ao estudo das ciências naturais, mantendo relações e correspondência com os mais eminentes sábios do seu país. Escreveu dois livros: *Quinze dias no Danúbio* e *Uma viagem ao Oriente*. O mérito dessas obras abriu-lhe as portas douradas da Academia de Ciências de S. Petersburgo e da Academia Real das Ciências de Lisboa.

A notícia da sua morte causou a maior consternação em todas as cortes. Por ser prematura, visto o príncipe contar apenas 31 anos de idade? Principalmente porque não se tratava de morte natural, mas, simplesmente, dum suicídio. Com efeito, o príncipe matou-se com um tiro de revólver.

Que motivo forte o levou a tão desesperada resolução?

Nada menos do que uma paixão violenta pela jovem e famosa baronesa de Vercsera. Os amores do príncipe por essa encantadora morena, não eram bem vistos pela côrte, principalmente pelo imperador Francisco José, que queria evitar o escândalo do divórcio do filho.

Os jornais da época acrescentam que a baronesa também se suicidara. Este drama de amor impressionou toda a Europa — e teve, como não podia deixar de ser, eco em Portugal.

Os acontecimentos sucedem-se. Cada dia, a bem dizer, traz-nos uma surpresa. Em 16 de Fevereiro, pôz termo à vida, por suas próprias mãos, em Vila Nova de Gaia, o grande escultor Soares dos Reis. De espírito taciturno, só convivendo com um ou outro amigo íntimo, Soares dos Reis estivera semanas antes da sua morte em Lisboa, a convalescer duma doença cerebral que o levou a ser internado, durante três meses, numa casa de saúde do Porto. Soares dos Reis recearia a loucura?

Tendo desaparecido do número dos vivos pre-

maturamente, Soares dos Reis deixou, contudo, uma obra vasta e valiosa. Foi o nosso maior escultor do século XIX. Depois dele, apareceram outros escultores eminentes, mas nenhum deles o excedeu e sequer igualou. Contam-se por dezenas as suas obras primas. Entre elas, figura *O Desterrado*, estátua feita na Itália e que, por certo, foi inspirada na saudade profunda da sua pátria distante. Essa maravilhosa estátua, cheia de expressão, mereceu ao professor Henrique de Vilhena, mestre de anatomia e crítico de arte, um notável estudo de interpretação, dos mais notáveis estudos que, até hoje, sobre arte, temos lido.

O célebre «Grupo do Leão de Oiro» realiza em Lisboa o oitavo salão de pintura. Nessa exposição aparecem os grandes nomes da época: Silva Porto, mestre de Carlos Reis e precursor de José Malhõa, ocupa o primeiro lugar, com as suas deliciosas paisagens e as suas cenas rústicas. João Vaz, com as suas marinhas, e as suas paisagens, António Ramalho, José Malhõa, Sousa Pinto, Condeixa, Cristino da Silva e outros, dão relêvo especial ao notável certamen artístico.

D. Carlos, então príncipe real, frequentava os salões de pintura e era por sua vez um notável artista. A sua especialidade era o desenho a pastel. Pintor e amigo dos artistas, D. Carlos visitou a 8.ª Exposição do Grupo de Leão, tendo ali adquirido um lindo quadro de José Malhõa — *A noiva*.

Regista-se em Fevereiro um notável acontecimento político: a visita de SS. AA. os Duques de Bragança à cidade de Elvas. Em honra de D. Carlos e D. Amélia organiza-se ali um deslumbrante cortejo agrícola. À noite houve banquete com trinta talheres e em todas as ruas collocaram-se luminárias.

O carnaval foi nos princípios de Março. Houve batalha de flores na Avenida da Liberdade. A festa foi brilhante, referem as gazetas. Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia, Sua Alteza Real a Princesa D. Amélia e sua irmã a Princesa Helena de Orleans tomaram parte activa nesse torneio de flores. A Direcção dos Caminhos de Ferro fez redução nos preços e contaram-se por milhares as pessoas que vieram da província assistir ao carnaval de Lisboa.

No Porto, no Palácio de Cristal, realizou-se também uma notável batalha de flores. Cerca de seis mil pessoas assistiram ao torneio.

Em Abril canta-se, no Teatro Real de S. Carlos, com extraordinário êxito, a ópera *Otelo*, do grande compositor Giuseppe Verdi. A cantora Tetrzzini foi chamada ao proscénio, após o espectáculo, 22 vezes, prova eloquente do entusiasmo do público, tendo dispensado também aos artistas que com ela colaboraram calorosos aplausos.

No dia 8 de Abril inaugurou-se o túnel do Rosio. Foi, como não podia deixar de ser, um grande

acontecimento. Deram-lhe realidade o Marquês da Foz, os engenheiros Xavier Cordeiro e Vasconcelos Porto e o construtor francês Bartissol. A concessão da obra foi dada em 9 de Abril de 1887, tendo começado a perfuração em 25 de Junho seguinte, pelas duas aberturas e por quatro poços intermédios, sendo um no jardim da Escola Politécnica, o segundo na rua Rodrigo da Fonseca, o terceiro na travessa da Légua da Póvoa e o quarto na estrada da circumvalação.

Já agora, recordemos algumas das características deste túnel. A boca de entrada é, como ninguém ignora, junto da Calçada da Glória, formando um duplo túnel na extensão de 27 metros. Depois, em um só arco, o túnel segue por debaixo da cidade, passando sucessivamente sob estas ruas: Calçada da Glória, Travessa do Fala-Só, da Conceição da Glória, Mãe de Água, Alegria, Salitre, Rodrigo da Fonseca, cimo da rua Rosa Araújo, S. Filipe Nery, Travessa da Fábrica das Sedas, Quartel de Artilharia 1, estrada de circumvalação e Campolide.

As gazetas, ao darem a notícia da inauguração deste túnel não tiveram dúvidas em classificá-la uma das obras mais notáveis da península.

Nesse mesmo mês chega a Lisboa a notícia de que no dia 6, no mar dos Açores, naufrága o paquete «Danmark» que seguia da Dinamarca com destino a Nova York, levando a bordo 665 passageiros e 69 tripulantes. Ao dar-se o naufrágio, passava à vista, felizmente, o vapor inglês «Missouri», comandado pelo capitão sr. H. Murrell. Todos foram salvos, com excepção do engenheiro maquinista, que morreu esmagado pela máquina, quando o navio, invadido de água, se desconjuntava.

O *Missouri* desembarcou na Ilha de S. Miguel mais de trezentos naufragos, que foram socorridos pelo sr. Vitoriano Sequeira, vice-cônsul da Dinamarca. No dia seguinte ao do naufrágio, nasceu a bordo do *Missouri* uma menina, filha de George Lenie, que foi baptizada com o nome de Atlante Missouri.

Em 14 de Maio, faleceu repentinamente, vítima de lesão cardíaca, o jornalista Eduardo Coelho, fundador, com o conde de S. Marçal, do «Diário de Notícias». Produto do seu esforço e da sua vocação, a sua vida é uma lição para quantos desejam vencer com dignidade. Tendo nascido em Coimbra, em 23 de Abril de 1835, filho de João Gaspar Coelho, antigo mestre obras, aos 13 anos perdeu o pai e, para não ser pesado à mãe, que ficara pobre e com 8 filhos, veio para Lisboa, tendo-se empregado numa loja de ferragens, de que era proprietário o pai de Cesário Verde. Depois transitou para o quadro tipográfico da Imprensa Nacional. Cedo começou a colaborar nos jornais e tendo-se feito notar, António Feliciano de Castilho fê-lo seu secretário, tendo também, mais tarde, secretariado

o notável tribuno José Estevão Coelho de Magalhães. António Rodrigues Sampaio estimou-o profundamente.

Escreveu para o teatro e fundou o *Diário de Notícias* que, em breve, se popularizou, graças ao seu módico preço.

Em 5 de Maio, inaugurou-se a nova ponte na linha da Beira Baixa, construída pela Societé de Braine le-Comte, com a extensão de 442 metros e a altura de 34,80 sobre o nível das águas.

Em Junho é aberta, na Exposição de Paris, a Secção Portuguesa, em que se via a maior parte dos produtos que fizeram parte da Exposição que, um ano antes, se realizara em Lisboa e presta-se homenagem a Camilo Castelo Branco votando-se, no Parlamento, uma pensão vitalícia de 1.000\$00 ao grande romancista.

A Exposição Universal de Paris constituiu o maior acontecimento do ano na Europa. A Torre Eiffel, construída pelo engenheiro Gustavo Eiffel, foi sem dúvida a maior atracção de Paris e da Exposição.

Em 9 de Junho dá-se um descarrilamento no caminho de ferro de Sintra, ao quilómetro 16,700, junto à Ribeira do Papel. Os passageiros, em número de 83, não sofreram, felizmente, mais do que o susto.

Em Julho dá-se no Brasil um acontecimento grave, que teve larga repercussão no nosso país: um português, de nome Adriano Augusto do Vale natural de Caminha, atentou, no Rio de Janeiro, contra a vida de Pedro II, figura popular e querida no país irmão e a quem a colónia portuguesa, por diversas vezes, manifestara a sua simpatia. Esse acto tresloucado, praticado por um rapaz de 20 anos, indignou toda a gente. Chefe do Estado brasileiro, D. Pedro II era também o grande amigo de todos os portugueses que viviam no Brasil. E se foi grande a indignação, imensa foi a alegria ao saber-se do malogro do atentado.

A 23 de Julho, após doença prolongada, morre, em Lisboa, um dos maiores actores do teatro português em todos os tempos: António Pedro. Era um génio, afirmavam os seus contemporâneos, todos quantos tiveram o ensejo e a felicidade de o admirar e aplaudir. Pouco culto, era, todavia, inteligentíssimo. Teve, felizmente, a seu lado um grande amigo, o actor José Carlos Santos, que o ensaiava e distribuía todos os papeis em que ele podia brilhar.

Foram grandes, estupendas as suas criações, como a do *Coveiro*, do último acto do «Hamlet», o *Paralítico*, o *Saltimbanco*, etc.

Conta-se, a propósito do *Paralítico*, o seguinte: José Carlos Santos (conhecido, popularmente, por *Santos Pitorra*, em virtude da sua pequena estatura) era, além de ensaiador, empresário e nessa qualidade obrigou António Pedro a desempenhar

o protagonista da peça, que o genial actor julgava superior às suas forças. Santos Pitorra ensaiou-o e na noite da primeira representação do *Paralítico*, António Pedro, grande actor cómico, ficou igualmente consagrado como grande actor dramático. Gervásio Lobato, que conheceu o artista, desmentiu a lenda de que o genial intérprete do *Coveiro* do «Hamlet» fazia ao acaso os seus papéis. Não só ouvia atentamente, durante os ensaios, os conselhos do seu amigo e ensaiador José Carlos Santos, mas estudava a valer, em casa, os seus papéis.

O funeral de António Pedro foi uma das mais impressionantes manifestações de pesar a que Lisboa tem assistido. Poucos foram os olhos que deixaram de se humedecer de lágrimas sinceras, à passagem do féretro, e o conselheiro José Luciano de Castro, presidente do Conselho e ministro do Reino, acompanhou, a pé, o funeral, em que se viam pessoas de todas as categorias sociais.

Em Agosto, nos dias 11, 12 e 13, realizaram-se, em Aveiro, grandiosas festas para inauguração da estátua a José Estevão, natural daquela cidade e que foi um dos maiores oradores portugueses do século passado. Foi, na verdade, um orador de raça e sem dúvida o único que, ao tempo, se podia colocar ao lado de Almeida Garrett, que o temia.

Duraram três dias as festas da inauguração: no primeiro, descerrou-se a lápide na casa onde nasceu o grande tribuno, tendo-se dado à rua o seu nome glorioso; em seguida, a comissão do monumento, acompanhada por centenas de pessoas, foi ao cemitério depor ramos de flores sobre o seu túmulo; à tarde, houve corrida de touros, em que tomou parte o artista espanhol *El Minuto*, e, à noite, realizou-se no Teatro Aveirense uma sessão solene, em que falaram Sebastião de Magalhães Lima, José Dias Ferreira, Manuel de Arriaga, António Cândido e Dr. Luís de Magalhães, filho de José Estevão.

No segundo dia, isto é, no dia 12 de Agosto, inaugurou-se, perante milhares de pessoas, na Praça do Município, a estátua, feita pelo notável escultor Simões de Almeida, Tio, realizando-se de tarde uma nova corrida de touros. No dia 13, levou-se a efeito um magnífico passeio fluvial e à noite a ria estava iluminada, tendo-se realizado no «Teatro Aveirense» um espectáculo muito interessante, em que tomaram parte Eça Leal, inspector, ao tempo, da fazenda em Aveiro, e distintos amadores.

Em 1 de Setembro morre no Porto, António Bernardo da Costa Cabral, marquês de Tomar, e antigo ministro. Zeferino Brandão, ao traçar o seu necrológio, escreveu em *O Ocidente*: «Como o conde de Castelo Melhor e o marquês de Pombal—o marquês de Tomar teve na sua mão os destinos de Portugal e todos estes três ministros

eram dotados de um carácter de ferro, que parece no mesmo molde se havia fundido».

A 26 de Setembro faleceu o infante D. Augusto, duque de Coimbra e de Saxe. Era ainda bastante novo, pois nascera a 4 de Novembro de 1847, contando, pois, 42 anos incompletos. De saúde débil, no entanto nunca se furtou ao cumprimento dos seus deveres, desempenhando sempre de bom grado as comissões de que era encarregado. Foi à Índia em 1871, com o general Joaquim José de Macedo e Couto, governador daquele Estado, a fim de pacificar uma revolta que ali se dera em virtude de uma reforma militar no exército.

Mas falemos agora de Lisboa, dos seus encantos e dos seus melhoramentos. Construída, por iniciativa de Rosa Araújo, a Avenida da Liberdade, que ainda hoje é uma das maiores avenidas da Europa, o Município da nossa primeira cidade resolveu embelezar a Praça de D. Pedro, ou seja o Rossio, colocando ali duas fontes monumentais que, em Outubro, já se encontravam construídas.

Dois homens notáveis falecem nesse mês de Outubro: Sua Majestade D. Luís I e o engenheiro Alexandre da Conceição. Ambos eram artistas.

Com efeito, D. Luís I, que era cultíssimo, dedicava-se à música e à literatura e Alexandre da Conceição marcou na nossa história literária como poeta e como polemista. Camilo, no *Cancioneiro Alegre*, presta-lhe homenagem.

Falecido D. Luís, sucede-lhe seu filho, D. Carlos. Tinha completado 26 anos de idade em 28 de Setembro. Foi um dos reis mais bem dotados pela natureza, dos mais inteligentes, dos mais artistas. Algumas línguas estrangeiras eram-lhe familiares, amava as ciências naturais, e, como artista, notabilizou-se como pintor, tendo concorrido a várias exposições. Gostava de se sentir entre o povo e, quando ia ao Alentejo, primava em se vestir com os trajes regionais. Foi também um grande diplomata, tendo conseguido trazer a Lisboa alguns chefes de Estado.

Tendo sido assassinado em 1908, no Terreiro do Paço, a sua morte impediu a projectada viagem régia ao Brasil, onde a sua visita era aguardada com a mais viva simpatia.

No dia 15 de Novembro nasce o infante D. Manuel que horas depois foi baptizado no Paço de Belém pelo sr. Cardial Patriarca de Lisboa; o nascimento do infante, que por morte de D. Carlos e de Luís Filipe foi rei de Portugal, deu motivo a

três dias de festa em Lisboa. Mas Lisboa, no mesmo dia do nascimento de D. Manuel assistiu, aprovada, a uma grande explosão de gaz que incendiou um dos maiores prédios do Chiado, que fora do Marquês de Nisa.

No dia seguinte — como as coisas tristes se acumularam em volta do nascimento do príncipe infeliz! — corre a notícia de que o filho de Júlio César Machado se havia suicidado, suicídio esse que motiva, por sua vez, o suicídio do notável escritor. Á tarde, os jornais noticiam ter sido deposto o imperador do Brasil e proclamada, no Rio de Janeiro, a República. Chamava-se Deodoro da Fonseca o chefe da revolução militar que destronou o império. General do exército brasileiro, Deodoro da Fonseca assumiu a presidência do novo governo, em que se encontravam figuras de grande prestígio, como Rui Barbosa e Benjamin Constant.

No dia 7 de Dezembro, a bordo do vapor «Alagoas», chega a Lisboa a família imperial do Brasil. É um acontecimento. Para entrevistar o imperador deposto e exilado encontram-se na capital jornalistas e repórteres de jornais franceses, ingleses e americanos. O rei D. Carlos foi a bordo, vestindo a farda de almirante, cumprimentar o imperador.

Vai findar o mês de Dezembro de 1889.

Quais os acontecimentos mais importantes a assinalar e a arquivar nesta reportagem? Relatemos alguns: A visita do imperador do Brasil, antes da sua partida para Cannes, aos Jerónimos, onde depoz no túmulo de Alexandre Herculano, de quem foi admirador e amigo pessoal, uma coroa de flores; a representação no Teatro Nacional de D. Maria II da peça *O bibliotecário*, cujo desempenho por parte do Brazão, João e Augusto Rosa, Ferreira da Silva, César de Lima e Rosa Damasceno e Amélia da Silveira foi notável.

Esta peça sucedeu no cartaz ao grande êxito da época de inverno: a «Leonor Teles», de Marcelino Mesquita. Mas o acontecimento mais importante do mês a registar verificou-se no dia 28, com a aclamação do rei D. Carlos e a inauguração da Avenida D. Carlos, ou das Cortes, depois Presidente Wilson e agora volta a chamar-se de D. Carlos I.

Eis, em resumo, os principais acontecimentos do ano de 1889. Na smpulheta do tempo, os dias, as semanas, os anos decorreram velozmente. Em sessenta anos, o mundo mudou muito.

# Linhas Estrangeiras

**GRÉCIA** Nos termos de um novo acordo, recentemente concluído entre o governo da Grécia e a missão americana de auxílio, aquele país vai receber 17 locomotivas, sete carruagens e grande quantidade de equipamento ferroviário.

**INGLATERRA** No mês de Agosto passado fechou-se o primeiro centenário sobre a morte de George Stephenson, o inventor do caminho de ferro a vapor.

Foi na cidade de Newcastle que se celebraram várias cerimónias em homenagem à memória e ao nome do famoso inventor. Depois da visita às oficinas de Roberto Stephenson, estabelecidas, há cento e vinte e cinco anos, por Georges Stephenson, com o nome de seu filho, e que são as oficinas de locomotivas mais antigas do mundo, inaugurou-se a exposição do museu Laing, de que fazem parte desenhos originais, modelos e outras recordações dos trabalhos de Stephenson.

A região nordeste dos caminhos de ferro britânicos associou-se às comemorações centenárias, promovendo uma exposição de locomotivas e material circulante moderno.

— O jornal «Manchester Guardian» deu a notícia, com seus foros de sensacional, de que o «Comité» Executivo do Sindicato Nacional Ferroviário vai solicitar uma entrevista com o Ministro de Transportes e pedir-lhe que este apoie uma reclamação dos empregados, que consiste em conseguir uma participação mais ampla no mando dos caminhos de ferro.

«De entre o coro de críticas nem uma só voz se elevou em defesa dos novos patrões da indústria» — escreveu aquele jornal. Um delegado do Sindicato não hesitou em afirmar que «o sistema existente do capitalismo do estado de modo nenhum era naciona-

lização, porém, uma coisa mais viciosa que uma empresa particular».

Os delegados aprovaram por unanimidade uma resolução que se impõe como requisito prévio para o êxito da participação dos trabalhadores na direcção da empresa em todos os seus graus: que existe um direito indiscutível aos graus de salários para poder aspirar às categorias de inspecção e administração e que os representantes dos trabalhadores nos «Comités» de departamentos locais, Conselhos de secção, «Comités» de trabalho e Secções da linha possam ter os mesmos direitos que a Direcção para determinar todos os assuntos pertencentes à indústria.

O sr. J. Martin, ferroviário jubilado, disse que havia chegado a hora de os funcionários pôrem os olhos na indústria, não como mendigos, porém, como participantes.

Ora, sabendo-se que os prejuízos da rede britânica subiram, no ano de 1947, a 59 milhões de libras, é caso para perguntar se os ferroviários ingleses desejam participar também naqueles prejuízos.

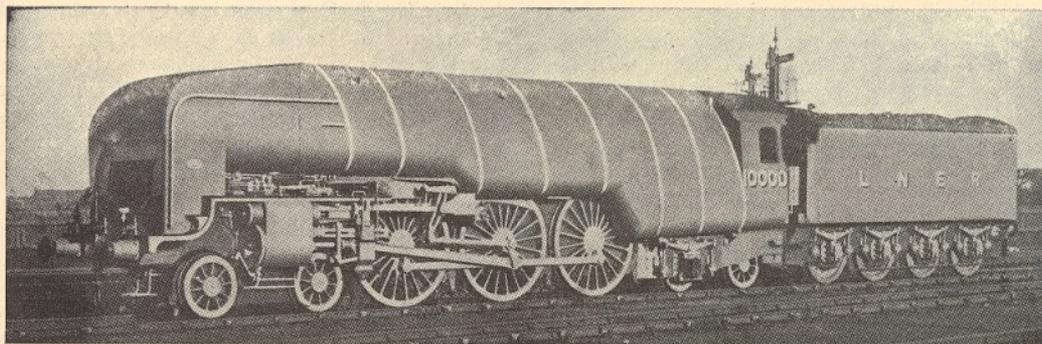
— Em 1952 devem estar electrificadas as linhas de Manchester-Sheffield-Wath, acaba de o anunciar Sir Cyril Hurcomb, presidente da Comissão do Transporte britânico.

A electrificação dessas linhas deve custar mais de seis milhões de libras esterlinas, mas economizará 100 mil toneladas de carvão por ano. A extensão da linha a electrificar é de 528 quilómetros de via única. Utilizar-se-á a corrente contínua de 1.500 v.

**NORUEGA** Os Caminhos de Ferro Noruegueses, antes da segunda guerra mundial, tinham adquirido na Alemanha, por encomenda, quatro combóios puxados a motores Diesel, que houve que pôr de parte por não terem correspondido às exigências do terreno da Noruega.

Os Caminhos de Ferro Noruegueses acabam, no entanto, de fazer uma nova encomenda de três motores Diesel, mas desta vez à Inglaterra.

Estes motores serão entregues durante o próximo ano.



INGLATERRA — Uma das locomotivas da «London and North Eastern Railway»

# Recortes sem Comentários

## 44 baleias cançadas de viver...

Um telegrama da Flórida, através da agência *Reuter*, diz-nos o seguinte:

«Dando um aspecto de suicídio em massa, 44 baleias saíram no dia 7 do mar agitado e deitaram-se na praia.

Quase todas elas, que tinham de 3 a 5 metros de comprimento, morreram rapidamente, procurando-se que regressem à água algumas que ficaram com vida.

Alguns peritos afirmam que já por várias vezes as baleias se vieram deitar na praia, sem razão justificada, e que ao serem levadas para a água voltaram imediatamente à praia.

Deve tratar-se de um caso de suicídio, premeditado.

A vida é um fardo pesado até mesmo para as baleias».

(Da *Gazeta de Cantanhede*)

## A «selva» Lacerda Machado voltará a ser jardim

O jardim Lacerda Machado vai recuperar-se!

Vai, até, sem dúvida melhorar!

Aquela «selva» que não tinha nem os encantos de «bosque» nem o aprazível de pequeno jardim, está em plena transformação. Assim o viemos encontrar.



MAQUINAS-FERRAMENTAS  
FERRAGENS-CUTELARIA

**HORÁCIO ALVES, L<sup>DA</sup>**

43, RUA AUGUSTA, 51. LISBOA

TELEG. ALZI · TELEF. 26247-48

Exemplo irrefutável do que pode a vontade dos homens quando sabe verdadeiramente *querer*.

Afecto ao comando militar, deixará de ser logradouro de lixo, de folhas secas, de palmeiras desprezadas, de árvores mal tratadas, de lodos inverniais!

E já que isto foi possível, é crível que o «célebre muro» da parada do antigo quartel de artilharia seja agora, alfinado e reparado convenientemente.

(De *A Voz de Portalegre*)

## Será isto exercer a Caridade?

A caridade é a rainha das virtudes. E tão importante ela é aos olhos de Deus que ele disse: «Sem Caridade não há salvação».

Mas eu, desprezenciosa e inútil criatura, só posso conceber a Caridade que vai a tóda a parte, entra em todas as choupanas, visita todos os tugúrios, sem perguntar quem vive ou morre lá...

A mão que espalha o Bem, sem se preocupar com o beneficiário, que pode ser um ateu, um protestante, um criminoso até — é a Caridade.

O homem que visita no cárcere um assassino, que veste o andrajoso, que dá um bom conselho — é a Caridade.

A mulher que de porta em porta mendiga alguma coisa para socorrer um velho ou uma criancinha, encontrados sem amparo no labirinto da vida — é a Caridade.

O homem que dá a sua ciência, o seu esforço, e, muitas vezes, a sua vida aos bocados em prol dos doentes e desgraçados — é ainda a Caridade.

E a Caridade é tudo quanto representa um benefício desinteressado, espontâneo e puro!

...

Mas, leitor amigo, nem todos os actos de bem-fazer representam a Caridade; aquela que se escreve com letras maiúsculas e tem a doçura do morango; aquela que se esconde da curiosidade dos homens, como que envergonhada de si mesma.

Há esmolas que sujam duas mãos: A mão de quem as dá e a de quem as aceita. São as esmolas dos hipócritas, que as dão para agradar. Falsos apóstolos do Bem, eles só o praticam por interesse, para que os seus nomes venham em letra redonda nos periódicos da terra! São as esmolas dos avarentos espalhafatosos, que se dão ao luxo de juntar em redor de suas moradias uma legião de infelizes, a quem distribuem, quinzenal ou mensalmente, a mísera quantia de 5 centavos!

E desta sorte, não lhes é difícil fazer figura de beneméritos. Um escudo apenas, um pobre escudo, senhores, dá para contemplar 20 pedintes!

Será isto exercer a Caridade?

A minha opinião é pobre, nada vale e nada pesa. Mas se ela tivesse algum valor, sempre diria que aquilo não é exercer a Caridade no que ela tem de mais belo, de mais sacrosanto, de mais puro e Divino!

Aquilo é única e simplesmente um ultrage, uma afronta pública, à pobreza dos outros!

Eu conheço indivíduos que têm mais no farelo que outros têm na farinha. Faria mais falta a uns um tostão que aos demais cem escudos.

E espírito de solidariedade, belo como a pomba: são os



**TODO O GÉNERO  
DE  
REPARAÇÕES  
ELÉCTRICAS  
★  
ESPECIALIZADA  
EM BOBINAGEM**

**ELÉTRICA LEVANTINA**

RUA DO GRILU - 15-17-19 (BEATO) - LISBOA - TEL. 38-219

menos abastados aqueles que mais respeito têm pelos desherdados da sorte!

Meio tostão... Oh ironia suprema e desconcertante destes beneméritos espalhafatosos! Eles não querem saber que há-de chegar um dia em que terão que prestar conta do uso e do abuso que fizeram das suas possibilidades!

E é triste ver uma legião de pobres, sombra negra que comove e desconsidera inegavelmente as normas sociais, exposta às inclemências do tempo: no inverno, rôtos, molhados, cadavéricos e famintos; no verão, abafados, cobertos de poeira e miseráveis.

E para quê, senhores, para quê? — Para chegarem ao fim de tão dolorosa jornada com uns escassos meios-tostões de esmoladas!..

Não haveria forma de remediar estes inconvenientes, de curar estas chagas, ou, pelo menos, de lhes ministrar um bálsamo que deminuisse a dor?

Estou firmemente convencido de que sim. Para tanto bastaria a boa-vontade dos homens, espírito cristão e amor fraternal.

Mas, infelizmente, é isto que menos se encontra no Mundo, agora mais do que nunca, verdadeiro Vale de Lágrimas.

(J. Alves, de *O Castanheirense*)

### Impostos sobre veículos Automóveis

Tem corrido com insistência, nos meios automobilísticos o boato de que, a partir de janeiro próximo, a todos os proprietários de veículos automóveis passaria a ser cobrado novo imposto, falando-se mesmo já de tabelas elaboradas com distinção de potências dos carros, número de lugares, etc.

No desejo de esclarecermos devidamente o público e, em especial, os interessados, procurámos saber do fundamento de tal boato, podendo inferir que ele é infundado.

De resto, o assunto ficará completamente esclarecido com a publicação, que se espera dentro de poucos dias, de um diploma do Ministério das Comunicações, que inclui também matéria relativa a impostos. O conhecimento da sua elaboração, em certos meios, deve ter dado origem ao boato que se criou.

(*Dos jornais*)

### Uma experiência de regeneração humana

Na Grã-Bretanha estão a dar-se passos para aplicar as penas de prisão em conformidade com modernas ideias psicológicas.

A mais recente experiência deste género vai realizar-se numa prisão de condenadas próximo de Birmingham. As autoridades resolveram dar a estas mulheres a oportunidade de adaptarem-se de novo à vida normal, enquanto cumprem as suas penas.

As mulheres de «categoria» especial serão autorizadas a encarregar-se de serviços caseiros ou trabalho nas fábricas durante o dia, desde que se apresentem e regressem à prisão ao cair da noite. Às mulheres casadas será permitido encontrarem os seus maridos fora da prisão, e às solteiras será dada também a oportunidade de se avistarem com as pessoas amigas.

(*Do Jornal do Comércio*)

### Luta sem quartel contra os especuladores

Logo que o Sr. Eng.º Daniel Barbosa abandonou o lugar de Ministro da Economia, os especuladores começaram a preparar as manobras criminosas do mercado negro, fazendo correr em todo o país que iam faltar no mercado milho e azeite.

O sucessor do Sr. Eng.º Daniel Barbosa, na primeira reunião que teve com a imprensa, apressou-se a fazer alto aos especuladores e a sossegar o país sobre o êxito dos maneios em curso. Depois de prometer luta sem quartel contra os especuladores, afirmou: «Deve o governo todo o apoio ao lavrador que cumpre, ao industrial honesto e ao comerciante digno, mas é essa mesma atitude que o autoriza a prosseguir com ânimo inflexível aqueles que especulam desenfreadamente e que se propõem enriquecer à custa das dificuldades que o país atravessa.

A hora não é para contemplanções, nem consente, nem convida às fraquezas sentimentais ou às concessões de tolerância. Só o exemplo intimidativo da punição dura e pronta das fraudes cometidas pode opôr um freio às manobras miseráveis dos que exploram com as dificuldades alheias.

É esta a linguagem que o país quer ouvir, na certeza de que se cumprirão as promessas que encerra e que são o grande imperativo da ordem social, na hora presente.

(*Do jornal A Guarda*)

### O aumento das taxas postais, telegráficas e telefónicas

Só agora, cerca dum mês depois do aumento das taxas postais, telegráficas e telefónicas, é que verificamos, por parte dalguns jornais, até mesmo daqueles grandes órgãos da opinião pública que, regra geral não têm opinião própria, uns ligeiros protestos ou vagos queixumes contra esse agravamento que passa a ser motivo bastante, de parte de todos que fornecem, seja o que for, para tornar mais elevado o custo das coisas! E se esse aumento correspondesse exactamente ao das taxas, estaria bem, mas a verdade é que o mais simples argumento serve para especular e complicar a vida do próximo, parecendo haver certo prazer em alargar o círculo vicioso em que vegetam todas as actividades nacionais!

Muita gente estava longe de calcular que o aumento

RELÓGIOS — JOIAS — OURO E PRATAS  
de qualidade e requintado bom gosto

**TORROAES**

Relojoaria e Ourivesaria

123, RUA DA PRATA, 131 — LISBOA — Telefone 24210

das taxas, feito numa escala tão brusca, traria novas complicações à vida, encarecendo-a e dificultando-a; mas é isso mesmo que se está verificando, com a agravante de se elevar a proporções nunca vistas!

Nós também temos o direito de emitir a nossa opinião sobre o caso e ela aí vai sem reservas e sem a preocupação de agradar ou desagradar seja a quem for: o aumento compreendia-se com certa moderação, porque gastar \$50 na expedição duma carta, \$30 num postal e 2\$00 num telegrama até 10 palavras, era realmente barato, dada a desvalorização da moeda ou, se quiserem, reduzido o poder de compra nos anos que se sucederam ao início da guerra. Queremos dizer que o aumento médio de 50 % seria mais aconselhável e não provocaria a reacção do público, que entende dever defender-se por todos os meios ao seu alcance, quer abstenendo-se ao máximo de utilizar esses serviços públicos, quer usando estratégias e inventivas que o seu espírito adrega para os substituir.

O aumento de 150 % em carta registada, de 100 por cento nos telegramas e não sabemos de quanto nos telefonemas foram excessivos. Quanto às encomendas, o aumento subiu a proporções inoportáveis e pouco menos que proibitivas, em manifesto dano para a Administração dos C. T. T., visto que o público tem variadíssimos meios de expedir encomendas por outras vias e sem algumas complicações e exigências, muitas vezes inúteis, de condicionamento. Não seria mais lógico que esse aumento se integrasse nos domínios da concorrência, como até aqui, e em que, com inteligência, se permitia toda a espécie de expedições, o que se notou com agrado durante o período da guerra?

As taxas de títulos à cobrança também subiram excessivamente, originando o aumento global das despesas de expediente das actividades comerciais e industriais, que não é possível substituir por outro serviço mais prático, a não ser, quando se trate de cobranças de grande valor, pelo de saques expedidos por intermédio de Bancos e casas bancárias.

Resta saber se um tão elevado aumento não terá sido contraproducente, isto é, lesivo aos interesses da A. G. C. T. T. Não é possível substituir alguns dos seus serviços, mas há maneira de reduzir a sua utilização. E esta hipótese é que deveria ter sido encarada para não exagerar a subida das taxas.

(De Comarca de Sertão)

### Será fantasma?

«Numa cidade da Baviera o povo apelou para as autoridades eclesiásticas locais para que levassem a efeito um inquérito oficial sobre as actividades do «fantasma» que parece ser um «poltergeist» designado por «Gus». Um padre já esconjurou uma casa onde o «Gus» punha a família em sobressalto. O «Gus» abandonou a casa mas estabeleceu o seu alarmante domínio à meia noite do dia seguinte numa casa vizinha.

Os locatários das casas em que o «Gus» se apresentou, como residente sem pagar, dizem que viram pratos lançados pelo ar, a comida a desaparecer dos pratos e os armários a abrirem-se misteriosamente por si próprios enquanto que o que lá estava dentro dos armários se espalhava por toda a casa.

Uma mulher declarou que o pouco amável «Gus» lhe dera um pontapé e que depois entornára o conteúdo de uma cafeteira sobre ela. Os cães caseiros uivam e lambem nos cantos quando o «Gus» entra numa dependência. Dizem que o «Gus» fez endoiçar uma rapariga de 15 anos e que lhe arrancou grande parte do cabelo, o que assustou muito os

país que tinham em vão coberto a rapariga com um chaile. Alguns dos mais histéricos habitantes da cidade juram que viram o «Gus» acompanhado de alguém, que algumas pessoas dizem ser um fantasma feminino.»

Os fantasmas femininos são muito perigosos.

(Da Gazeta de Cantanhede)

### O Fado

Contra o que muitos afirmam, asseguram outros que o fado não é uma canção nacional. E, por isso, há quem se deleite todo com o fado e há quem não o queira ouvir nem de longe. As opiniões dividem-se e não há maneira de as harmonizar.

E' certo que o fado está hoje muito menos... fadista. Com o fado cantam-se actualmente versos de bons autores, de autores consagrados como poetas. Já não se ouve aquele fado arrastado, mandrião, ébrio... Cantam hoje o fado artistas de verdade, que na cultura dessa canção se elevam muito alto, a ponto do seu nome ir já além da fronteira portuguesa. Hermínia Silva, Amália Rodrigues, Maria Tereza de Noronha, Fernanda Peres, são nomes que andam já na boca de muita gente, nomes que se podem pronunciar em toda a parte duma maneira muito diferente daquela por que se falava na «Severa».

Apesar de tudo, porém, não se conformam os detractores do fado em ouvir chamar-lhe a canção nacional.

Mas hão-de concordar que, se não é nacional, o fado é uma canção genuinamente portuguesa, que só os portugueses sabem cantar. E, se querem tirar a prova, ponham um cantor estrangeiro, ainda o mais afamado a cantar o fado. Verão a diferença... e o fiasco.

(De A Rabeca)

Com o progresso constante da mecânica Automobilística, dos motores de Aviação, Marítimos e de maquinaria aplicável à Agricultura, a necessidade de um lubrificante perfeito e capaz de corresponder às exigências da moderna técnica tornou-se mais e mais imperiosa.

A CASA L. SONNEBORN SONS INC., de Nova Iorque, com refinarias próprias em Petrolia e Franklin (Estado da Pensilvânia), especialista em lubrificantes desde 1880, mantendo como mantem, o seu Corpo de Engenheiros em permanente estudo e investigação, melhorou consideravelmente os seus de há muito famosos óleos e massas lubrificantes

## AMALIE Pensilvânia

de tal maneira que eles são hoje considerados pelos próprios construtores não só o lubrificante da actualidade mas até do futuro...

«AMALIE» Pensilvânia Motor Oil é um autêntico sucesso da ciência de lubrificação e representa um progresso que ultrapassa de muito as necessidades presentes da técnica de construção mecânica.

«AMALIE» Pensilvânia Motor Oil é um produto directamente obtido por destilação da base-petróleo, sem qualquer mistura de óleos neutros.

«AMALIE» Pensilvânia Motor Oil é o lubrificante de maior grau de OLEOSIDADE até hoje conhecido.

Secção Técnica:  
Rua Augusta, 118-4.º

Telefone  
3 0257

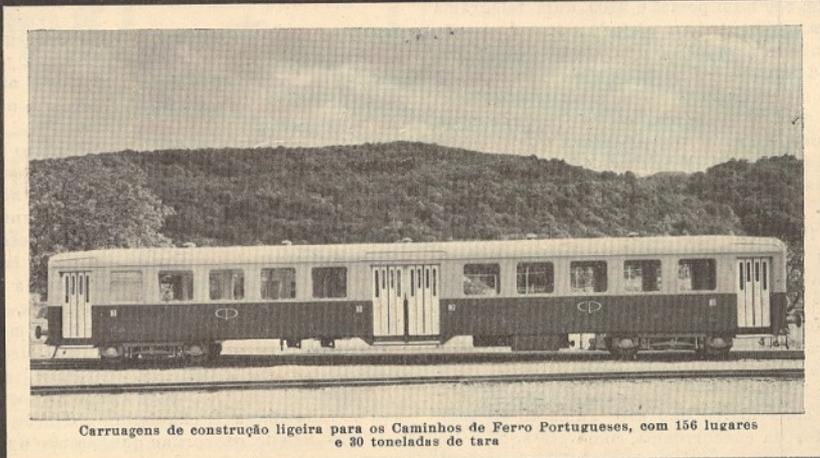
LISBOA

# SCHINDLER WAGONS S.A., PRATTELN-SUIÇA

Carruagens normais e de luxo, construção ligeira em aço para caminhos de ferro

Wagons de mercadorias de todos os tipos

Automotoras e carruagens para franways



Carruagens de construção ligeira para os Caminhos de Ferro Portugueses, com 156 lugares e 30 toneladas de tara



*Serralharia Artística*  
*de António Manuel Castro, Sucrs.*  
*Executa todos os trabalhos referentes à*  
**CONSTRUÇÃO CIVIL**  
*Fornecedores: S. P. N. (Pousadas)*  
*Telefone 2 9319*  
*Largo do Picadeiro, 12 Rua Elias Garcia, 332*  
**LISBOA AMADORA**



**«A Nova Loja dos Candeeiros»**

Vende ao preço da tabela:  
 Fogões, Esquentadores, Lanternas e todos os artigos da  
**VACUUM**

Única casa no género que tem ao seu serviço pessoal técnico, que pertenceu àquela companhia, tomando responsabilidade em todos os consertos — que lhe sejam confiados —

**R. da Horta Sêca, 24**  
**LISBOA — Telef. 2 942**



GUIMARÃES - Casa da Câmara e Igreja

# GUIMARÃES

**G**UIMARÃES é, sem dúvida, a mais nobre cidade de Portugal. Ali, no Paço do Castelo, fixou residência, em fins do século XI, o Conde D. Henrique; ali nasceu e se baptizou D. Afonso Henriques; ali foi a primeira côrte portuguesa. Terra sagrada é, pois, Guimarães, terra que nenhum português, mesmo com sacrifício, deve deixar de visitar uma vez só que seja na vida.

Vila importante e muito populosa, só no reinado de D. Maria II, em 1853, é que Guimarães ascendeu à categoria de cidade. Todavia, enraizada como está no passado, sendo, por tal facto, uma das páginas mais vivas da história nacional, Guimarães é uma das nossas cidades mais progressivas, mais belas e actuais.

Indústrias várias, como as de cutelaria, tecidos de linho e algodão, cortumes, calçado, etc., constituem a base do seu rápido progresso e são ainda hoje a razão do aumento constante da população não só da cidade mas de todo o concelho.

Centro industrial dos mais importantes do país, Guimarães é também uma das estâncias mais belas, mais completas com que o turismo nacional pode contar para atrair os estrangeiros e convencer os próprios portugueses de que Portugal é uma das terras mais encantadoras em todo o mundo.

Em Guimarães, com efeito, o turista ou o estudioso da nossa história e da nossa arte encontra monumentos e documentos de alto interesse. Lição prática e opulenta, persuasiva e eloquente é aquela

que colhemos nas suas pedras sagradas por 8 séculos de existência.

São valiosos, em todos os pontos de vista, os seus monumentos a começar pelo Castelo românico, que data do século XII, e pela igreja de S. Miguel do Castelo, igualmente de estilo românico e do mesmo século, e onde, em 1111, foi baptizado o primeiro rei de Portugal, e a acabar na igreja de Serzedelo, do século XIII, na igreja de S. Domingos, em estilo gótico, do século XIV, na igreja de S. Francisco, em estilo gótico, do século XV e no Mosteiro da Costa, em estilo renascença, dos séculos XVI e XVII.

A fisionomia da cidade é característica, original e ímpar no país. A antiga Praça do Toural, onde, até 1940, esteve o monumento do primeiro rei de Portugal, e hoje se chama Praça de D. Afonso Henriques, é simplesmente curiosa, com os seus edifícios imponentes e realmente belos.

Digno de visita é o Museu de Alberto Sampaio, instalado numa dependência do antigo mosteiro, cuja igreja de Nossa Senhora da Oliveira é considerado o mais importante monumento de Guimarães.

Neste Museu, além do notável claustro do século XIII e onde se encontram expostas admiráveis esculturas antigas, existem uma bela colecção de quadros de pintores notáveis, riquíssimas peças de ourivesaria sacra, como cálices e relicários, mobiliário antigo, etc.

Com sede no extinto convento de S. Domingos,



GUIMARÃES — Estátua de D. Afonso Henriques

existe um outro Museu, cuja fundação se deve à benemérita Sociedade Martins Sarmento. Este Museu, dedicado à Arqueologia, é constituído por uma notável colecção de objectos encontrados nas escavações das citânias de Briteiros e Sabroso, levadas a efeito pelo douto Martins Sarmento. A Biblioteca desta Sociedade possui mais de 30 mil volumes, sendo, por isso, uma das mais valiosas do país.

A antiga casa da Câmara, é um belo e curioso edifício do século XVI, assente sobre arcaria que abre passagem para a Praça de S. Tiago. O Palácio dos Duques de Bragança é outro edifício histórico, que há poucos anos sofreu grandes obras de restauro. Domina a cidade o Castelo, fundado por Mumadona, mas restaurado e reformado nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis e últimamente mais uma vez restaurado.

Este castelo, que foi teatro de lutas heróicas, compõe-se duma torre de menagem quadrangular de 20 metros de altura, isolada ao centro, e de um cinto de muralhas pentagonal, com cubelos e torres nos vértices. Quem subir ao alto da torre de menagem poderá disfrutar um dos mais encantadores e amplos panoramas que é dado ver a olhos humanos.

Em frente, no terreiro, ergue-se a famosa está-

tua de D. Afonso Henriques, obra do insigne Soares dos Reis. Percorrendo as ruas e praças de Guimarães, visitando os seus templos e os seus mais expressivos monumentos, encontramos em cada passo com uma página de história, — da história da cidade e da história da Nação. Uma vida nova, porém, despertou no velho burgo e no formoso concelho. São dezenas e dezenas de fábricas que atiram para o ar, com os seus silvos, a canção gloriosa e heróica do trabalho.

Guimarães é uma das nossas mais belas estâncias de turismo. Vista a cidade, onde há excelentes hotéis e pensões, uma digressão pelo vasto concelho só nos poderá proporcionar as mais gratas emoções. Os panoramas sucedem-se, numa série interminável. Mas é principalmente a Penha, a seis quilómetros de Guimarães, que mais atrai e encanta o visitante. Na altitude de 617 metros, os seus ares são puríssimos, assim como os seus panoramas são verdadeiramente empolgantes.

TELEFONE: 4156

## João Ferreira das Neves

Proprietário de Carreiras de Auto-Cars entre Guimarães-Pórtó, Guimarães-Póvoa de Varzim, Guimarães-Pevidém, Guimarães-Felgueiras

**AUTOMÓVEIS DE ALUGUER**

Aluguer de Luxuosos Auto-Cars para Excursões

**CAMINHETAS DE CARGA**

Largo do Toural, 78 a 82

GUIMARÃES

Telefone: 4347

Telegramas: ALCAR

## ALVES & CARDOSO, L.<sup>DA</sup>

EXPORTADORES PARA AS COLÓNIAS

Armasenistas de Fazendas Brancas e Retalhistas de Casimras  
Tecidos de Algodão e Miudezas

Armazém: Largo do Toural, 68 Filial: Largo da Condessa do Juncal

GUIMARÃES

ARMAZÉM DE TECIDOS DE ALGODÃO

## FREITAS & CARVALHO, L.<sup>DA</sup>

Rua Trindade Coelho, 40

GUIMARÃES

Telefone: 4438

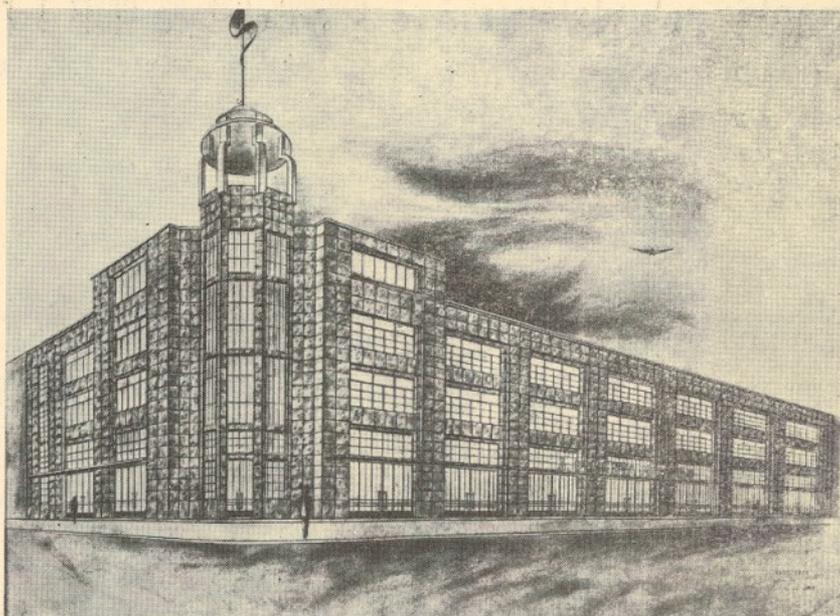
Telegramas: PÁTRIA

## ANDRADE & C.<sup>A</sup> Suc.

FÁBRICA DE PENTES

Avenida dos Pombais

GUIMARÃES



FÁBRICAS E ARMAZENS DE TECIDOS DE ALGODÃO  
FÁBRICA DE SERRAÇÃO E MOVEIS  
SECÇÃO DE SEGUROS — ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS  
— DE —

# Alberto Pimenta Machado & Filhos

(CASA FUNDADA NO ANO DE 1919)

IMPORTADORES E EXPORTADORES PARA PORTUGAL  
E COLÓNIAS E PARA O ESTRANGEIRO

Armazens de Tecidos de Algodão e Lanifícios  
Escritórios — Fábrica de Serração e Móveis  
P. B. X. 4111 — 4112 — 4113

TELEFONES : Escritórios-Gerência: 4405 — 4485  
Fábrica de Tecidos de Vila Pouca 4424  
Filial (Estabelecimento de venda ao público)  
Rua de Santo António 4478  
Residência-Guimarães 4128  
Residência-S. Torcato 4472

TELEGRAMAS  
ALPIMENTA

GUIMARÃES — PORTUGAL

**Ferramentas e Cutelarias  
de Guimarães, L.<sup>da</sup>**

TRAVESSA DA RUA DE COUROS  
GUIMARÃES—PORTUGAL

TELEGRAMAS—RAPOSAS



A NOSSA MARCA  
É A MELHOR GARANTIA

TODOS OS MODELOS  
DE TALHERES EM  
AÇO INOXIDÁVEL

FERRAMENTAS PARA  
AUTOMÓVEIS

RASPadeiras E OUTROS  
ARTIGOS PARA PAPELARIAS

FABRICANTES E  
EXPORTADORES

FERRAMENTAS PARA  
TODAS AS ARTES

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS

TODA A ESPÉCIE DE CANI-  
VETES DE USO CONTINEN-  
TAL E COLONIAL, FACAS,  
CUTELLOS, ETC.

Sempre os melhores artigos do mercado

**António Vaz da Costa & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>**

FÁBRICA DE MALHAS DE SANTA LUZIA

///

MEIAS

PEUGAS

CAMISOLAS

///

GUIMARÃES—Rua Paio Galvão

Telefone 4231 — Apartado 23

**FÁBRICA DE TECIDOS**

*A Estrela do Norte*  
— DE —  
**Julio Miranda Pedrosa**

ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS E  
RISCADOS DO CONTINENTE E COLÓNIAS

MOREIRA DE CONEGOS (Guimarães)  
Estação do Caminho de Ferro de Lordêlo

**Empresa Textil do Salvador, L.<sup>da</sup>**

///

ESPECIALIZADA EM PANOS  
ENFESTADOS, ATOALHAOS  
— E RISCADOS —

///

S. MARTINHO DO CAMPO—MINHO II

Telefone 11

**COMPANHIA DE FIAÇÃO  
E  
TECIDOS DE GUIMARÃES**

**GUIMARÃES**

**FÁBRICA DE TECIDOS**

DA

**Cruz de Pedra, L.<sup>da</sup>**



**GUIMARÃES TELEFONE 4157**

**Fábrica de Tecidos do Carvalho**

**António Moreira Gomes & Filhos**

ESPECIALIDADE EM PANOS ALINHADOS,  
LENÇOS DE BOLSO E COLCHAS

**LORDÊLO - GUIMARÃES Telef. 4740**

**António da Costa Guimarães, F.<sup>o</sup> & C.<sup>a</sup>**

Fábrica de Fiação e Tecidos do Castanheiro



**GUIMARÃES**

**EMPRESA AUTO-GUIMARÃES DE  
JOÃO CARLOS SOARES**

Escritório - Rua de Paio Galvão - Stand n.º 8  
Garagem e Estação de Serviço:

**Avenida Conde de Margaride**

**Telefone 4458 - GUIMARÃES**

CARREIRAS ENTRE

**GUIMARÃES** { FAFE  
PÓVOA DE VARZIM  
FAMALICÃO  
BRAGA

**AMADEU C. PENAFORT, L.<sup>DA</sup>**

REPRESENTAÇÕES, COMISSÕES  
E CONSIGNAÇÕES

**Rua de Paio Galvão (Edifício próprio)**

**Telefone 4132 - Teleg. PENAFORT-**

**GUIMARÃES (PORTUGAL)**

**Manuel Pinheiro Guimarães & C.<sup>a</sup>, Sucessores**

CASA FUNDADA EM 1798

**ARMAZÉM DE FAZENDAS  
DE LÃ, SEDA E ALGODÃO**

Fornecedor de diversos Seminários  
e Colégios Religiosos

**VENDAS POR JUNTO E A RETALHO**

**106, Praça D. Afonso Henriques, 111 - Telefone 4118**

**GUIMARÃES**

**Fábrica de Tecidos de Vila-Flor, L.<sup>da</sup>**

Premiada com a medalha de ouro na Exposição  
Industrial de Guimarães, única a que concorreu

Fábrica, Depósito e Escritório  
**Avenida D. Afonso Henriques**  
**TELEFONE 4303**

**Guimarães**

FÁBRICA DE TECIDOS DO MONTENEGRO

DE  
**J. Pereira Fernandes**

**PEVIDÉM** Guimarães  
Telefone 4714

Fábrica de Tecidos do Saganhaes

DE  
**António Ribeiro da Cunha**

TELEFONE 4752

**PEVIDÉM — GUIMARÃES**  
(PORTUGAL)

*Fábrica de Fiação e  
Tecidos do Devidém*

**Alberto Rodrigues de Figueiredo & Filhos**

Telefone 4 757  
**PEVIDÉM**

**FABRICA TEXTIL DE VIZELA, L.<sup>DA</sup>**

**FIAÇÃO**

Fiação fina, média e grossa de 2.<sup>a</sup>  
Fios torcidos

**TECELAGEM**

Tecidos de algodão, diversas qualidades  
Especialidade em cotins finos

TELEFONE, 4 847  
**VIZELA**

**FABRICA DE CUTELARIAS**

Pentes  
Miudezas  
Cutelarias  
Ferragens  
Torneiras  
Ferramentas

de **manuel machado**

**5 m 3**

REGISTADA  
FUNDADA EM 1917

**Creixomil  
GUIMARÃES**

**AS MELHORES CUTELARIAS NACIONAIS**

Armazém de Fazendas Brancas, Sêdas e Alólhodos

**Eduardo Torcato Ribeiro & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

Rua da Caldeirôa, 70 - Guimarães - Telef. 4106

**Aureliano Fernandes & Marques, Sucs., L<sup>da</sup>**

CASA FUNDADA EM 1920

Telefone 4318

**GUIMARÃES**

**FÁBRICA DE TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO**

Especialidade em Panos para Lençóis

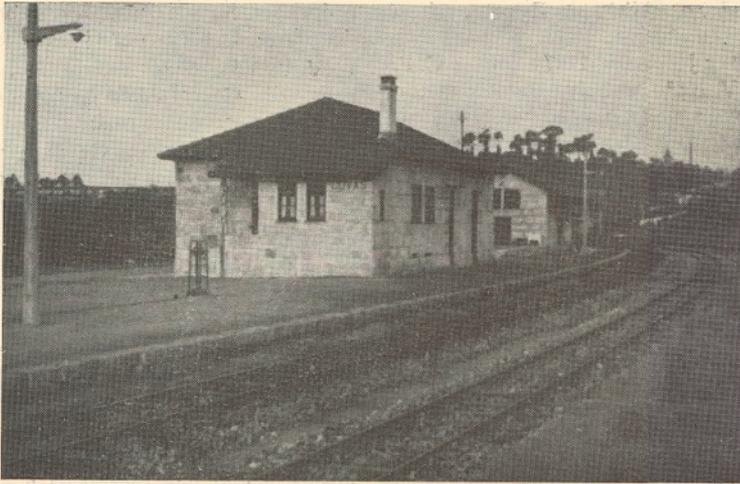
**ALBANO M. COELHO LIMA**  
Telefone 4763 **PEVIDÉM**

**JOÃO RIBEIRO DA CUNHA, FILHOS & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

Fábrica de Fiação e Tecidos do Crastinho

Telefone 4743

**PEVIDÉM — Portugal**



A ESTAÇÃO DE COVAS

# COVAS e as suas aspirações

*Uma comissão de distintos elementos das forças activas da linda e importante localidade, que os industriais de Guimarães estão transformando num progressivo centro fabril, enviou recentemente à C. P. uma Exposição, assinada também por autoridades e individualidades das mais representativas do meio, em que é formulado o pedido de se elevar o apeadeiro daquela zona industrial à categoria de Estação.*

*Reproduzimos a seguir, na íntegra, a referida Exposição:*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — Lisboa,

Ex.<sup>mo</sup> Senhor:

A rectidão, o aprumo moral e o espírito de justiça com que V. Ex.<sup>a</sup> costuma apreciar todos os assuntos que Lhe são apresentados, dão aos signatários da presente Exposição-Pedido (Industriais, comerciantes, autoridades e povo em geral que se servem do apeadeiro de Covas, sito em Urgeses, concelho de Guimarães) a certeza antecipada de que a sua antiga aspiração será por V. Ex.<sup>a</sup> criteriosamente julgada e favoravelmente sentenciada.

O antigo apeadeiro de Covas, da extinta Companhia do Norte, não satisfazia, de modo algum, às ne-

cessárias condições para o movimento desta linda, importante e populosa localidade que Guimarães escolhe para instalar as suas novas indústrias. Assim sendo, aquela Companhia entendeu e muito bem, que era seu dever dar uma solução ao problema mandando elaborar um projecto, não para um novo e maior apeadeiro, mas sim para uma linda Estação, com residência para chefe, cais coberto e descoberto, linhas de resguardo, retretes, jardim, etc., para assim satisfazer as necessidades do seu progressivo público.

Concluido o projecto e negociado o respectivo terreno, principiou a mesma Companhia a tratar da almejada Estação e dentro em pouco a população principiou, com geral agrado, a ver a ascensão das paredes e a terraplanagem para as linhas de resguardo, que, pouco tempo após, estavam concluidas, bem

como o cais, estando o edifício da Estação, a bem dizer, a meio da sua construção.

Chegou o dia 1.º de Janeiro de 1947 e então a C. P. — Companhia que V. Ex.<sup>a</sup> tão sábia e dignamente dirige — com um formidável impulso acaba de concluir esta obra colocando ali um chefe de Estação e não um simples encarregado de apeadeiro. Todos rendemos graças a Deus e em coro uníssono louvamos a Companhia de que V. Ex.<sup>a</sup> é muito digno Director Geral.

Mas... o tempo vai passando e aquilo a que, com toda a razão, apelidamos de Estação não passa, praticamente, de um simples apeadeiro!...

Não achamos justo e V. Ex.<sup>a</sup> também não acha, certamente, que assim continue a ser, porquanto as linhas de Guimarães e do Litoral do Minho têm estações, que não mencionamos por se tornar desnecessário, com tráfego muito inferior ao de Covas, longe de possuir um tão belo edifício e de servirem zonas tão industriais, comerciais e populosas como a de Covas, com distâncias próprias.

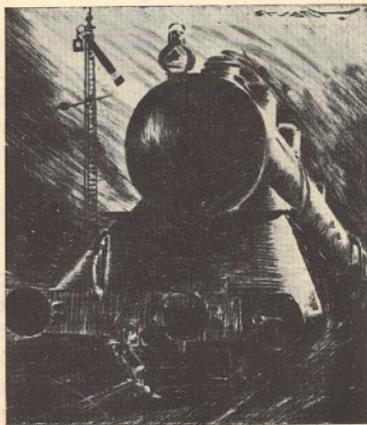
Pede-se, portanto, que o apeadeiro de Covas passe a denominar-se Estação de Covas, com distâncias

próprias a fim de se acabar de vez com a anomalia de termos de pagar por Guimarães ou Vizela.

V. Ex.<sup>a</sup> atendendo este pedido, não afectará os encargos da Companhia e dará aos signatários vontade de mais e mais contribuirem para o desenvolvimento desta linda Estação de Covas, terra encantadora preferida já por famílias da mais distintas para passarem as suas férias, e, como acima se diz, é a futura zona industrial de Guimarães.

A testemunhar o que fica dito, V. Ex.<sup>a</sup> poderá apreciar na data do recebimento desta Exposição-Pedido, pela *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, um documentário elucidativo do que é e do que vale, industrial e comercialmente, a zona servida pela nova Estação de Covas.

Os signatários esperam poder, dentro em breve espaço de tempo, festejar dignamente o importante melhoramento que representa a elevação à categoria de Estação do apeadeiro de Covas e, nessa ocasião terão oportunidade de patentear a V. Ex.<sup>a</sup> os protestos da maior gratidão pelo apreciável favor de V. Ex.<sup>a</sup>, a quem Deus guarde.



FÁBRICA DE TECIDOS  
**VITAL MARQUES RODRIGUES**

TELEFONE: 4159

COVAS — GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos de Linhos e de Algodão de Guimarães

de *Agostinho da Silva Aveias*

— \* TINTURARIA E ACABAMENTOS \* —

Telefone: 4364

C O V A S  
Guimarães

**Amadeu Esteves & Irmão, L.<sup>da</sup>**

Tecelagem e fiação, chales, colchas, cobertores, etc.

Covas Telefone 4293 GUIMARÃES

FÁBRICA PORTUGUESA DE COLCHAS DE SEDA E ALGODÃO

*V.<sup>a</sup> Joaquim da Cunha*

Telefone 4163 Covas Guimarães

A Industrial de Panos Alinhados, de Tecidos de Sêda e Algodão  
 DE *Alfredo Cardoso de Castro*  
 Especializado em colchas de Damasco e Damasco em peça  
**COVAS - GUIMARÃES**

*Alfredo Cardoso de Castro*  
 MERCEARIA, VINHOS E PADARIA  
**Covas GUIMARÃES**

GRANDE ESTABELECIMENTO - DE -  
**ANTÓNIO DE ABREU**  
 Vinhos, Mercerias, Sal por junto e a retalho - Riscados, Cotins,  
 Flanelas, Cobertores, Meias, Guarda-chuvas, Lenços e Miudezas  
**Lugar da Ponte - COVAS - Guimarães**

TECIDOS, MATERIAIS PARA  
 CONSTRUÇÃO CIVIL E FERRAGENS DE  
**Bento Gomes**  
 Próximo à Estação - COVAS - Guimarães

FÁBRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO, COLCHAS DE SEDA  
**A. SILVA JUNIOR**  
 Polvoreira COVAS Guimarães

FÁBRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO  
 DE **MANUEL ALMEIDA**  
 Abação - S. Tomé - Guimarães

*Manuel Rodrigues*  
 Fábrica de Tecidos  
**COVAS GUIMARÃES**

FÁBRICA DE TECIDOS  
 DE  
**João da Silva**  
 Covas - Guimarães

FÁBRICA DE TECIDOS  
 DE  
**Manuel Pereira da Costa**  
 S. Faustino de Vizeia **VIZELA**

Fábrica de Tecidos de Seda e de Algodão  
*Joaquim Salgado Guimarães*  
**URGEZES GUIMARÃES TELEF. 4193**

Carpintaria e Oficina mecânica de  
**JOSÉ DE OLIVEIRA**  
 CONSTRUTOR CIVIL  
 Encarrega-se de todas as obras referentes a carpintaria, por conta  
 do proprietário ou empreitada. Garante pessoal  
 devidamente habilitado e seguro. Perfeição e segurança  
**POLVOREIRA - COVAS GUIMARÃES**

FÁBRICA MANUAL DE TECIDOS  
**Damião Leite Simões**  
**TABOADELO - GUIMARÃES**

Fábrica de Tecidos de Algodão e Seda  
**ADELINO RIBEIRO DE ABREU**  
 TELEFONE 4738 **PEVIDÉM**

FÁBRICA DE TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA  
 DE  
**ARMINDO FERNANDES**  
**Taboado GUIMARÃES**

MERCEARIA, VINHOS E PADARIA  
**BELMIRO ALVES CARDOSO**  
 Taboado **GUIMARÃES**

FABRICO DE TECIDOS DE ALGODÃO  
 DE **JOÃO FERNANDES**  
 S. Faustino de Vizela **GUIMARÃES**

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA  
 De **JOÃO PEREIRA DA SILVA**  
 Depositário de sulfato, cal e enxofre, Vendas a preços módicos  
 S. Cristóvão de Abação **GUIMARÃES**

INDÚSTRIA DE TECIDOS MANUAIS DE ALGODÃO  
 'Atalhados, colchas e panos brancos, alinhados de todas as dimensões'  
**José Pereira da Silva**  
**Gêmeos GUIMARÃES**

# FUNDIÇÃO NEIVA

DE  
ANTÓNIO MARTINS NEIVA

Execução de fundição em ferro, bronzes e metais.

Acabamentos de trabalhos concernentes à sua arte.

**Chamadas ao Telefone 4159**

Santo Amaro — COVAS — Guimarães

# FÁBRICA DA BREIA

DE  
OLIVEIRA, IRMÃOS, SUC.<sup>S</sup>, L.<sup>DA</sup>

TECIDOS PARA ESTOFOS

COLCHAS DE SEDA

PANOS DE MESA

CHALES DE SEDA

Telefone 4310

COVAS — GUIMARÃES

# FÁBRICA de TECIDOS, LINHOS de GUIMARÃES

DE

FRANCISCO DA SILVA AREIAS

*Premiada na Exposição Industrial Portuguesa de 1932*

COVAS — GUIMARÃES

TELEFONE 4161

# PEREIRA DA CUNHA, L.<sup>DA</sup>

com FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

Especialidade em Damascos e tipos Orientais

ALDEIA DE REDEMOINHOS

COVAS — GUIMARÃES

**A CENTRAL COVENSE de Alexandre A. da Silva Telxreira**ESTABELECIMENTO MIXTO  
Comprar nesta casa é garantir a sua economia e o seu bom gosto  
**COVAS GUIMARÃES****FUNERÁRIA de JOAQUIM ALVES ROSA**FUNDADA NO ANO DE 1884 — Encarrega-se de funerais de luxo e modestos, assim como de trasladações para fora da cidade  
SERVIÇO PERMANENTE  
**COVAS—GUIMARÃES****Mercearia "Pinheiro Manso" de JOSÉ DE ARAÚJO****URGEZES GUIMARÃES****Mercearia e Vinhos de Manoel Martins Ribeiro da Silva**(CASAS AMARELAS)  
**Polvoeira GUIMARÃES****Café Covense de José da Costa****Covas Guimarães****Casa de Móveis de ANTÓNIO DE ARAÚJO****COVAS GUIMARÃES****DOMINGOS MOREIRA DA COSTA ABREU**Oficina de Máquinas «Jacquards» e Maquinetas—Reparações em máquinas usadas, Pranchetas, Chumbarias, Registas, Ganchos, Agulhas, Molas e Cilindros  
**LUGAR DOS REMÉDIOS—URGEZES GUIMARÃES**

Oficina de Reparações de Automóveis, Motos e Motores

Soldaduras a Autogéneo e Electrogéneo—Executa-se qualquer serviço de torno

**AVELINO CORREIA****ALEM DO RIO SANTO TIRSO****ANTÓNIO DA COSTA PACHECO**INDÚSTRIA DE TECIDOS—Especialidade em atalhados  
**S. Martinho de Candoso PEVIDÉM****OFICINA DE CUTELARIAS de JOSÉ DE FREITAS****COVAS GUIMARÃES****Tecidos de Algodão do Laranjal****VAZ & ABREU**S. Faustino de Vizela — **VIZELA****João Baptista**MERCEARIA E VINHOS  
Cruzeiro de S. Pedro—Vizela **GUIMARÃES****Mercearia e Vinhos de João de Freitas****Urgezès Guimarães****Fábrica da «Deveza» — José Rodrigues**Colechas, Tecidos de Algodão e Seda  
**S. Martinho de Candoso — PEVIDÉM — Telefone 4733****DOMINGOS ALVES GUIMARÃES**Atelier de Debuxos para «Jacquard» e «Maquineta»  
Fundado em 1927—Marcas (DOMINALGUIMA)—Montagens de teares «Jacquard» e «Maquineta» — **COVAS—GUIMARÃES**

Fábrica de Serração—Depósito de Madeiras diversas e Lenha—Telhas Diversas—Tijolos, etc.

**Paiva, Ferreira & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

TELEFONE, 131

**MONTINHO SANTO TIRSO****CANDIDO ROCHA***Rua Francisco Moreira*

FUNDADA EM 1940—TELEFONE 126

**SANTO TIRSO***Delegação do Contribuinte**Procuradoria*

Acessórios Nacionais e Estrangeiros para FIAÇÃO E TECELAGEM—Produtos para acabamentos. Oleos e Massas Consistentes

**OLIVEIRA BRANCO, L.<sup>da</sup>****ARMAZÉM DE TECIDOS****Rua Sousa Trêpa SANTO TIRSO**



**ESTAÇÃO DE SERVIÇO**      Telef. 12  
DA  
**GARAGEM MACHADO**  
DE ANTÓNIO JOAQUIM MACHADO

*Os mais confortáveis automóveis.*  
*Depositário da Gasolina e Oleos da*  
*«Vacuum Oil Company».*  
*Agente dos Oleos «Castrol».*  
*Oficina de reparação de Automóveis.*  
*Oficina de Pintura a DUCO.*  
*Serviço permanente de recolha*  
*e automóveis de aluguer.*

**R. FRANCISCO MOREIRA**  
**SANTO TIRSO**

TELEPHONE: 112

**Fábrica de Tecidos do Pinheirinho**  
DE  
**José António Correia**

**SANTO TIRSO**

**Humberto Nunes**  
**Ferreira Marques**

**FABRICO ESPECIAL DE LENÇOS**  
**DE BOLSO E TECIDOS DE ALGODÃO**

**Telefone 21**  
**AVES**  
**NEGRELOS**

**CASA BRANCA**  
DE  
**Francisco d'Oliveira Alves**

**Fazendas — Malhas — Miudezas — Papelaria**  
**Perfumarias — Novidades — Chapéus —**  
**Guarda-sóis — Calçados — Louças —**  
**Mercearia — Mobílias**

**AVES-NEGRELOS**

TELEPHONE: 19

**Empresa de Tecidos**  
**da Ponte Nova, L.<sup>da</sup>**

**S. TOMÉ DE NEGRELOS**

**Empresa Fabril de Lordelo, L.<sup>da</sup>**

**Telefone: 17**  
**S. MARTINHO DO CAMPO**

**Telegramas-Registos**  
**N e g r e l o s**

**Despachos-Apeadeiro**  
**G i e s t e i r a**

**LORDELO—MINHO II**  
**G U I M A R A E S**



Um trecho da cidade de AVEIRO e de um braço da ria

# AVEIRO e os seus grandes recursos

**A**VEIRO é uma das nossas cidades à qual está destinado um grande futuro económico. Logo que terminem as obras do porto, esse grande futuro será uma das mais gloriosas realidades portuguesas.

Aveiro tem, pois, nas suas mãos isto é, nas suas indústrias e no seu porto, extraordinárias possibilidades de engrandecimento e progresso, engrandecimento que já se iniciou e progresso que se acentua de ano para ano. A cidade de Aveiro, que tinha, há dez anos, perto de doze mil habitantes, apresenta hoje uma população superior a quinze mil almas. Estes números são eloquentíssimos, pois sabe-se que a população de uma cidade só aumenta à proporção que o nível de vida melhora e sobe e as actividades de trabalho se multiplicam.

Grande porto de pesca, esta não só se exerce apenas na costa mas também nos bancos da Terra Nova, havendo, para isso, uma frota bacalhoeira importante, cujos barcos, na sua quase totalidade, saíram dos seus próprios estaleiros.

Um outro valor económico da região de Aveiro é o sal produzido na ria, essa mesma ria generosa que lhe dá também o moliço, precioso adubo das terras de cultivo.

Há quem passe por Aveiro, a correr, com pressa de chegar ao Porto, se vai de Lisboa, ou de regressar a Lisboa, se partiu do Norte. Ninguém, porém, dá por perdido o seu tempo ao demorar-se,

mesmo que seja por horas, nessa cidade encantadora. Verdade é que Aveiro já hoje não se pode visitar em poucas horas. Um passeio à ria impõe-se em primeiro lugar. É um espectáculo impressionante, de uma beleza incomparável. Ao longo da ria, que se divide em muitos braços, estendem-se as salinas, que nos fazem lembrar, de longe, montes de neve.

Se, no Algarve, a neve dos países do Norte é substituída pela brancura virginal das amendoieiras em flor, na ria de Aveiro a ilusão da neve ao sol é-nos dada pelas salinas, fonte de riqueza.

A pesca longínqua e o sal são, sem dúvida, as indústrias que devem figurar à cabeça do rol das grandes actividades do distrito de Aveiro. Mas há outras indústrias importantes como as da cerâmica e porcelana, as da sapataria e da chapelaria, a dos lanifícios.

Factores da riqueza colectiva, logo que o porto se encontre concluído e devidamente apetrechado, todos os seus produtos terão mais fácil e económico escoamento.

Região prodigiosa, se o seu subsolo é rico em minérios — são, com efeito, numerosas e importantes as minas de cobre e de chumbo — os seus campos são férteis em vários produtos agrícolas. Tudo ali concorre para o progresso e riqueza da agricultura: a fertilidade dos terrenos, a natureza do clima e a operosidade dos homens. Os cereais e os



AVEIRO — Túmulo, em mármore, da Princesa Santa Joana, na igreja do antigo convento de Jesus



## VARELA & FILHO

Comissões, Consignações e Conta Própria

CASA ESPECIALIZADA EM  
ARTIGOS DE PESCA E CAÇA

Rua Combatentes G. Guerra, 40 **AVEIRO**

## CERÂMICA AVEIRENSE

FÁBRICA DE TELHAS E TILJOLOS

TELEF. 51

Viúva de João Pereira Campos  
CANAL DE S. ROQUE  
**AVEIRO**

Depósito no Porto: 117, RUA DO BOMFIM, 119  
Telefone 51740

## Frazão & Oliveira, L.<sup>da</sup>

Automóveis, Molos, Bicicletas e Acessórios

Importadores, Armazenistas de Bicicletas e Acessórios

Sub-agentes das marcas:

CHEVROLET -- VAUXHALL -- BEDFORD

Avenida Central, 232-B-Telef. (P. F.) 156-AVEIRO-Portugal  
Ender: Teleg.: FRAZOL

Pneus // Óleos // Frigoríficos // Representações

## Sociedade de Adubos Delaço, L.<sup>da</sup>

FABRICAÇÃO DE ADUBOS  
FARINHAS DE PEIXE, ETC.

Canal de S. Roque **AVEIRO**

## Depósito da Fábrica do Outeiro

CARLOS PINTO DA SILVA

Avenida Central — AVEIRO — Telefone 207

LOUÇAS ARTÍSTICAS (Género Antigo)

Azulejos Decorativos // Louças Sanitárias

Salão e exposição de Vendas:

AVENIDA CENTRAL — AVEIRO

## Carpintaria Mecânica

Telefone 305

José de Matos Bandarra

Execução de todos os trabalhos de carpintaria mecânica—Ferras e sculhos aparelhados  
Canal da Fonte Nova **AVEIRO**

## VIEIRA & ROQUE, L.<sup>DA</sup>

Empresa de Camionagem—Máxima seriedade em todos os serviços  
Rua José Rebumba, 7, (Antiga Rua das Barcas)—Telefone 216—AVEIRO

## ELIZIARIO DIAS MOREIRA

NEGOCIANTE DE PESCADO E SAL

Telegramas: ELIZIARIO MOREIRA

Praça do Peixe—AVEIRO

## JOSÉ DE PINHO NASCIMENTO

Negociante de Peixe e Sal—Comissão e Consignação

PRACA DO PEIXE

**AVEIRO**

Telefone 210—End. Teleg.: «José Pinho Nascimento»—AVEIRO

## Agência Comercial e Industrial de Aveiro, Lda.

Agentes Distritais da LUSALITE de H. Vaultier & C.  
—Soc. Técnica de Fomento—Herbert W. Cassels & Fi-  
lhos — Motores, Correias empanques de Aveiro

## FERRAGENS DE AVEIRO, L.<sup>DA</sup>

Artigos para a Construção Civil, Cutelarias, Tintas, Vernizes, etc.  
324, Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 328, (Junto à Estação do C. de Ferro)  
TELEFONE 105 **AVEIRO**

## ARMAZÉNS DE AVEIRO, L.<sup>DA</sup>

Fazendas de lã e algodão—Loiças de porcelana, esmalte  
e alumínio—Vidros—Faianças, etc., aos melhores preços  
Avenida Dr. Lourenço Peixinho—AVEIRO—Telefone 49

## João Ferreira Patacão

NEGOCIANTE DE SAL

Armazém: Canal de S. Roque, 68—Aveiro Residência: R. Dr. Edmundo Machado, 82

## FÁBRICAS

*Jerónimo Pereira Campos, Filhos*

S. A. R. L.

FUNDADA EM 1896

*Depósito em LISBOA:*

Largo do Calvário, 3

*Depósito no Porto:*

Rua Sá da Bandeira, 382

*Depósito em Braga:*

Rua dos Chãos, 75 a 79

Tele	}	fone 108 — Aveiro
		• 37013 — Lisboa
		• 24674 — Porto
		• 2446 — Braga
		gramas: CAMPOS FILHOS — Aveiro

Apartado n.º 4 — Aveiro

**Cerâmica de Construção**

SUCURSAL EM ALVARÃIS — (MINHO)

**SEDE EM AVEIRO****BOIA & IRMÃO, L.<sup>da</sup>**

CAIS DO PARAÍSO — AVEIRO — Telef. 146

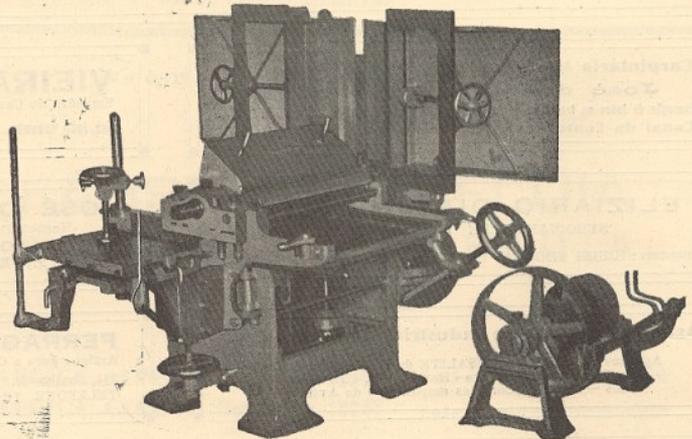
(CASA FUNDADA HÁ 20 ANOS)

Fundição de ferro e Bronze,  
Mecânica geral e Forjas.

Fabricantes de todas as máquinas para as indústrias de madeira, mármore, cerâmica e outras.

Especializada no fabrico de:

Plainas de 3 e 4 faces — Desengrossadeiras — Garlopas — Desengrossadeiras — Máquinas Universais — Garlopas — Tupias — Máquinas de furar e rasgar por broca e corrente — Máquinas de afiar lâminas de plaina e fitas de serras — Serras de fita com charriot automático — Serras de mesa — Serras circulares.

*Máquinas aperfeiçoadas para serração e pulimento de mármore*

**Domingos  
Vicente  
Zerreira**



APRESTOS  
MARÍTIMOS  
COMISSÕES  
E CONSIGNAÇÕES



Rua João Mendonça, 11  
Telefone 237 — AVEIRO

**João Melícias**

Cereais, Legumes,  
Adubos e Cimento

Com armazém na estação  
dos Caminhos de Ferro  
do VALE do VOUGA

Sede e residência em  
Eixo — Telefone: 9

S. João de Loure  
Armazém em

**EIXO**

**Lemos & Costa, L.<sup>da</sup>**

Armazém de vinhos e seus derivados



Vinhos tintos, brancos, vinagres,  
aguardentes, abafados, ginjas, aniz,  
espumosos, xaropes, laranjada, cerveja,  
— azeitona, rebuçados, etc., etc. —



Quintans                      Costa do Valado

**NAVIOS:**

«INÁCIO CUNHA»  
«NOVOS MARES»  
«CRUZ DE MALTA»



**TESTA & CUNHAS, L.<sup>DA</sup>**

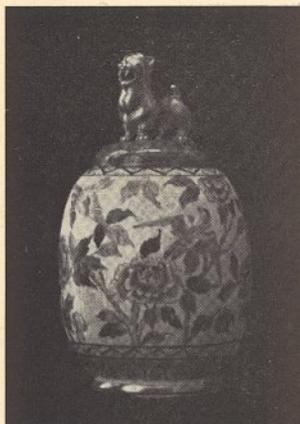
Indústria de Pesca de Bacalhau

Capacidade de produção 26 fardos  
de bacalhau—Secadouro na Gafanha



Telefone 194      Telegrama «Testa»

**A V E I R O**



Gresfino-Esmaltes D'arte  
 — DA —  
**ARTIBUS**

**CERAMICA ARTISTICA E  
 DECORATIVA-ESMALTES  
 D'ARTE (GÉNERO LIMOGES)**

*Fornecedores das melhores casas da especialidade*

**SOC. ARTIBUS, L. DA**

**Canal da Fonte Nova — AVEIRO**

**COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGEM**

**Moagem de Cereais, Descarga de Arroz  
 e farinhas para Alimentação de Gado**

END. TELEG: MOAGEM ————— TELEF. 41

**AVEIRO**

**Banco Regional de Aveiro (S. A. R. L.)**

CAPITAL { AUTORIZADO — Esc. 4.000.000\$00  
 EMITIDO — Esc. 2.000.000\$00

Empréstimos sobre Penhores de Ouro, Prata e Jóias

RUA COIMBRA — PRAÇA LUÍS CIPRIANO

**AVEIRO**

Transferências e Cobranças  
 Saques sobre o País

Tele { gramas: REGIONAL  
 fone, 31

C/Correntes em Moeda Portuguesa

Depósitos à Ordem e a Prazo

**FÁBRICA CERAMICA E SERRAÇÃO DE QUINTANS  
 ESTÂNCIA DE MADEIRAS**

**DUARTE TAVARES LEBRE & C.<sup>A</sup>**

Costa do Valado—QUINTANS  
 PORTUGAL

Tele { fone n.º 4  
 gramas: LEBRE C.<sup>a</sup> — Costa do Valado

**DEPÓSITO NA ESTAÇÃO DA CAMPANHÃ**

Representante: JOSÉ ALVES SALAZAR

Rua do BOLHÃO, 61-2.º — Telefone, 2 1211

# ÁGUEDA

## *e a sua importância económica*

A existência de uma Escola Industrial e Comercial em Águeda testemunha a importância económica e populacional desta linda vila e do seu concelho. Com efeito, pelas suas actividades agrícolas e industriais, Águeda é uma das povoações mais ricas e progressivas do distrito de Aveiro.

Águeda é uma das povoações mais antigas do país. Foram sem dúvida os romanos que a fundaram, dando-lhe o nome de *Alminium*. Os seus fundadores souberam escolher o local dos seus alicerces, fazendo debruçar a povoação na margem do rio. A escolha foi feliz, pois todo o sítio é encantador.

A 22 quilómetros de distância de Aveiro, Águeda foi crescendo e prosperando, criando vida própria, e quem a visita pela primeira vez e desconhece o valor das suas diversas actividades fica deveras surpreendido com o número das suas indústrias e com os recursos, que parecem inesgotáveis, da formosa região.

De facto, a vila e todo o seu concelho entram, de há muito, num período intenso de trabalho e, por consequência, de valorização da terra. Entra-se em Águeda e logo formamos um juízo lisonjeiro da sua prosperidade colectiva. Essa impressão não se desfaz, antes, pelo contrário, mais se acentua, ao percorrermos, em seguida, as principais freguesias do concelho, algumas delas, se não quase todas, de um pitoresco inigualável.

O problema do turismo chama agora, mais do que nunca, as atenções do país. Não há cidade, não há vila, não há mesmo, melhor dizendo e aerescentando, aldeia em Portugal que não se julgue com possibilidades ou não se orgulhe de valores e atracções de ordem turística, quer pelas suas paisagens, quer pela suavidade do clima, quer pelos seus monumentos, quer ainda pela sua antiguidade histórica.

Águeda também terá por ventura valores que mereçam ser reclamados ou sequer apontados à curiosidade e ao interesse dos turistas e dos que

sentem prazer em viajar e conhecer o país de Norte a Sul? Cremos bem que sim. Já o facto de se debruçar numa margem aprazível do rio lhe proporciona um encanto excepcional. Quanto às paisagens que a rodeiam são, como é de calcular, das mais lindas, sabendo-se que todas as terras participantes do distrito de Aveiro são tidas e havidas por artistas e por quantos viajam no país como das mais sedutoras e surpreendentes. Do Adro tem-se uma das mais empolgantes vistas que é dado gosar a olhos humanos. Quanto a monumentos dignos de interesse há a registar e a recomendar a Igreja de Águeda e a Igreja de Trofa.

Todos os arredores são belos e proporcionam-nos magníficos passeios.

Mas Águeda não é terra para se ver apenas por fora, ela merece ser vista minuciosamente e analisada em todas as suas actividades. Percorrer o concelho populoso equivale a receber uma lição inesquecível e eloquente da actividade e do espírito de iniciativa dos seus habitantes.

Efectivamente, as qualidades de inteligência e de trabalho da população da formosa terra são notáveis.

O movimento fabril é importante. Há fábricas de lãs, louças, serração e tejos, fundição de metais e entre as suas indústrias mais importantes figura também o fabrico de fechaduras.

O comércio de Águeda é igualmente próspero, existindo estabelecimentos muito importantes. Na vila funciona a Escola Central de Sargentos, e a Misericórdia sustenta o Hospital Conde de Sucena. Há ainda a registar uma nota importante: a fundação e a existência de um magnífico Orfeão, cujas exhibições, dentro e fora do concelho, tem provocado justos e calorosos aplausos.

Centro também de actividades agrícolas, Águeda tem a defender e coordenar os seus interesses o Grémio da Lavoura, ao qual a região deve assinalados serviços.

Águeda é terra próspera.

Telefone N.º 45

Telegramas: **Valente d'Almeida**

# JOAQUIM VALENTE DE ALMEIDA

(CASA FUNDADA EM 1911)

Fábrica de Ferragens para Móveis e Construção

SÉDE:

Rua Dr. António Brêda

**A G U E D A**

TELEFONE N.º 3

## *António Pereira Vidal & Filhos, L.<sup>da</sup>*

FÁBRICA DE FIOS PARA A INDÚSTRIA DE MALHAS E PARA TRICOT.  
TINTOS E CRÚS



ESCRITÓRIO NO PORTO:

Rua de Mousinho da Silveira, 120, 2.º

Telefone: 27128

**A R R A N C A D A   D O   V O U G A**

## **Cerâmica da Mourisca, L.<sup>da</sup>**

FABRICO DE TEJOLOS E TELHA

**MOURISCA DO VOUGA**

Fábrica de Ferragens para Móveis e Construção

*Ferragens para carros e carroças*

Soldas a autogénio em todos os metais

## **V.ª José Maria Luiz Coelho & Filhos**

CASA FUNDADA EM 1909 — AMPLIADA EM 1943

ACESSÓRIOS DE BICICLETES

FUNDIÇÃO DE METAIS

**ASSEQUINS — ÁGUEDA**



**SOCIETATE DE FERRAGENS  
DE ÁGUEDA, LIMITADA**  
Teleg. «SFAL» \* **ÁGUEDA** \* (Portugal)

FERRAGENS PARA MÓVEIS  
E CONSTRUÇÃO CIVIL



**Amaro, Limitada**  
FÁBRICA DE FERRAGENS

Rua Dr. António Brêda

TELE { fone: 54  
grs.: AMARO

**ÁGUEDA-Portugal**

**António Marques Salgueiro**  
COMERCIANTE

FORNECEDOR DE AREIA PARA FUNDIÇÕES

///

**ARRANCADA — AGUEIRA**

TELEF. N.º 7

**Empresa Industrial de Arrancada, L.ª**

SERRAÇÃO - CARPINTARIA  
SERRALHARIA E MOAGEM

**ARRANCADA DO VOUGA**

SERRAÇÃO E CARPINTARIA A VAPOR  
DE

**V.º de Fernando Ribeiro Guerra**

**ÁGUEDA - Portugal**

**GARAGEM MODERNA**

**José Rodrigues Novo & C.ª, L.ª**

Telefone, 23 **ÁGUEDA**

**ARTUR LUCAS FERNANDES**  
FÁBRICA DE FERRAGENS  
para móveis e construção

**Asseguins — ÁGUEDA**

Telefone N.º 30 Telegramas Sucena Irmão

**ARMAZENS SUCENA**  
DE **A. F. SUCENA, IRMÃO**  
**ÁGUEDA**

TELE { fone, 31 Apartado n.º 3  
grs.: FERRAGENS REUNIDAS

**Ferragens Reunidas de Águeda, Limitada**  
Sede: **RUA DR. ANTÓNIO BRÊDA**  
**ÁGUEDA — (Portugal)**

**J. SIMÕES DIAS**  
Armazens de mercearias, legumes, cereais e farinhas  
Adubos, Sulfato de Cobre e Enxofres  
Subdepositário da **COMPANHIA UNIÃO FABRIL**  
Deposítário das Águas de Vidago, Melgaço e P. Salgadas e da Soc. Central de Cervejas  
**AGENTE DOS PRODUTOS DA 'SACOR'**  
TELEFONE N.º 22 **ÁGUEDA**

**MANUEL DE ALMEIDA ABRANTES** TELEFONE 55  
IMPORTADOR / ARMAZENISTA / BICICLETAS / ACESSÓRIOS **ÁGUEDA — PORTUGAL**

# ESTARREJA

## *As possibilidades económicas desta linda vila*

A vila de Estarreja, servida por caminho de ferro e a 22 quilómetros de Aveiro, a cujo distrito pertence, é um dos mais importantes e progressivos centros populacionais da Beira Litoral, não apenas por ser cabeça de um concelho de 24 para 25 mil habitantes, mas também pelo desenvolvimento notável da sua agricultura, pela perfeição que atingiu a sua indústria de lacticínios (a manteiga da Avanca criou justa fama em todo o país), pela qualidade dos seus vinhos, pela produção do sal, e ainda por outras actividades industriais, como a fundição e construção de móveis de ferro e, mais recentemente, o fabrico de amoníaco.

Estamos em frente, pois, de uma vila importante, com um prometedor futuro económico nas suas mãos. Porque a sua população é invulgarmente activa ninguém, hoje, perante as magníficas realidades do presente, duvida desse futuro.

Servida, como dissemos, pelo caminho de ferro e por excelentes estradas, Estarreja vive da sua agricultura e das suas indústrias, está situada perto da Murtosa, onde se exerce a indústria da pesca, e da Torreira, frequentada praia de banhos, e que, pelo seu pitoresco, tem atraído a atenção de alguns pintores, como D. Maria Eduarda Lapa, cujos quadros, esplendentes de sol, nos têm des-

lumbrado em diversas exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Estarreja tem, com efeito, condições de turismo que bom seria fossem aproveitadas e desenvolvidas. A beleza das suas paisagens, o pitoresco das suas freguesias, o aspecto original do casario conferem-lhe o direito de, um dia, ser considerada zona de turismo. Ainda assim, a vila e o seu concelho têm recebido a visita de todos quantos, de passagem por Aveiro, ouvem falar dos encantos das povoações mais próximas.

Não é, pois, escassa em belezas naturais esta região privilegiada. Pelo contrário, pode considerar-se rica em valores e atractivos turísticos.

A vila é excepcionalmente concorrida quando, em 15 de Agosto, se realiza, na freguesia de Salreu, que lhe fica à mão de semear, a linda e tradicional romaria da Senhora do Monte. O sítio é verdadeiramente encantador, dominando-se do outro vastos panoramas. Outros sítios encantadores são a fonte do Bedueiro, no lugar do Casal de Salreu, o Alto de S. Joao, em Serineta, de onde, como da Senhora do Monte, se abrange uma das mais belas paisagens deste nosso maravilhoso Portugal.

Toda a região é, na realidade, linda, dum pitoresco inigualável. A estrada de Santo Amaro ao

Pinheiro da Bemposta, por exemplo, proporciona um dos mais agradáveis passeios da privilegiada região.

Um dia, estamos em crêr, quando no país se tiver uma noção mais completa e mais séria do turismo, Estarreja há de fazer parte do mapa das regiões mais dignas de ser visitadas, pois, por esse tempo, não lhe faltarão pousadas ou modernas pensões nos locais de onde se disfrutam os mais belos panoramas, nem lhe faltarão igualmente miradouros, como já os há noutras vilas.

Junto à vila, beijando-lhe os pés, como se diria em linguagem romântica, passa o rio Antua, cujas águas cantam docemente a alegria e a poesia da vida. As suas margens constituem sempre, para quem ali vai, uma das mais fortes e gratas surpresas que é dado ver a olhos humanos.

Vila formosa e importante, cabeça de concelho

populoso, Estarreja já possui um comércio desenvolvido, cujos interesses são acautelados pela sua respectiva Associação Comercial; organizou também o Grémio da Lavoura, onde se reúnem os grandes e os pequenos lavradores; possui Misericórdia e o Hospital Visconde de Salreu e para distração pública uma casa de espectáculos.

As freguesias mais importantes do concelho são, inquestionavelmente a de Avanca, indo a sua população próximo de 4500 habitantes, e a de Salreu, mais populosa que a própria vila.

A vila e o concelho de Estarreja, pela sua agricultura, pelas suas indústrias e ainda pelos seus encantos turísticos, já está desempenhando na economia da região e do país um papel muito importante. Ninguém, por isso, pode duvidar do seu futuro. As suas extraordinárias possibilidades estão bem à vista de toda a gente.

Fábrica de Licores, Xaropes e Refrigerantes

FRANCISCO BELO

Esta «Vitamina» é da Fábrica Belo: se a beber faz-lhe bem e gostará dela com certeza

AVANCA

AFONSO BANDEIRA

Estância de Madeiras, cal, telha, tijolo, cimento, bem como todos os materiais de construção

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Largo 5 de Outubro SALREU—ESTARREJA

Fábrica de Cortumes e Tinturaria de Peles de agasalho, Camurça para Filtros e limpeza de Automóveis

Manuel M.<sup>a</sup> Esteves d'Oliveira

Telefone, 13 ESTARREJA

Empresa Vinícola Abastecedora de Estarreja, L.<sup>da</sup>

Vinhos e seus derivados, azeites, adubos, azeitonas e sal

ESTARREJA

HORÁCIO ROSA, L.<sup>DA</sup>

Drogas, Tintas, Ferragens, Ferramentas, Utilidades Domésticas, Artigos de Capa

Aparatos de Rádio, Bombas para água, Tubos de ferro e Galvanizados

TELEFONE 48 ESTARREJA

PADARIA CENTRAL

De JOSÉ DIAS DE AGUIAR

Praça Francisco Barbosa

ESTARREJA

EZEQUIEL DA SILVA PINHO & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>

ARMAZÉM DE MERCEARIAS, CEREAIS E LEGUMES

TELEFONE. 7 APARTADO 5 ESTARREJA

MANUEL DA SILVA PEREIRA

Mobiliás em todos os estilos. Móveis avulso

Rua 5 de Outubro. (Junto à Praça do Peixe) ESTARREJA

ARMAZÉM DE MERCEARIA, SOLAS E CABEDAIS

J. M. TAVARES

Telefone 15 ESTARREJA

Cantina Económica de MANUEL MARIA NUNES

Mercearia, Vinhos, Miudezas, Ferragens, Adubos e outros Artigos

SALREU ESTARREJA

Augusto Marques de Oliveira e Silva

VINHOS E AGUARDENTES

ESTARREJA

JOSÉ DA SILVA FIGUEIREDO

Construção e Reparação de MOLAS para Automóveis e Camionetes

RUA JOSÉ FALCÃO ESTARREJA

Garage Central

SILVA & FERREIRA, L.<sup>da</sup>

ESTARREJA

## FÁBRICA DE LACTICÍNIOS AVANCA

FABRICA DE BOLACHAS,  
CHOCOLATES, CACAU,  
BONBONS, CAMELOS,  
REBUÇADOS E DROPS

# Favorita

TELEFONES. 4 5151. 4 5152  
TELEGRAMAS: FAVOR

Escritórios: Rua da Penha de França, 15  
Fábricas: R. António Maria Bâtista, 5 a 11  
LISBOA

## SERRALHARIA ROSENDOS

DE

### Joaquim da Costa Rodrigues, Filhos

Executam-se todos os trabalhos de Serralharia, por mais difíceis que sejam, tais como:  
COFRES, SACRÁRIOS PARA IGREJAS, FOGÕES, PORTADAS DE AÇO, onduladas, de subir  
e elásticas, PORTÕES E GRADEAMENTOS.

*Especialidade em fabrico de CHARRUAS, BRABANT e RUD-SACK, as mais aperfeiçoadas.*  
Sachadores e Semeadores para Milho, Noras para regas, Prensas, etc.

SANTO AMARO — ESTARREJA



ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Telefone: 26 - Estarreja

AVENIDA AGOSTINHO LEITE  
ESTARREJA

## Auto Estarrejense

### MANUEL MACHADO

*Oficina de reparações de automóveis*

# Colégio de Dom Egas Moniz

Alvará 809 Telefone 34

INTERNATO,  
SEMI-INTERNATO  
E EXTERNATO

A DIRECÇÃO

P.<sup>o</sup> Boaventura Valente de Matos  
e Dr. Augusto César de Oliveira  
Marques Ramos

**ESTARREJA**

# António Joaquim da Cunha & Filhos, L.<sup>da</sup>

Em Estarreja  
*Fábrica de Serração  
e Caixotaria  
Lenhas, Cerâmica,  
Cal e Cimento*

Em Vagos  
*Fábrica de Cerâmica  
Telha e Tejolos*

# Fábrica ADICO

Mobiliário metálico para todos os fins

Distribuidores: SANO-TÉCNICA, L.da,  
Rua Nova do Almada, 61 Lisboa

Vendas no Porto:

Rua do Carmo, 8 — Rua Fernandes Tomaz, 674

Vendas em Coimbra: Avenida Sá da Bandeira, 73

Fábrica e Sede em: AVANCA — Portugal

**ADELINO DIAS COSTA & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

TELEFONE 2 TELEGRAMAS ADICO

# Empresa Abastecedora de Sal, L.<sup>da</sup> TELEFONE: 47

SAL, CIMENTO  
CARVÕES E LENHAS

**Estarreja**

# MOBILADORA SALREU de BANDEIRA & OLIVEIRA

Casa especializada na compra  
e venda de móveis, adornos,  
ferro, ferragens, vidros, tintas, etc.

Salreu

Estarreja

# Café Cristal de ANTÓNIO MARIA FERREIRA

O que melhor serve

**ESTARREJA**

# Viúva de João Carlos da Fonseca

Armazém de cereais, legumes e farinhas

**AVANCA**

**Armando Pinto Catalão**

Suc. de José Maria Pinto Catalão

Armazém de Cal, Cimento, Telha,  
Tejolo, Tintas e outros materiais  
de construção. Palha em fardo  
e farinhas para gado.  
: : : : : CARVÃO : : : : :

TELEFONE, 82

**OVAR****ABREU, SILVA & GOMES****Fábrica de Tintas e Vernizes****BEIRA MAR**

///

Almagres

Ocres

Sombras

Verdes

e outras cores

Esmaltes

Vernizes

Secantes

Etc.

**AGUALINA**

Tinta a água para interiores

**OVAR (Portugal)****A Vila de Ovar***e os seus encantos*

**T**UDO em Ovar é cheio de encanto. Até o próprio rio que atravessa a linda vila tem um nome poético: chama-se rio de Nossa Senhora da Graça. E graciosas, a rivalizar com as de Aveiro e Viana do Castelo, são as suas airozas e saudáveis raparigas.

Beleza é sinónimo de saúde e alegria. Porque as raparigas de Ovar são saudáveis e dadas ao trabalho, eis a razão porque são tão alegres e bonitas, e todas elas dignas do pincel dos maiores pintores portugueses.

Há quem diga que a vila de Ovar é a povoação mais pitoresca de Portugal. Será verdade, não será? A questão é que a vila, principalmente na época do verão, vai registando maior número de visitantes e que nunca até hoje nenhum deles se arrependeu de a ter escolhido para as suas férias de repouso e de recuperação.

Situada em ameno vale e entre pinheirais, Ovar tem a valorizá-la, como estância de turismo, e à curta distância de 5 quilómetros, a praia do Furdouro, tida e havida como das melhores, mais amplas da costa portuguesa.

Como terra de turismo, Ovar orgulha-se da especialidade do seu pão de ló e pode orgulhar-se também da excelência dos seus vinhos de mesa, do futuro da sua agricultura, da benignidade do seu clima, do rendimento da sua pesca e, finalmente, da actividade das suas fábricas.

Com efeito, a vila entrou de ser um grande centro fabril e esta circunstância explica o aumento progressivo da sua população. Ovar conta hoje nada menos nada mais do que 13 mil habitantes, quase tanto como a população de Beja, considerada, sem favor, uma cidade importante.

As suas indústrias têm contribuído para o notável progresso da vila e do concelho — e por sua vez o caminho de ferro, força viva da Nação, tornou possível a existência das suas fábricas.

# OVARLITE, L.<sup>DA</sup>

Apartado n.º 5 Telefones 25 e 80

Fabricantes de «Ovarlite» (galalite)  
e caseínas para todas as aplicações

O V A R

# Serração e Carpintaria DE José Ferreira da Silva

TELEFONE: 60  
Madria — OVAR

# Catalão, Oliveira & C.<sup>a</sup>

materiais de construção || madeiras e lenhas

agentes da:

Companhia Cimento «Tejo»  
Emp Cimentos Maceira, L.<sup>da</sup>  
(Cal Hid. Marlingança)  
C.<sup>a</sup> Seguros Soberana

TELEFONE: 131

Travessa de Gomes Freire O V A R

# Afonso & Irmão

CASA FUNDADA EM 1826  
Armazém de azulejos, vinhos e seus derivados

End. teleg: AFONSO IRMÃO - OVAR - Telefone: 92

RUA 31 DE JANEIRO, 10 O V A R

# Correia Dias & Filhos

ARMAZENISTAS  
CASA FUNDADA EM 1895

Apartado n.º 6 Telef. 46 Telg. Correia Dias

Mercearias, Cereais, Legumes e Sêneas

O V A R

Telegramas ALMEIDAS

Telefone 21

# Manuel Rodrigues de Almeida & Irmão

ARMAZÉNS DE VINHOS, AGUARDENTES, AZEITE E AZEITONA  
VENDAS POR JUNTO

O V A R - Portugal

# José Ferreira Coelho

CEREAIS, LEGUMES, FARINHAS E SEMEAS

O V A R

# BONIFÁCIO & FILHOS

Fábricas de: Descasque de Arroz  
Moagem de Cereais - Telefone 9

O V A R Cortiças e serração de Madeiras  
Cereais e Legumes - Telefone 108

# F. RAMADA

Aços FABERSTA-Fita de Serra KLOSTER-Ferramentas AVIÃO

OVAR-Sede-Fábrica-Armazens Gerais-Telefs. 70-140

PORTO-Armazém, P. D. Filipa Loucastro, 34-Tel. 21488

LISBOA-Ave. P. Wilson, 35, 2.º-D.-Telef. 62046

# Sociedade Industrial d'Ovar, Limitada

CERÂMICA  
CARPINTARIA  
E SERRAÇÃO

TELEFONE 81  
TELEGRAMAS Stol  
APARTADO 8

Largo de Almeida Garrett

O V A R

DELEGAÇÃO NO PORTO

AVENIDA DOS ALIADOS, 151-3.º

Telefone 5038

# A Fábrica de Serração e Moagem

de Albergaria-a-Nova é uma das mais importantes empresas industriais do Norte

As grandes indústrias contribuem para o prestígio e para o desenvolvimento de uma terra. Os industriais merecem, por isso, a classificação de beneméritos.

Fundada em 1920 por um homem de rasgada iniciativa, o sr. Joaquim Domingues S. Bento, a Fábrica de Serração e Moagem, de Albergaria-a-Nova, conquistou, sem favor, e unicamente por suas actividades e instalações modelares, uma das mais fortes posições na vida industrial do Norte do País.

Com efeito, esta Fábrica de Serração e Moagem, dotada com a mais moderna maqui-



Joaquim Domingues S. Bento

naria, se é obra de um técnico completo e arrojado, é também um dos maiores valores eco-

nómicos da região, pois ocupa um grande número de operários.

É a mais antiga fábrica de serração da região do Vale do Vouga e a secção de moagem, por sua vez, dispõe de máquinas aperfeiçoadas para trigo, milho e centeio.

Vale a pena visitar este importante estabelecimento fabril, que, honrando o seu proprietário, honra de igual modo Albergaria-a-Nova.

É com iniciativas desta natureza que o problema do trabalho se resolve e que o progresso de uma terra se acentua cada vez mais, de ano para ano.

## Fábrica Cerâmica da Branca, L.<sup>da</sup>

TELHA tipo «Marselha», tipo «Português» e acessórios  
TIJOLO massiço, prensado, vazado, curvo, etc,

Telefone, 5

Souto da Branca

Serração da Branca, L.<sup>da</sup> — CARPINTARIA MECANICA  
SOUTO DA BRANCA

# Oliveira de Azeméis

As suas indústrias, o seu comércio  
e as suas possibilidades turísticas

## Cucujaes progride a olhos vistos

VILA populosa e rica, Oliveira de Azeméis é um dos maiores centros industriais do distrito de Aveiro, sem, contudo, desprezar a sua riqueza agrícola, base da vida económica de todo o vasto concelho, constituído por 18 freguesias.

Oliveira de Azeméis é uma das mais características e pitorescas povoações do país. Dela, felizmente, já não se poderá dizer que os pintores portugueses a desconhecem ou desdenham. António Nobre, se fosse vivo, não perguntaria mais pelos nossos pintores, admirado de não os ver ocupados na faina alegre e enternecedora de passar para uma tela o encanto poético das nossas paisagens. O aguarelista João Marques, natural da progressiva e linda vila, tem dado a conhecer em dezenas de admiráveis cartões, os atractivos da região, os seus costumes, os seus edifícios mais nobres, as suas fainas campestinas. Amigo íntimo de António Saúde, e de outros pintores de nome, quis que eles também fossem conhecer a sua terra e a pintassem, contribuindo, assim, para a sua propaganda e para o seu prestígio.

A vila de Oliveira de Azeméis, apesar do seu aspecto modernizado, é uma das povoações mais antigas do país, sendo a sua fundação anterior à monarquia portuguesa. Com efeito, o rei Ordonho I fundou-a em 922. Como certidão de antiguidade e documento vivo e irrefragável do domínio romano, vê-se, em frente do imponente edifício dos Paços do Concelho, um marco miliário da via militar. A povoação tem encantos. As suas ruas, as suas moradias características, os seus largos, e principalmente a igreja matriz tornam-na interessante e original. O Parque e o Santuário de La Salette colocam-se, porém, à frente de todos os seus atractivos turísticos. Com razão, os seus habitantes se orgulham desse admirável jardim, um dos mais belos, mais originais e aliciantes em todo o país.

A vila cresce de dia para dia e a sua importância industrial e comercial é manifesta.

Os vidros, os lanifícios, o fabrico de papel, os lacteínicos e o fabrico de calçado, constituem as suas principais actividades industriais. É importante também a sua indústria de carnes preparadas e fumadas.

Bem servida de comunicações e estradas, Oliveira de Azeméis tem possibilidades extraordinárias de desenvolvimento.

A realização das feiras do Pinheiro da Bem Posta, a 3, de Palmaz, a 7, e as da vila a 11 e 24 de cada mês, e de outras, dá motivo à vinda de muita gente de todo o concelho.

Mas a vila é excepcionalmente concorrida por ocasião das Festas Saletinas, isto é, as tradicionais festas religiosas realizadas, no 2.º domingo de Agosto, no parque de La Salette. Os forasteiros

contam-se por milhares. Duram essas festas três dias; a vila tem um movimento desusado; as pensões e demais casas de hóspedes não chegam para os que fizeram tenção de permanecer ali durante as festas, as quais, deve acrescentar-se, servem também de pretexto para a realização de negócios vultuosos.

Para se fazer uma ideia da importância e do progresso de Oliveira de Azeméis, bastará citar alguns factos: A população da vila anda já à roda de 5 mil habitantes; contando todo o concelho perto de 38 mil habitantes; para preparar técnicos e operários das suas fábricas de tecidos e de vidros criou-se a Escola Industrial *O Comércio do Porto*; instituiu-se, há anos, o Asilo da Infância Desvalida, mantido e dirigido pela assistência privada; a Misericórdia, cujo Provedor é o sr. dr. Artur Correia Barbosa, tem ao seu serviço três médicos muito distintos; o Cine-Teatro Oliveirense é uma casa magnífica de espectáculo.

Há ainda a registar a «Assistência Oliveirense», várias associações desportivas, o Grémio da Lavoura, e o velho e conceituado semanário *Correio de Azeméis*, que tem sido o porta-voz das aspirações mais justas da população.

Oliveira de Azeméis, terra progressiva, oferece condições turísticas admiráveis. Basta percorrer o seu concelho para se chegar a esta conclusão.

De entre as suas mais importantes freguesias destaca-se Vila de Cucujaes. Muito mais populosa do que a própria sede do concelho, Vila de Cucujaes, com os seus 6 mil habitantes pode considerar-se uma das terras mais importantes do distrito. Além das suas actividades agrícolas, há a assinalar diversas indústrias, como calçado, chapéus, fundição de sinos, papel, escovas, etc.

As principais casas bancárias abriram ali agências, o que dá a justa medida da sua importância comercial e industrial.

Em Cucujaes funciona o Seminário das Missões, o que contribui para lhe dar uma maior importância. Nada menos de três publicações católicas vêm a luz do dia nesta localidade, duas mensais e uma trimestral, todos elas referentes à vida missionária.

Cucujaes honra o concelho e o distrito por todas as suas actividades. Possui iluminação eléctrica, filarmónica, um clube desportivo e, como obra de assistência o Asilo Gandarinha. São também numerosas e importantes as suas casas agrícolas.

Quem visitar, como já temos feito, o concelho de Oliveira de Azeméis, fica com a impressão consoladora de que as possibilidades económicas da região são inúmeras e de que um futuro largo e promissor está reservado à sua laboriosa população.

### Condes & Tavares, L.<sup>da</sup>

VIDROS — LOIÇAS — CRISTAIS

OLIVEIRA DE AZEMEIS

Telefone 66 — Apartado 4

Armazém de Mercadorias e Cereais — CHÁ — CAFÉ — PAPELARIA

TELEF.: 108

MIGUEL DA SILVA PEREIRA

Largo de Santo António

OLIVEIRA DE AZEMEIS

## Afonso da Silva Castro

ARMAZÉM DE MERCEARIAS,  
VINHOS E SEUS DERIVADOS

DEPÓSITO DE BATATAS,  
BACALHAU E GORDURAS

Rua Dr. Simões dos Reis—**Oliveira de Azemeis**  
Telefone 20

AUTOMÓVEIS, CAMINHÕES E ACESSÓRIOS  
**ESTAÇÃO DE SERVIÇO**

## Agência Ford

FILIAL DE

MANOEL ALVES DE FREITAS & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

TELEFONE 57 \* Apartado 2—**Oliveira de Azemeis**

## GARAGEM JUSTINO

AGÊNCIA CENTRAL DA SHELL  
CONCESSIONÁRIO DA GENERAL MOTORS  
ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS  
GARAGEM DE RECOLHA  
ESTAÇÃO DE SERVIÇO

*Justino Ferreira dos Santos*

Telefone 11 **OLIVEIRA DE AZEMEIS**

## Felix & Parreira

Fábrica de Serração de Madeiras

Largo da Estação

TELEFONE 49 **Oliveira de Azemeis**

## — GARAGEM

*Auto-Parque de Azemeis, L.<sup>da</sup>*

OLIVEIRA DE AZEMEIS

**ESTAÇÃO DE SERVIÇO —**

## MÓVEIS JUCA

CASA FUNDADA EM 1888

VISITEM ESTES ARMAZÉNS—PREÇOS MÓDICOS  
E MOBÍLIAS DO MAIS FINO GOSTO

**OLIVEIRA DE AZEMEIS—LARGO DA REPÚBLICA**  
Telefone 98 — Teleg. «Móveis Juca»

## Fábrica de Papel do Antuã

PAPELÃO, PAPEL DE  
:: EMBRULHO E ::  
SACOS DE PAPEL

::: ADUBOS E :::  
MOAGEM DE OSSO

**COUTO DE CUCUJÁIS**  
(MOINHOS)

Chamadas no Telefone 42 — (O. Azemeis)

## Domingos Santos

Calçado Liró

A CASA QUE MELHOR SERVE

**CUCUJÃES (MOINHOS)**

ARMAZÉM DE  
SOLAS E CABEDAIS

## DANSIL

**DANILO SILVA**

Telefone 213  
Rede de S. João de Madeira

**Cucujães (Moinhos)**

## A. CORREIA SANTOS

FÁBRICA DE CALÇADO «AMÉRICA»

**CUCUJÃES**

**DEPÓSITO DE FAZENDAS BRANCAS**

*M. Aldino Correia dos Santos*

Telefone Cabine Pública de Cucujães—Moinhos

CUCUJÃES

**José Maria Gomes dos Santos Júnior**

**CUCUJÃES (MOINHOS)**

FÁBRICA NACIONAL DE METROS ARTICULADOS  
**S E M O G**

DEPÓSITO EM LISBOA:

**Campo das Cebolas, 47, 1.º — LISBOA —** Telefone 3 2489

REPRESENTANTES NO PORTO:

**J. GUIMARÃES & FERREIRA, LIMITADA**  
RUA JOSÉ FALCÃO, 171-1.º

*J. M. Lopes da Costa*

MALHAS E MIUDEZAS



CUCUJÃES (MOINHOS)

*A. Costa & C.ª, Suc.*

ARMAZÉM DE TECIDOS DE ALGODÃO,  
— MALHAS E ATOALHADOS —

Telefone 42

CUCUJÃES



S. JOÃO DA MADEIRA  
Patronato «Visconde de S. João da Madeira»

# S. João da Madeira

## Uma grande cidade em formação

**S.** JOÃO DA MADEIRA, antiga freguesia, elevada recentemente à categoria de vila, será, dentro em poucos anos, uma cidade das mais populosas e das mais importantes do país. Não somos nós a fazer a afirmação categórica e optimista de que esta vila industrial se transformará brevemente numa cidade. Essa afirmação ouvimo-la a um dos mais distintos sanjoanenses, o sr. António Henriques, antigo presidente da Câmara Municipal daquela, já agora, futura cidade. Pela boca daquele industrial não falou apenas o sentimento bairrista de um homem, mas a vontade, a ambição, a energia, o orgulho de uma população inteira.

Terra encantadora e hospitaleira, até aqueles que para ali foram fixar residência e trabalhar, de tal modo se sentem agarrados à terra que quase se sentem naturais dela — e se os que lá nasceram são bairristas, os que ali criaram interesses não o são menos. Mas uns e outros têm a sua designação própria: *sanjoanenses* os que nasceram e se bapti-

zaram em S. João da Madeira, e *sanjoaneiros* os que ali se fixaram com carácter definitivo.

Deste amor à terra é que vai crescendo e prosperando a vila, perdão, a futura grande cidade. Tudo ali é o produto do esforço do homem e do seu enternecido amor à terra. Amor que nasce para durar sempre; que nem mesmo a distância e a ausência prolongada diminuíram amor eterno, leal e pronto a que nenhum sanjoanense deixa de ser fiel um só dia que seja. Querem uma prova? É o lindo Parque de Nossa Senhora dos Milagres, dos mais aprazíveis que temos visto no país, e cuja construção se deve, em grande parte, aos generosos donativos enviados do Brasil e da América do Norte por emigrantes sanjoanenses, que se sentiam na obrigação moral de contribuir para o aformoseamento da sua saudosa terra.

É, na verdade, impressionante, este apego, esta ternura, esta fidelidade dos sanjoanenses à terra da sua naturalidade. Falámos, acima, do sr. António Henriques, antigo presidente da Câmara Mu-

nicipal. Ele é, entre tantos mais, um exemplo de dedicação à terra e à colectividade. Tendo, durante mais de dez anos, servido os interesses gerais da população, com uma honestidade exemplar, ao abandonar o seu cargo, ele quis fazê-lo, fechando, com chave de ouro, a sua actividade camararia. Como? Oferecendo à Câmara duas centenas de contos para a criação de uma cantina escolar.

São assim os homens de S. João da Madeira. É por isso, por estes nobres exemplos de dedicação à terra, que não duvidamos da próxima ascensão da vila à categoria de cidade.

Possuindo campos férteis, a agricultura foi a principal base da sua prosperidade. Depois vieram as indústrias de sapataria e chapelaria, a da borracha, a da fundição de metais e a de vários artefactos, nunca se tendo posto de parte os lactícínios e a pecuária.

O problema da assistência, numa terra onde é tão vivo e tão forte o sentimento da solidariedade humana, mereceu dos sanjoanenses especial carinho. O hospital, construído com o legado do benemérito Francisco José Luís Ribeiro; uma maternidade, um Asilo-Creche para crianças e uma Casa de Repouso para velhos, são instituições admiráveis, que muito honram a vila de S. João da Madeira.

Começava S. João da Madeira a ser uma vila e já tinha, para o tempo, um bom teatro, prova de que a população previa o desenvolvimento, que veio a manifestar-se, da vila. Para o progresso de S. João da Madeira concorreram as boas estradas e o caminho de ferro.

No último domingo de Julho realizam-se, com duração de três dias, as tradicionais festas Sebastianinas, que atraem milhares de forasteiros das povoações mais próximas.

Não há na vila monumentos; as suas atracções resumem-se às suas belezas naturais, como as margens do rio Ul e o referido Parque de Nossa Senhora dos Milagres. Vila moderna, nos seus alicerces está a formar-se uma grande cidade industrial.

## A. Costa & Correia, L.<sup>da</sup>

(Antiga Casa Correias)

ARMAZÉM DE SOLAS E CABEDAIS

Telefone: 34

Telegramas: ESTRÊLA

S. JOÃO DA MADEIRA

## FÁBRICA DE BORRACHAS

«ENFIM»

## A. HENRIQUES & C.<sup>a</sup>, L.<sup>DA</sup>

Salto, solas e pranchas para calçado — Revestimento de rodas e cilindros — Correias de transmissão — Ebonite em chapas, cavilhas e tubos — Fio de borracha — Borracha para vulcanização e recauchutagem — Borracha moldada, conforme desenhos. Orçamentos grátis.

End. telegráf.: FABTRIUNFO

Telefone: 25

S. JOÃO DA MADEIRA

## FÁBRICA MECANICA

— DE —

Chapéus de pêlo, lã e de palha.

Capacetes coloniais.

Serração de madeiras

Telegramas: PROGRESSO

Telefone n.º 121

## Nicolau da Costa & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

S. JOÃO DA MADEIRA — (Portugal)

## Pensão Sanjoanense AURÉLIO GALADO

(A dois minutos do caminho de ferro)

Telefone, 49 — Praça Luiz Ribeiro — S. JOÃO DA MADEIRA

Paragem das camionetes — Garagem de recolha

FÁBRICA DE VELAS DE STEARINA E VELAS DE CÉRA

Telefone, 38

## COSTA & C.<sup>a</sup> (Casa Fundada em 1904)

Velas de cêra de todos os tamanhos  
Exportação para o Continente, Ilhas e África

S. João da Madeira

(Portugal)

## Nunes da Cunha & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

COM FÁBRICA DE CHAPELARIA

S. JOÃO DA MADEIRA

FÁBRICA DE GUARDA-SOIS

de

J. CALHAU & FILHO

S. João da Madeira

Telefone 75



Serração de Madeiras a Vapor  
 DE  
**J. S. Teixeira Júnior**

FONTAINHAS  
**S. JOÃO DA MADEIRA**

Telefone P. P. 2 — Cucujães  
**Fábrica de Urnas Funerárias**  
*Manuel Gomes dos Reis*



*As mais artisticas urnas em pinho, mogno, pau  
 setim, em todos os tamanhos*

*Fornecem-se ferragens e chumbo para as mesmas*

*Almofadam-se urnas aos melhores preços*

*Executam-se com distinção todos estes serviços*

**Avenida d'Orreiro — S. JOÃO DA MADEIRA**

TELEFONE: 36

**Fábrica de Vassouras e Escovas  
 de Piassaba e Palma**

**JORGE & SIMÕES**

**PRAÇA LUIZ RIBEIRO  
 S. JOÃO DA MADEIRA**

Telegr.: INVICTA

**FÁBRICA DE BOINAS  
 INVICTA**

**BOINAS TIPO BASCO — CHAPÉUS DE CRIANÇA**

**J. Soares da Silva**

**S. JOÃO DA MADEIRA  
 (PORTUGAL)**

# VILA DA FEIRA

## *As suas possibilidades económicas e as suas atracções turísticas*

**D**E origem muito remota, Vila da Feira, segundo os historiadores, devia ter sido fundada dois séculos antes de Cristo, e nos tempos da dominação dos romanos chegou, pela sua importância, à categoria de cidade.

Vila da Feira entrou de novo numa fase de grande actividade e progresso. Cabeça de concelho populoso, com mais de 61 mil habitantes, o escoamento dos seus produtos faz-se principalmente pelo caminho de ferro, cuja estação fica no centro da própria vila.

Centro agrícola de grande importância, Vila da Feira tornou-se também num centro industrial de vulto. Diversas são as suas indústrias: lacticínios, exploração de minérios, chapelaria, sacos de papel, fabrico de rolhas de cortiça, etc.

Vila da Feira, graças ao seu maravilhoso castelo, tem no mapa turístico, não apenas de Portugal mas também da Península, uma grande posição de honra. Grande valor nacional, o castelo tem a zelar o seu prestígio e a sua conservação a Sociedade dos Amigos do Castelo da Feira, de que é presidente o sr. Vaz Ferreira.

É, de facto, uma maravilha esse histórico castelo, considerado pelos peritos como um dos mais notáveis espécimens da arquitectura militar feudal. Deve-se a sua construção, no século X, aos condes Gutierrez e Lucídio. As suas características seteiras cruciformes levam-nos à conclusão de que se trata de uma edificação de origem gótica.

Ninguém que percorra a região deixa de visitar

este castelo, tão curioso como belo. À entrada vê-se o brasão dos Condes da Feira, seus donatários no século XV. Dentro, encontra-se um poço de boca rectangular, o qual tem dado motivo a várias lendas.

Do alto do castelo abrange-se um lindo e vasto panorama.

A vila, que tem caracter próprio, isto é, personalidade, possui ainda, como atracção e valor turístico, a Igreja Matriz, que tanto exterior como interiormente oferece grande interesse architectónico e artístico.

Vila da Feira é imensamente concorrida por ocasião da romaria de «Corpus Christi».

A assinalar, nesta ligeira crónica, temos a Misericórdia e o seu respectivo hospital, de que é provedor o sr. dr. Domingos Caetano de Sousa.

A pouca distância da vila existem as Caldas de S. Jorge, na freguesia do mesmo nome. São águas muito afamadas e concorridas, pois raros são os doentes que não obtêm melhoras completas após um rigoroso tratamento.

Nas Caldas de S. Jorge os doentes são recebidos em boas pensões e, além disso, a localidade oferece aspectos aprazíveis, o que é muito importante para uma estação de cura de águas.

Por este ligeiro relato das actividades e das atracções turísticas da Vila da Feira, o leitor, supomos nós, poderá fazer uma ideia lisonjeira desta terra tão encantadora e das suas extraordinárias possibilidades de progresso.

**Lacticínios MAF, L.<sup>da</sup>**

Queijo RICO

Manteiga PRADO

TELEFONE 70

**Fornos—VILA DA FEIRA**

FÁBRICA DE PAPEL DO ENGENHO VELHO

**CASTRO & IRMÃO**

S. PAIO DE OLEIROS

Vale do Vouga

*Sociedade União de Indústrias  
de Lacticínios, Suil, Limitada*

Manteiga, Leite em pó, Farinhas Lácteas, Caseína,  
— Colas a frio aderentes para pulverização. —

**SUILITE**

Material plástico tipo galalite em chapas e varetas,  
o mais acreditado plástico de fabrico nacional

Telefone: FEIRA 611

Telegramas: SUIL

**AREAL**

**VILA DA FEIRA**

# Coimbras & Irmão, L.<sup>da</sup>

FABRICANTES E EXPORTADORES  
DE ROLHAS DE CORTIÇA E  
SEUS DERIVADOS

MANUFACTURE AND EXPORTER FOR  
BOTTLE CORKS AND HIS DERIVATIVE

MOSELOS  
LAMAS DA FEIRA  
(PORTUGAL)

# Empresa Fabril Rio Meão, L.<sup>da</sup>

FÁBRICA DE FERRAGENS, FERRA-  
MENTAS E FUNDIÇÃO DE METAIS

Exportação para a Africa e Brasil

Telef. 83 (Vila da Feira) Riomeão (Portugal)

Fábricas de Papel de Embrulho e Cartão  
Marca «AGUIA» (Registada)

# Manoel Pinto Barbosa

S. PAIO DE OLEIROS VALE DO VOUGA  
Telefone 16 — Paços de Brandão

# Fábrica de Papel do Pégo

Em LISBOA Vale do Vouga  
Calçada do Combro, 43-47 S. Paio de Oleiros  
Telefone 2 3579

# Luis de Oliveira Santos & Irmão

Fábrica de Papel de embalagem em Rio Maior, Paços de Brandão  
Fábrica de cartão em Gondifelos de Vila Nova de Famalicão  
ESCRITÓRIO—Telefone 26 PAÇOS DE BRANDÃO—PORTUGAL

# CASA PLÁCIDO Francisco Plácido Rezende

Mercearia, Chá, Café, Papelaria, Vinhos e Azeites  
Torrefacção e Moagem de Café  
Preferir o AZEITE PLÁCIDO é proteger o bom  
funcionamento do organismo  
Telefone: 18 VILA DA FEIRA

# A CENTRAL PADARIA E MERCEARIA VILA DA FEIRA

Telefone: 7

...Porque são preferidos os Licores, Xaropes, Genebras e Cognacs da CASA OLIVEIRA?... Não o sabe V. Ex.ª?... Então será escusado perguntar se já os provou—O Anis Cristalizado desta casa não receia confronto com qualquer ANIZ NACIONAL ou ESTRANGEIRO porque até hoje ainda não encontrou rival!!!  
Todos os pedidos devem ser feitos a

ALFREDO DE OLIVEIRA — Vila da Feira  
Representantes no PORTO — MONIZ & C.ª, L.da — R. Duque de Saldanha, 457

Fábrica a Vapor de Serração de Madeiras e Caixotaria

# ANTÓNIO GOMES GIRO

TELEFONE: 45 VILA DA FEIRA

# Sociedade de Ferragens Riomeão, L.<sup>da</sup>

Fabrico Mecânico de Ferragens e Ferramentas  
Telegramas: «SOFER» RIOMEÃO

Serração, Moagem e Caixotaria a Vapor  
CUSTÓDIO D'OLIVEIRA MARQUES  
ANTA — ESPINHO Telefone—Anta-5

ANGELO DIAS DA SILVA  
Armazém de Papelaria—Fábrica de Sacos de Papel, Lisos e Impressos — Papel velho, Trapo, Sucata — Artefactos de Cortiça e Cordoaria.  
PAÇOS DE BRANDÃO

# Empresa Transp. Gandra, L.<sup>da</sup>

CAMIONETES AMARELAS

## VALE DE CAMBRA

### ESCRITÓRIOS:

- Vale de Cambra — Sede da Empresa — Telefone 6
- Oliveira de Azemeis — Avenida António José de Almeida — Telefone 81
- S. João da Madeira — Largo da República — Telefone 116
- Ovar — Largo da Estação C. F. — Telefone 135
- Furadouro — Avenida Principal — Telefone 5
- Porto — Praça D. Filipa de Lencastre — Telefone 26326
- Aveiro — Largo da Estação C. F. — Telefone 385
- Arouca — Praça

### AGENCIAS

MARGONÇA — CARCAVELOS — ALBERGARIA-A-VELHA  
ANGEJA — CARREGOSA

- Carreiras — VALE DE CAMBRA — PORTO
- » — VALE DE CAMBRA — AVEIRO
- » — S. JOÃO MADEIRA — FURADOURO
- » — VALE DE CAMBRA — CARREGOSA — OLIVEIRA DE AZEMEIS
- » — VALE DE CAMBRA — AROUCA
- » — OVAR — FURADOURO



PORTO — Fachada do prédio onde teria nascido, em 1394, o Infante D. Henrique

## CAIXOTARIA SERRALHARIA E LATOARIA

António de Almeida Ribeiro

TELEFONE, 37  
VALE DE CAMBRA

**PENSÃO «VALE DO CAÍMA»** Telefone: 38  
Gerente JOSÉ DE SOUSA MATIAS, empreiteiro de resina  
Os melhores vinhos verdes da região  
VALE DE CAMBRA

**Femaco FERRAGENS, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, L.<sup>da</sup>**

O maior sortido em Ferragens, Tintas, Vernizes, Cimento, Louças, Vidros e Artigos de Fundição. — Depósito de Móveis de Ferro e Madeira. Colchões e Tapetes. TELEFONE, 17 — Vale de Cambra

## Sociedade Portuguesa de Serrações, Limitada

Serração de madeiras em:  
Soure, Guia e Lourçal

Caixas para embalagens, madeiras de construção, toragem e lenhas

### ESCRITÓRIO:

Telef. 28795 Rua do Ouro, 140-3.º

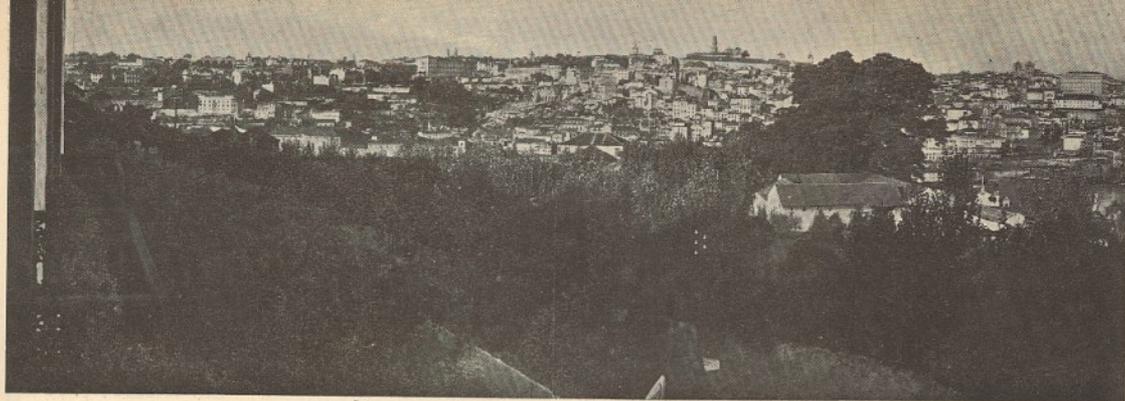
## FORNOS DE CAL COZIDA A MATO

ENDEREÇO TELEG.:  
CALCÁRIO  
MACEIRA — LIZ  
TELEFONE—PATAIAS, 2

Luiz Serrano & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

FORNECIMENTOS PARA TODO O PAÍS,  
a granel e em barricas, para estuques e caixões

OESTE — PATAIAS — GARE



PORTO — VISTA GERAL DA CAPITAL DO NORTE

## O Palácio de Cristal, no Porto, vai ser substituído por um novo e imponente edifício

O Comércio do Porto, de 4 de Novembro, trouxe-nos a informação de que foi entregue na Câmara Municipal da capital do Norte o projecto definitivo da construção do grandioso edifício que vai substituir o Palácio de Cristal. Como se sabe e já tivemos também ocasião de noticiar nas nossas colunas, a prestigiosa direcção da Associação Industrial Portuense tomou, já há alguns anos, a iniciativa de promover a realização da Exposição Industrial Portuguesa, justamente na altura em que comemora o primeiro centenário da sua fundação.

Para esse certame, que será, sem dúvida, das mais expressivas e das mais vastas representações dos recursos e das possibilidades industriais do País, foi escolhido o Palácio de Cristal, que tem sido, sempre, o local apropriado a manifestações desta natureza. Mas, para que ali se realizasse tal exposição, impunha-se uma transformação ou a própria substituição das actuais instalações do Palácio de Cristal, visto não reunir espaço nem possuir a monumentalidade necessária às grandes exposições ou acontecimentos culturais.

Optou-se, acertadamente, pela substituição das velhas e arruinadas naves, confiando-se aos técnicos a elaboração do projecto de construção de um edifício que, integrando-se no ambiente daquele belo recinto, tivesse a monumentalidade adequada aos fins em vista.

Fizeram-se os estudos, apresentaram-se dois ante-projectos, e criou-se, assim, na cidade, o gosto e o interesse por esta anunciada obra de valorização do Palácio de Cristal. Quer o Governo, quer a Câmara Municipal do Porto, prometeram as verbas de dez mil e cinco mil contos, respectivamente, para a realização desta obra monumental, digna da cidade e daqueles que a ela vão meter ombros.

O projecto definitivo foi apresentado à Câmara Municipal do Porto, que o apreciará e se pronunciará sobre ele.

Da sua decisão depende, sem dúvida, o começo das obras respectivas.

O Porto que entrou há poucos anos numa grande fase de renovação e de melhoramentos não é hoje, apenas, uma grande cidade portuguesa, é também, pelas suas características e pelas suas constantes obras de aformoseamento, uma das mais belas e notáveis capitais europeias.

A valorização do Palácio de Cristal será dentro de dois anos um dos maiores títulos de glória da grande capital do Norte.

### Centro Comercial de Cambres

Produtos Agrícolas e Materiais de Construção, etc.

Telefone: 17      Portelo de Cambres

OS VINHOS DO PORTO  
**CORREIA RIBEIRO**  
MARCAM POR QUE SÃO BONS

**J. RODRIGUES VIANA**  
FERRAGENS, METAIS, PINCELARIA, ETC.  
CARTEIRAS, CIGARREIRAS, PORTA-MOEDAS,  
PASTAS E ARTIGOS DE ENCADERNAÇÃO  
Rua do Almada, 23-2.º — Telef. 27747  
**PORTO** — (Portugal)

Todos têm a sorte que Deus dá! Para lotarias há uma casa que está absolutamente indicada.

É a «**Casa Deus dá a Sorte**»

Praça da Liberdade, 130

**PORTO**

## Interposto dos Açucares Coloniais do Norte, L.<sup>da</sup>



Telegramas: SUCARNOORTE

TELEFONE 2 2116

Rua Infante D. Henrique, 31-l.<sup>o</sup>

PORTO

## JOÃO EPIFÂNIO

ARMAZÉM DE FAZENDAS

IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO  
LINHAS E ALGODÕES DE BORDAR

Rua das Flores, 301-1.<sup>o</sup> — Telefone 25064 P. P. C.

End. Teleg. JOEPI — Apartado 158

(Em frente à Estação de S. Bento)

PORTO

CASA

# ASTORIA

Praça Almeida Garrett, 49 — PORTO

Telefone 2 2069

A casa que maior variedade tem de números de palpite

Mesmo em frente à Estação de S. Bento

## Fábrica Moagem de Valadares, L.<sup>da</sup>

CEREAIS E SEUS DERIVADOS

TELE } fone: 133 (Santo Ovidio)  
      } gramas: FÁBRICA MOAGEM — VALADARES

VALADARES

## FÁBOR

Fábrica de Artefactos de Borracha, L.<sup>da</sup>

Manufatura de Artefactos de Borracha  
— e Ebonito para tódas as applicções —

TELE } FONE 9099  
      } GRAMAS: FÁBOR

Rua Serpa Pinto, 195 — PORTO (Portugal)

## Sá, Dias & Filho

ARMAZENISTAS DE VINHO  
EXPORTADORES

Avenida António Coelho Moreira

Telefone 30-Santo Ovidio — Telegramas: SAFIL-Valadares

VALADARES

## Centro Comercial de S. Domingos

Sampaio Carvalho, Genro & C.<sup>o</sup>, L.<sup>da</sup>

FERRAGENS, FERRAMENTAS, CUTELARIAS  
E METAIS — MÁQUINAS INDUSTRIAIS — DE-  
PÓSITO DE LOUÇAS E VIDROS NACIONAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

31, Largo de S. Domingos, 32 — PORTO (Portugal)

Telefone 21046 — Teleg. SACAGER

## ALIANÇA VINÍCOLA, L.<sup>DA</sup>

Armazém n.<sup>o</sup> 6

Telefone 68-S. Ovidio

VALADARES

## J. PEREIRA DA SILVA

Acessórios para a indústria — Correias, Oleos para  
Lubrificação, Ferramentas e Amiantos, Bâsculas,  
Pesos e Medidas

324-R. Mouzinho da Silveira-334 — PORTO

Telefone 21.974 — Telegramas: PERSILVA — PORTO

# Sociedade de Fundição e Metalurgia, L.<sup>da</sup>

Fábrica: Crestuma — VILA NOVA DE GAIA

Escritório: Rua S. João, 75 — PÔRTO

Telefones: 5963 — PÔRTO e 11 — CRESTUMA — Telegramas: OILIBA

**FABRICANTES DE:**

*Utensílios domésticos, Ferramentas, Máquinas agrícolas e industriais, Material para as Câmaras, Aguas, Saneamentos, Iluminação Pública, Jardins, etc.*

Construção de todo o material concernente a Fundição e Cerralharia  
— Aparelhagem geral para minas e tratamento de minério —

Tomamos o encargo de ante-projectos, estudos ou ensaios de instalações de máquinas em minas e suas reparações

LANIFÍCIOS  
AMÂNCIO  
SILVEIRA

## NERO & C.<sup>a</sup> (Sucessor), L.<sup>da</sup>

INDUSTRIAS DE CONSERVAS DE PEIXE

Markes Deposées:

CATRAIO	GEORGETTE
SEVERA	VALENTINE
PORTHOS	RONE

Rua do Burgal, 24-70  
Rua dos Camachos, 19

TELEPHONE: M. 19  
MATOSINHOS

## Drogaria MOURA, Limitada

FUNDADA EM 1851

97, Largo de S. Domingos — PORTO

Telefones 414 e 417 P. B. X.

DROGAS, TINTAS, PRODUTOS QUÍMICOS  
E ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

Depositários gerais de BRANCO DE TITANE  
Um exclusivo muito imitado mas nunca igualado

Depositários Gerais no Norte do País das TINTAS

NITO-CELULÓSICAS

•PROXLIN•, de Acme White Lead and Color Works,  
de Newark U. S. A.

Telegr. DUNIA

Código: RIBEIRO

Telef. 22545



# DUNIA

## A CAMISA ETERNA

EXPOENTE MÁXIMO EM CAMISARIA

## GONÇALVES & LIMA, L.<sup>da</sup>

Rua de Santa Catarina, 391, 2.º

PORTO

Telefone: 2 5024 (3 linhas)

Telegramas: CORPINSUR

# Corporação Internacional de Seguros

S. A. R. L.

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL DA  
LEGAL & GENERAL ASSURANCE SOCIETY, LTD.

**Seguros em todos os ramos**

Avenida dos Aliados, 54, 2.º

P O R T O



PORTO — Vista parcial e Ponte de D. Luís



Milhares de artífices dedicam-se diariamente  
ao labor artístico da indústria da Ourivesaria.  
Os Museus guardam peças raras e as pessoas de  
requintado bom gosto possuem preciosidades  
que atestam o real valor das jóias, pratas e  
filigranas de Arte, portuguesas.  
Visite as Ourivesarias e escolha para  
oferecer, presentes de distinção e valia.

# Notas da Quinzena

Por REBELO DE BETTENCOURT

## Stuart Carvalhais

UMA comissão de intelectuais e de artistas vai promover em breve a «Semana Stuart Carvalhais». Nada mais justo. O grande artista que há mais de quarenta anos vem enriquecendo as páginas dos jornais e as capas das revistas com as suas caricaturas e as suas admiráveis ilustrações merece essa homenagem. Esbanjador de talento, Stuart Carvalhais nunca se preocupou, como tantos artistas medíocres que conhecemos, com a glória do seu nome e, muito menos, com as medalhas e medalhinhas da Sociedade Nacional de Belas Artes. Vivendo em Queluz e, portanto, afastado de Lisboa e das tertúlias literárias e artísticas, Stuart Carvalhais vive, no entanto, para o público, continuando a desenhar com aquela graça imprevisível e pessoal que o torna inigualável, verdadeiramente único, entre nós. Criou um género de caricatura novo, original, como até então ainda não tínhamos: uma caricatura amarga e humana, feita de piedade e ternura por esses pobrinhos de Cristo, falhados e vencidos que por aí andam aos baldões da sorte. O signatário desta crónica já teve, há anos, a oportunidade de estudar no magazine «Civilização», que foi dirigido, no período áureo da sua publicação, por dr. Campos Monteiro e Ferreira de Castro, a personalidade tão curiosa como desconcertante de Stuart. Com efeito, este homem que parece sorrir de tudo e para tudo, é, no fundo, um sentimental, um coração generoso que se comove com as infelicidades dos seus semelhantes.

Uma vez, há três décadas, quando num salão do Teatro Nacional de S. Carlos, o escritor Mateus Moreno e o pintor e desenhador Saavedra Machado, que dirigiam a revista «Alma Nova», organizaram uma exposição de arte, Stuart Carvalhais apresentou algumas curiosas manchas, a guacho, pintadas em Paris. Columbano, a convite de Saavedra Machado, visitou essa exposição, a que tinham concorrido alguns dos seus discípulos. Porém, ao observar os quadinhos de Stuart, deteve-se mais demoradamente, desejando saber quem era aquele artista tão original. Por acaso, Stuart Carvalhais entrara nessa ocasião e eu próprio fui buscá-lo, visto Columbano, que era uma pessoa de trato encantador, desejar conhecê-lo pessoalmente e felicitá-lo de viva voz.

Estou ainda a ver o querido Stuart, acanhado, diante do Mestre, a receber os parabens pelos quadinhos ali expostos. A notícia da apreciação de Colum-

bano correu célere pela sala, chegou ao conhecimento dos amadores e colecionadores de arte e, no dia seguinte, todos os trabalhos de Stuart estavam vendidos.

Stuart, perdulário de talento, podia ser autor de obra superior, capaz de ombrear com a dos maiores artistas da Europa. Mesmo assim, compondo tudo ou quase tudo de improviso, como quem tem pressa, não de acabar, mas de viver o mais intensamente possível, Stuart deixa sempre nos seus desenhos e nas suas legendas a dedada forte, impressionante, original, de um talento sem par e da sua personalidade excepcional.

É muito justa, pois, a homenagem que os seus amigos e admiradores vão prestar-lhe em breve.

## O Dr. Egas Moniz e o «Prémio Nobel»

A Academia das Ciências de Lisboa apresentou, pela palavra e pela pena do dr. Júlio Dantas a candidatura do eminente Professor Egas Moniz ao «Prémio Nobel».

Eis o texto da proposta apresentada e aprovada por aquela douta corporação:

«A Academia, reunida em sessão plenária, tendo em consideração o voto expresso pelos delegados de vinte e sete nações à primeira conferência internacional de Psicocirurgia, e o voto, também unânime, da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro, resolve, ouvindo o Conselho Administrativo, tomar a iniciativa da candidatura ao «Prémio Nobel» da Medicina do sábio Professor Egas Moniz, nome universal da ciência médica, a quem se devem duas das mais notáveis descobertas do século — a arteriografia cerebral e a leucotomia pré-frontal — realizando todos os actos necessários para tornar efectiva essa candidatura».

Egas Moniz, que tem, efectivamente, no estrangeiro, um nome respeitado e querido, pela importância das suas descobertas científicas, é também, ninguém deve ignorá-lo, um homem de letras notável. O seu trabalho sobre Júlio Dinis, grande romancista que teve o condão

<b>FISCHER &amp; VEIGA, L.<sup>DA</sup></b>	
9 - Travessa do GUARDA MOR - 11	
<b>LISBOA</b>	Telefs. 2 7704-7 1412
Representantes exclusivos	
para Lisboa, Centro e Sul do País, de	
<b>S. C. PRADO &amp; C.<sup>o</sup>, NEW YORK</b>	
Agentes de fábricas e exportadores de peças e acessórios de automóveis e camionetas CAMEL e VULCANISING PATCH	

de conciliar o melhor do romantismo com o naturalismo, é modelar e honra, não tenhamos disso a menor dúvida, a crítica literária.

De 1901, data da concessão do primeiro «Prémio Nobel» com que foi distinguido o grande poeta francês Sully Prudhome, até hoje, inúmeras têm sido as grandes figuras internacionais, a quem foi dada essa honra. Honra para os contemplados, apenas? Honra também para a nobre instituição sueca.

O eminente Professor Egas Moniz, glória do país e da ciência, bem merecia ser distinguido com o «Prémio Nobel». Com essa distinção, homenagiava-se ao mesmo tempo Portugal.

### A actualização de Portugal

A O mesmo tempo que a C. P. está renovando, de maneira notável, o seu material circulante, com carruagens e automotoras adquiridas na Suíça, na América do Norte e na Suécia, as nossas companhias de navegação substituem, em ritmo acelerado, as velhas unidades por novos barcos que, além de possuírem maior velocidade, oferecem, a quem viaja, melhores comodidades.

Regista-se agora a entrada, há dias, no Tejo, do novo paquete «Angola», mandado construir nos estaleiros de Newcastle pela Companhia Nacional de Navegação. Esta nova unidade da marinha mercante, de 9.550 toneladas, destina-se a transporte de passageiros e carga, e desenvolve a velocidade de 18 milhas horárias e está equipado com os mais modernos melhoramentos que asseguram, não apenas comodidade, mas igualmente uma viagem despreocupada, pois todos os perigos de incêndio foram arredados por completo.

Uma outra companhia de navegação que está renovando, também de forma notável, a sua frota, é a dos «Carregadores Açorianos», com sede em Ponta Delgada. No espaço curto de seis meses inaugurou dois navios motores, de grande velocidade, o «Ribeira Grande» e «Monte Brasil», e por este mês de Janeiro deve passar pelo Tejo, a caminho da América do Norte, um outro barco moderno — o «Horta», que, como os dois já citados, possui também excelentes camarotes para passageiros.

Portugal progride e actualiza-se e é nos seus caminhos de ferro e nos transportes marítimos que assentam principalmente as bases do seu progresso e da sua actualização.

### Propaganda da Suíça

O Ski Club de Portugal e o Centro Nacional Suíço de Turismo organizaram uma excelente exibição de filmes sobre «Desportos de Inverno na Suíça», em 21 de Dezembro, na Casa das Beiras.

Uma numerosa e escolhida assistência apreciou com manifesto interesse a projecção desses filmes, que nos colocaram na presença de um país encantador e notável não apenas pelos seus desportos mas também, como

nos foi dado observar, pela sua arte e ainda pela organização dos seus serviços sanatoriais.

País do desporto e da saúde por excelência, a Suíça, ao mesmo tempo que nos faz um convite eloquente e persuasivo, dá nos uma lição prática de turismo.

## Congresso dos Caminhos de Ferro

A reunião da Comissão Permanente da Associação Internacional do Congresso dos Caminhos de Ferro, realiza-se, este ano, em Lisboa

A reunião extraordinária, a que os belgas chamam *Réunion élargie*, da Comissão Permanente da Associação Internacional do Congresso dos Caminhos de Ferro, com sede em Bruxelas, realiza-se este ano em Lisboa, no Instituto Superior Técnico, estando, como já dissemos oportunamente, constituída a Comissão de Recepção e Festas.

O Boletim da Associação Internacional do Congresso dos Caminhos de Ferro, n.º 12, do volume XXV, referente a Dezembro de 1948, insere o primeiro Relatório, referente à conservação e renovação das linhas férreas, assinado por M. L. Mucherie, engenheiro chefe da Divisão de Conservação do Serviço de Via e Construções da Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro Franceses.

## FALTA DE ESPAÇO

Por falta de espaço e para não atrasar a saída deste número extraordinário da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, vimo-nos forçados a retirar alguns artigos de interesse ferroviário, os quais serão publicado na nossa próxima edição de 16 de Janeiro.

**Fábrica Victória, L.<sup>da</sup>**

**Campo de Santa Clara, 78 — LISBOA**

Licores e Xaropes, Torrefacção e Moagem de Cafés

Telefone 2 6473

Teleg.: Victorioso

**JOAQUIM RAMALHO**

Compra e Venda de Propriedades — Recebimentos de rendas — Hipotecas — Trespases

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

**Rossio, 93, 1.º - D.º — Telef. 28421**

**L I S B O A**

# Há 50 anos

(Da Gazeta dos Caminhos de Ferro, de 1 de Janeiro de 1899)

## Relatorio do Sul e Sueste

### I — Primeiro estabelecimento

O distinto engenheiro e director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, o sr. Pedro Ignacio Lopes, publicou um extenso e completo relatorio sobre a construcção e exploração d'aquella rede, desde 1880 ultimo anno de que havia relatorio publicado, até o fim de 1897, completando assim o que se refere à gerencia do sr. conselheiro Tavares Trigueiros.

Varios mappas estatisticos acompanham este relatorio intercalados no texto explicativo, no qual se compendia, pelo lado financeiro, a historia de toda aquella rede, desde a sua origem, em 1854, até o fim do anno passado.

Assim vemos que o custo d'aquella rede e seu material circulante, incluindo as importancias pagas pelo thesouro pelo resgate dos contractos com a primitiva empresa concessionaria e com a companhia dos caminhos de ferro do sueste, era o seguinte, em numeros redondos de contos de réis:

#### Construcção

Barreiro a Beja . . . . .	3.494	
Beja a Faro. . . . .	3.794	
Beja a Pias . . . . .	726	
Pinhal Novo a Setubal . . . . .	358	
Casa Branca a Extremoz . . . . .	1.281	
Tunes a Portimão. . . . .	4	9 657

#### Material circulante

Locomotivas, carruagens e wagons . . . . .	1.381	
Barcos a vapor. . . . .	164	1.545

#### Obras novas e complementares

Estação do Barreiro . . . . .	404	
Officinas, machinas, ferramentas . . . . .	58	
Amp'iações e construcção de estações . . . . .	148	620

#### Renovação da via

Substituição de carris de ferro pelos de aço . . . . .	623
--	-----

#### Estudos

Novos ramaes e prolongamentos ainda para construir. . . . .	17
Total geral. . . . .	12.462

O relatorio detalha, por periodos, todas estas despesas, explicando-as, pelo que se vê que a construcção da linha entre Casevel e Faro, linha difficil por ter a passagem da serra do Caldeirão que divide a provincia do Alentejo da do Algarve, tendo dois tunneis de 697 e 99 metros e 23 pontes e viaductos de mais de 10 metros, na extensão total de 952<sup>m</sup>,21, e em que, para mais, a construcção esteve suspensa por duas vezes, foi de 23:101\$964 réis por kilometro.

O troço de Serpa a Pias, de 13 kilometros, custou apenas 127:780\$141 réis, o que dá a média de 9:829\$626 réis por kilometro, verba pouco superior ao custo de uma estrada ordinaria.

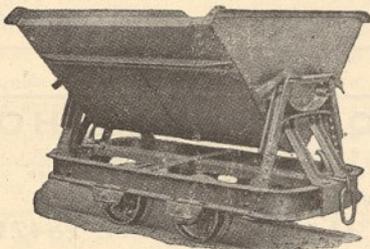
O inventário do material circulante em fim do anno de 1897 era o seguinte:

Locomotivas . . . . .	45
Salões reaes e outros. . . . .	5
Carruagens de 1. <sup>a</sup> . . . . .	20
Mixtas 1. <sup>a</sup> e 2. <sup>a</sup> . . . . .	10
De 2. <sup>a</sup> classe . . . . .	25
De 3. <sup>a</sup> classe . . . . .	60
Carruagem do pagador . . . . .	1
Ambulancias postaes . . . . .	6
Fourgons . . . . .	39
Wagons fechados. . . . .	162
Jaulas . . . . .	12
Cavallariças . . . . .	4
De bordas altas . . . . .	149
Platafórmias . . . . .	391
Diversas. . . . .	63

Com tal exiguidade de material para uma rede de 475 kilometros é para admirar como se consegue attender ás exigencias do serviço, e não surprehende que isso nem sempre se possa fazer sem levantar clamores que frequentemente vem a publico por mau serviço, falta de material, demora nos transportes, etc.

A verba despendida em estradas detalha-se da seguinte fórma:

# DECAUVILLE



CARRIS de vários perfis — LINHAS completas — VAGONETAS de diversas capacidades — AGULHAS — PLACAS GIRATÓRIAS — PLATAFORMAS — ACESSÓRIOS — Rodados — Chumaceiras — Travessas — Parafusos — Escápulas, etc.

**PNEUS M A B O R**  
Ferramentas para Obras Públicas  
Varão redondo para cimento armado

Caldeiras espalhadoras de betume — Chapas onduladas — Prego quadrado  
ENTREGAS IMEDIATAS

**CUSTODIO C. DAS NEVES**  
Rua Vieira da Silva, 96-1.º — LISBOA — Telef. 6 1541

**LANCASTRE & BEIRÃO, L.<sup>DA</sup>**

9—Travessa do GUARDA MJR—11

LISBOA

Telef. 2 7704

DISTRIBUIDORES DE:

**EVODE CHEMICAL WORKS, LTD.****TINTAS e MELLITOL**

(impermeabilizador em forma de pó)

Prolongamento de Pias á fronteira. . . . .	458\$325
De Extremoz a Ponte de Sôr . . . . .	5:078\$310
De Extremoz a Elvas . . . . .	5:440\$080
Do Vendas Novas á Ponte de Sôr . . . . .	2:568\$215
Do Barreiro a Cacilhas . . . . .	1:936\$229
Litoral do Algarve . . . . .	1:883\$337
Total . . . . .	17:364\$496

O capital de estabelecimento que acima indicamos, 12.462 contos, representa o custo kilometrico de réis 26:235\$451.

N'aquella verba estava o custo da construcção de 282 kilometros, feita pelo Estado, o que representa a média de 18:713\$567 réis por kilometro, muito inferior ao equivalente pelo custo das linhas recebidas da companhia constructora.

Juntado áquella verba de 18:713\$567 uns 2:000\$000 para material circulante, teremos 20:713\$567 réis e, sendo a subvenção estipulada no contracto 18 contos por kilometro, o thesouro despendeu apenas mais réis 2:713\$567 por kilometro, do que spenderia subsistindo o contracto, tendo a vantagem de ficar na posse e exploração das linhas.

Occupar-nos-hemos, no seguinte artigo, dos productos e despesas da exploração que são materia tratada no 2.º capitulo do relatório a que nos estamos referindo e que offerece numerosos detalhes de um interesse especial.

**Automobilismo****Mil kilometros em automotor**

Com o triycle a gazolina da fabrica Peugeot, que a casa dos srs. José d'Orey & C.<sup>ta</sup> mandou vir de Paris, realizou há dias o distincto cyclista Manuel Ferreira uma curiosa e extensa viagem no nosso paiz.

Partindo da séde d'aquella casa, no largo do Camões, ás 4 horas da tarde, chegou ás 7 horas e meia a Santarem, fazendo assim mais de 70 kilometros em 3 horas e meia, o que dá a velocidade média de 20 kilometros por hora.

De Santarem, onde o cyclista pernoitou, foi a Almeirim e Alpiarça, voltando á cidade do santo milagre, de onde no dia seguinte foi por Torres Novas a Thomar, e d'ahai a Coimbra, fazendo todo o percurso em 3 horas e 45 minutos.

De Coimbra foi á Figueira, voltando d'alli trazendo a reboque uma bicycleta montada por um cyclista, que achou muito commoda a viagem sem fatigar as pernas, porque apenas teve que occupar-se de manter a machina em equilibrio. Esta volta da Figueira realizou-se em 1 hora e 32 minutos, o que representa uma marcha de 28 kilometros por hora.

De Coimbra partiu para o Porto, fazendo o trajecto, apesar da má estrada, cheia de barrancos em alguns pontos e de lameiros n'outros, em 4 horas e um quarto.

Foi do Porto á Foz e Leça, fazendo varias outras excursões nos arredores, e d'alli regressou a Aveiro em 2 horas e 45 minutos, onde foi até a barra, partindo de lá ás 8 horas da manhã, chegou a Anadia ás 10 horas e 12 minutos. D'ahi veiu a Coimbra, Louzã e Poyares, rebocando tambem varias bicycletas em caminho.

De Poyares veiu a Leiria, fazendo esses 68 kilometros em 2 horas e 10 minutos, o que dá 31 kilometros por hora.

Finalmente, de Leiria dirigiu-se ás Caldas da Rainha e, descansando a noite, empregou a manhã do dia de Natal em varios passeios, e, pelo meio dia e 45 minutos, partiu para a capital, por Torres Vedras, sem paragem em transit, chegando á Avenida da Liberdade ás 4 horas da tarde.

Este ultimo percurso, de 110 kilometros, foi, portanto, feito em 3 horas e um quarto, ou, na média, de quasi 34 kilometros por hora.

Em toda esta viagem, que não foi de menos de 1.000 kilometros, a machina funcionou perfeitamente, não soffrendo a menor avaria, percorrendo caminhos melhores ou peiores.

Só nas subidas e caminhos muito pedregosos o motor produz alguma trepidação; na estrada de macadam o andamento é suavissimo e informa-nos o viajante que, apesar da rapidez da marcha, teve quasi sempre apenas que dar attenção a evitar qualquer choque com outro vehiculo, tendo tempo para apreciar bem todos os panoramas.

O aprovisionamento de combustivel tambem não offereceu difficuldade. O triycle tem deposito de 3 litros de gazolina, que dão para 150 kilometros de marcha e, como sobresalente, o sr. Ferreira levou mais uma lata com 5 litros, prevenção que era desnecessaria, porque em Santarem, Thomar, Coimbra, Porto, Figueira, Leiria, etc., encontrou gazolina á venda, de que pôde abastecer-se quando precisou.

Foi esta viagem a primeira que, em automotor, se realizou em Portugal, em tão grande percurso.

A casa Orey tem já encomendados varios vehiculos automotores, e, entre esses, um triycle Bolée, de duas rodas na frente, que se diz ser a ultima novidade no genero.

**ESPECTACULOS****CARTAZ DA SEMANA****CINEMAS**

COLISEU — Nova Companhia de Circo.  
EDEN — Ás 15,30 e 21,30 — «Mater Dolorosa».  
OLIMPIA — Ás 15 e 21 — Filmes de aventuras.

PARQUE MAYER — Divertimentos, atracções, etc.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição de animais.

**Atlantida, Lda.**

Tudo para casas de banho

MARMORES \* AZULEJOS \* MOSAICOS  
FOGÕES \* CANDEEIROS \* ETC., ETC.

A casa dos melhores preços

Praça do Município, 31 — LISBOA

Telefone 2 9081

**Viuva Macieira & Filhos**

FÁBRICA de papel para escrever, impressão, e embrulho e de sacos de papel — ARMAZEM de papéis pintados, papelão e papéis estrangeiros — PAPELARIA e trabalhos tipográficos em todos os géneros. Únicos importadores de papel para cigarros «DUC»

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

TELEF. } 3 1721  
3 1722

Rua da Madalena, 10 a 22

Quem tem SAÚDE e DINHEIRO  
tem o Mundo nas mãos!

A saúde não está ao alcance de todos, mas o DINHEIRO está à vossa espera na casa que mais sortes grandes tem distribuído há mais de meio século:

*Gama*

RUA DO AMPARO, 51

LISBOA

**H. Fernandes & Santos, L.<sup>da</sup>**

Reparações mecânicas e de electricidade em todas as marcas de automóveis

Especializados em rectificação de cambotas e cilindros e em enchimento de bronzes

RUA ACTOR TASSO, 8-14  
Telef. 4 2807 — LISBOA

**Júlio dos Santos Ribeiro**

Casa centenária, especializada na fabricação de POLEAME de todas as categorias

Fornecedora da COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO, EMPRESA INSULANA, CARREGADORES AÇOREANOS, ARSENAL DE MARINHA, etc. —:—

Apta a fornecer a todos os barcos todos os artigos marítimos

Rua de S. Paulo, 71 — LISBOA — Telef. 2 2018

VIDROS ESPELHOS

**A UNIÃO**

FORNECEDORA DA C. P.

RUA LUZ SORIANO, 23-A  
LISBOA

TELEFONE 7 2935

Indústria de Cerdas e Crinas Animais,  
**ICCA, L.<sup>DA</sup>**

Preparação de Cerdas e Crinas para pincelarias, escovarias, etc.

FÁBRICA DE BROCHAS E PINCÉIS

Rua Francisco Tomaz da Costa, 32-34 LISBOA

**ANTÓNIO ALVOEIRO & C.<sup>A</sup>**

Louças de porcelana, alumínio e esmalte; talheres e cutelarias, vidros e cristais, artigos de menage; completo sortido de escovas para feto, dentes, cabeça, etc. Vassouras de diversos modelos, capachos, piaçabas, juncos, etc.

Calçada do Combro, 34 a 36-A

Telef. 2 1583

LISBOA

CARPINTARIA MECANICA DE

**BENJAMIM ANTÓNIO DUARTE**  
CONSTRUTOR CIVIL

Rua de Campolide, 51-A — LISBOA — Telefone 4 4168

VEM A LISBOA ?

PREFIRA A **PENSÃO MACEDO**

A melhor Pensão para pnoctar, recomendável pelas tradições de hospitalidade e ambiente familiar—Próximo da estação do Rossio e dos principais teatros. Fundada em 1881 — Preços acessíveis

12, Rua Eugénio dos Santos, 12 (Prédio todo) — LISBOA

Carpets, Tapetes, Passadeiras, Capachos, Linhagens, Sacos, Lonas e Fios — Artigos para campo e prala

**LEITES SOBRINHOS & C.<sup>A</sup>**  
(CASA CENTENARIA)

26, Rua dos Fanqueiros, 28 — Telefone 2 1710



# Sociedade de Estudos Técnicos

Projectos de centrais eléctricas

MATERIAL FERROVIÁRIO

Pontes Rolantes

RUA MARQUÊS DA FRONTEIRA, 8 — TELEFONE 4 8165  
L I S B O A

## MADEIRAS

NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Ferros perfilados, Redondos, Chapas, etc.

SERRAÇÃO

E

CARPINTARIA

MECÂNICAS

CARRASQUEIRO & TEIXEIRA, L.<sup>da</sup>

Suc. Cipriano M. Teixeira (Viúva, Herdeiros)

FORNECEDORES DOS CAMINHOS DE FERRO

175, Avenida 5 de Outubro, 184

Telefone P. B. X. 73046/73047

L I S B O A

JANEIRO 1881...

Funda-se a Empresa Nacional de Navegação

MARÇO 1881

A Empresa Nacional de Navegação inicia as carreiras para Angola com os Paquetes «Portugal» e «Angola» — Iluminados a Petróleo

1882

Inicia as Carreiras para a Guiné e Cabo Verde com os Vapores «Bolama» e «Guiné»

1889

Constroi os Paquetes «Ambaca» e «Cazengo»... já iluminados a Electricidade

1903

Inicia as Carreiras para a Costa Oriental com os Paquetes «Zaire», «Malange» e um novo «Portugal»

1918

Transforma-se na actual

Companhia Nacional de Navegação

Que de 1918 a 1947 navega cerca de 16 milhões de milhas transportando cerca de 11 milhões de Toneladas

1947

Inicia a Reconstrução da sua Frota com os N/Motores «Rovuma» «Moçamedes» «Lurio» «Zambézia» «Angoche» e os Paquetes «Índia», «Timor» «Angola» e «Moçambique»

E CONTINUA...

## Graham's Port

AGENTES:

Guilherme Graham Jr. & C.<sup>a</sup>

DISTRIBUIDORES DO SUL

José Luiz Simões

16, Largo do Chiado, 17

Telefone, 2 8913

L I S B O A

À VENDA NOS MELHORES BARS,  
HOTEIS E RESTAURANTES  
DO PAÍS

RUA DOS FANQUEIROS, 7 — Telefones, 2 0066/9  
LISBOA

RUA DOS CLÉRIGOS, 6 — Telefones, 2 6961/2  
PORTO

## *Sociedade Industrial de Produtos Eléctricos*

S. A. R. L.



FÁBRICA DE PLÁSTICOS

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO - MÉNAGE

MATERIAL ELÉCTRICO

Rua Policarpo Anjos, 46-Dáfundo

Telefone-Algés 35

## *A Choupana* (Sobre o Mar)

RESTAURANTE—BAR  
SALÃO DE CHÁ  
PRATOS REGIONAIS

SÃO JOÃO DO ESTORIL  
ESTRADA MARGINAL

Está às ordens de V. Ex.<sup>as</sup> para vos  
submeter propostas para os equipamentos  
e máquinas seguintes :

AR CONDICIONADO «AJAX»  
MOTORES DIESEL DE VÁRIOS TIPOS E DE  
TODAS AS POTENCIAS  
MATERIAL ELÉCTRICO, MOTORES, TRANS-  
FORMADORES, ETC.  
MÁQUINAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL  
GRUPOS ELECTROGENEOS  
CALDEIRAS AUTOMÁTICAS A OLEOS  
ETC., ETC.

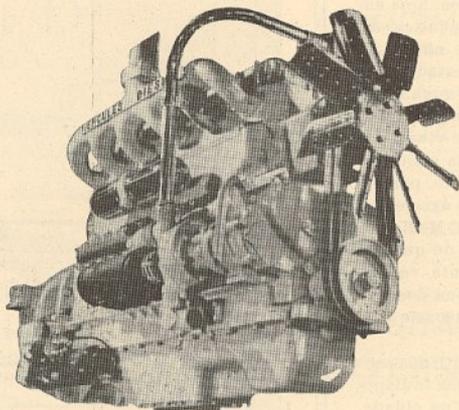
*A. C. Rolim & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>*

LARGO VICTORINO DAMÁSIO, 3-A, 3-B e 3-F  
Telefone 6 0195 LISBOA

## Sociedade Industrial Agro-Reparadora, L.<sup>da</sup>

Distribuidores para Portugal de motores e acessórios HERCULES-DIESEL

Apresenta o Novo Modelo PERFEITO — ROBUSTO E ECONOMICO



DWXd DE 136 HP.

6 CILINDROS DE  
4-1/4" x 4-3/4"

EM EXPOSIÇÃO NO SEU STAND

A CHEGAR: Motores HERCULES-DIESEL de 83 HP. e 100 HP. para camiões  
Motores Industriais, de 27 HP. — 70 HP. — 83 HP. e 204 HP.

44-45-CAMPO DAS CEBOLAS, 46-46-A E 48

Telegramas «AGROPEÇAS»

L I S B O A

Telefones 2 7830-3 2408



### Avenida Palace Hotel

Endereço Telegráfico: «PALACE-LISBOA»

Telefones 3 0154-3 0157 — L I S B O A

Hotel de 1.<sup>a</sup> classe, situado no coração da cidade, junto da estação do Rossio e perto da Avenida da Liberdade

130 Quartos — 80 Quartos com banho

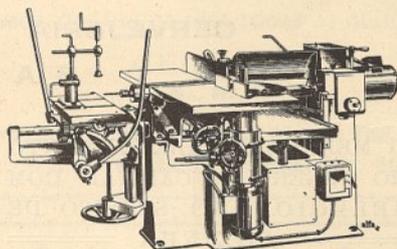
Telefones em todos os quartos, ligados à rede Internacional

AQUECIMENTO CENTRAL, ESMERADÍSSIMA  
COMIDA — VINHOS SELECTOS — AMÉRICA BAR

Preços moderados-Para estadias prolongadas condições especiais

MÁQUINAS PARA MADEIRA

## GUILLET DE FAMA MUNDIAL



MOTORES ELÉCTRICOS, FERRAMENTAS, ACESSÓRIOS

Fábrica em AUXERRE (FRANÇA)

CASA FUNDADA EM 1847

Durante mais de 100 anos a marca GUILLET tem sido sinónimo de supremacia e elevada qualidade em maquinaria para trabalhar madeira. A extensa variedade de modelos, seu rendimento superior e sua extraordinária resistência, faz que as nossas máquinas sejam a predilecção das indústrias da madeira de todo o mundo

EXPOSIÇÃO E VENDA

GUILLET, L.<sup>DA</sup>

Rua Dona Filipa de Vilhena, 10, B-C — L I S B O A

# SUIÇA

## OS BENEFÍCIOS DA ALTA MONTANHA NO INVERNO

Não há médico algum de competência, em todo o Mundo, que não reconheça, hoje em dia e sem reservas, o valor terapêutico do clima alpino no Inverno, e que não recomende aos seus doentes uma estadia nas montanhas, facilitando-lhes, dessa maneira, meios de recuperarem a saúde e de conhecerem e de saborearem a alegria de viver.

Os efeitos curativos do sol das altitudes e do ar forte e seco do clima alpino, por demais têm sido reconhecidos como excelentes e como preciosos auxiliares da Medicina. São elementos novos e infalíveis de que, na realidade, os médicos, actualmente, se servem para acelerar a cura dos seus doentes e para conservar a saúde das pessoas que a têm.

A 1000, 1500 e 1800 metros de altitude sentimo-nos rejuvenescer! As pequenas indisposições, que tanto nos aborreciam na cidade, desaparecem como por encanto. Volta-nos o apetite. A nossa capacidade física aumenta e, com ela, o desejo de nos expandirmos, de vivermos, cresce também. As múltiplas vicissitudes da nossa vida diária, as nossas preocupações, em breve as pomos de parte e as vemos, como o fumo, desvanecer-se no espaço.



Respiramos profundamente. Rimo-nos. Divertimo-nos. Sentimo-nos outros, sob os raios ardentes do sol, que, em poucos dias, nos cretam a pele. O organismo refaz-se. A saúde está reforçada. Fez-se o milagre da Alta Montanha!

## Leão de Ouro

RESTAURANTE

CERVEJARIA

BAR

O MELHOR ESTABELECIMENTO  
NO GÉNERO DA CAPITAL, COM  
SELECIONADO SERVIÇO DE  
COZINHA

///

ESPECIALIDADE EM CERVEJAS,  
MARISCOS E APERITIVOS

Telefone 2 6195

89-R. 1.º DE DEZEMBRO-99  
L I S B O A

## Tinturaria Pires Branco

DE

Carlos Alberto Branco dos Santos

CASA FUNDADA EM 1853

TINGE, LAVA E LIMPA  
A SÊCO TODA A QUALI-  
DADE DE TECIDOS



ENGOMAGEM RÁPIDA  
DE FATOS E VESTIDOS,  
COM GABINETES  
DE ESPERA  
PARA OS EX.ªOS CLIENTES

Calçada do Carmo, 45 e 47—LISBOA

Telefone 2 1860



**DAVID**  
JOALHEIRO

281 - RUA DA PRATA - 283 - TEL. 30446  
(JOIAS E PRATAS ANTIGAS)

**Desejais** adquirir um presépio de lindas figuras?  
**Procurais** uma imagem de qualquer invocação e de fina expressão?  
**Desejais** um crucifixo que inspire devoção, um terço ou estampa, um livro de missa ou de Cultura?

Lembral-vos que na  
**CASA AVÉ MARIA**  
Rua da Prata, 75 TELEFONE 2 6127 LISBOA  
encontrareis um sortido especial sempre por preços muito acessíveis

**Fábrica dos produtos para calçado marca**

**VIRIATO**

Pomadas - Cremes - Tintas Rápidas - Camurças - Giz  
Lustrinas - Ceras para sapateiro - Ceras para soalhos  
Tintas para escrever, etc.

**ANTÓNIO NUNES**

Rua do Benfornoso, 151-C a 151-G - LISBOA - Telef. 3 2624

**Indústria Social, L.<sup>da</sup>**  
FUNDADA EM 1872 TELEFONE 62 665

**FÁBRICA METALÚRGICA**  
MÁQUINAS PARA CERÂMICA

Com oficinas de Serralharia Mecânica e Civil - Forjas - Fundição de ferro - Fundição de Metais - Construtora de máquinas e acessórios para todas as indústrias - Reparação de navios - Reparação de todos os tipos de motores - Casa especializada em fabricação de todos os acessórios para os mesmos.

**Orçamentos Grátis**

Sede em edifício próprio na  
Avenida 24 de Julho, 64 LISBOA

**ONDA ELÉCTRICA**  
**DE LUÍS CRAVEIRO**

*Rádios - frigoríficos - artigos eléctricos  
máquinas de costura - fogões a gás*

VENDAS A PRONTO E POR CONTRATO

TELEFONE: 30 452

Rua de S. Pedro de Alcântara, 47 LISBOA

**Sociedade Industrial Aliança**

S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 20 MIL CONTOS

Fábrica na

RUA DA JUNQUEIRA, 9/11

TELEFONES { 38 091  
38 092  
38 093

**BOLACHAS - CHOCOLATES**  
**DROPES - REBUÇADOS**

Fábricas :

de Moagem no **CARAMUJO**

de Massas no **PORTO**



**Grande Fábrica de Gelatinas**  
**Colas, Grudes, Sebos e Peles**

ADUBOS ORGÂNICOS PARA TODAS AS CULTURAS

**A CELONITE**  
S. A. R. L.

Escritório: R. do Arsenal, 60-1.º Lisboa Telef. 23891

Fábrica: Senhor Roubado (Odivelas) Telef. Odivelas 5

**Panificação do Chiado, L.<sup>da</sup>**

*Esmerado fabrico de pão de todas as qualidades  
Fornecedores dos principais Hotéis e Restaurantes  
Especialidade em «Pão de Formas» (devidamente autorizada)*

FORNECEDORA DOS WAGONS-LITS

Rua Nova da Trindade, 8-C a 8-D - Tefef. 27734

Calçada do Sacramento, 26 a 32 - Telef. 24044

**LISBOA**

## Publicações recebidas

Liga dos Combatentes da Grande Guerra  
— Relatório da Gerência de 1946

O 15.º Relatório da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, agora recebido, diz respeito à gerência de 1946. Lêmo-lo com o interesse dos anteriores.

Abre este Relatório com a reprodução do retrato da Infanta de Portugal D. Maria Francisca Benedicta, nascida em 1746 e falecida em 1829. Foi ela a benemérita fundadora do Asilo dos Inválidos Militares de Runa. Tanto a instituição como a sua piedosa fundadora mereceram dos organizadores deste volume algumas palavras de comovida e justa homenagem.

D. Maria Francisca Benedicta era filha do Rei D. João V. Tendo enviuvado do seu sobrinho o Príncipe D. José, ao regressar ao Brasil, onde viveu longos anos, fundou aquela instituição, sacrificando — o que é digno de especial registo — os seus bens, as suas próprias jóias e quadros, para que os militares, impossibilitados ao serviço da pátria ou velhos e desamparados, tivessem, no último quartel da vida, um abrigo certo contra a miséria.

Este asilo foi recentemente reorganizado pelo actual titular da pasta da Guerra, que, assim, o tornou mais útil e eficiente. Além desta instituição de assistência às vítimas da guerra, a Liga dos Combatentes conta ainda com a Casa dos Filhos dos Soldados e a Colónia de Férias e Repouso «Artur Jorge Guimarães», a qual, no ano de 1946, funcionou de 1 de Agosto a 30 de Setembro inclusivé, comportando um total de 78 crianças, mais oito, informa-nos o Relatório, do que no ano precedente.

A acção da Liga dos Combatentes continua a ser prestante e por intermédio de vários núcleos tem prestado os mais altos serviços de assistência. Por exemplo, obteve do sr. Dr. Vasco de Sá Carneiro, director dos serviços aduaneiros na colónia de Angola a colocação duma menor, filha de combatente, na

Alfândega de Moçamedes; de «O Século» que na sua colónia balnear fossem recebidas 24 crianças belgas do sexo masculino órfãos das duas guerras, sendo as despesas pagas pelo «Office Nationale Belge» e «Oeuvres Belges au Portugal»; da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa passagens gratuitas e da Assistência Hospitalar o internamento de vários camaradas nos hospitais civis de Lisboa.

A Comissão Central Administrativa ao fechar o seu Relatório exara o seguinte:

«Chegamos ao fim, insatisfeitos, porque desejamos *mais e melhor*, mas convencidos que fizemos o mais que podíamos e o melhor que sabíamos, isto é, servimos o soldado, servimos o país!»

É indispensável, pois, como alvitram os signatários do Relatório, a admissão legal, na Liga dos Combatentes, de todos os portugueses chamados às armas durante o período de 1939 a 1945, quer no território nacional por motivo de emergência, quer fazendo parte das forças armadas das Nações Unidas, a fim de que esta nobre instituição não deixe de continuar a prestar aos futuros soldados de Portugal os mesmos serviços que tem prestado aos seus antigos camaradas.

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra bem merece de todo o país o melhor carinho.

Derecho de Transportes — Editorial  
Montañesa — Madrid, 1948.

Eis aqui uma obra importante e útil que a Editorial Montañesa, de Madrid, acaba de lançar a público. São já três os fascículos editados.

Na apresentação da obra, os seus autores declaram que a publicam com o convencimento de que preenchem uma lacuna existente no âmbito das publicações que em Espanha dedicam as suas actividades a assuntos de transportes, já que as revistas espanholas estudam, de preferência, questões técnicas referentes aos elementos necessários para o mesmo e se limitam, no que respeita à parte jurídica e administrativa, a esporádicas manifestações.

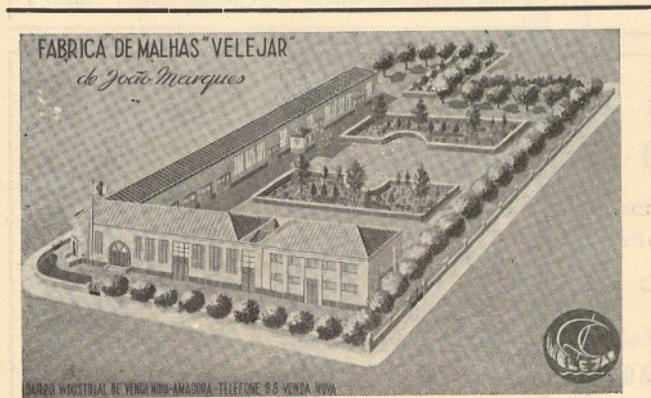
Esta publicação é útil a todos os usuários do transporte e a todos os profissionais e entidades interessadas nas questões que ao mesmo se referem.

Agradecemos os exemplares que, amavelmente, foram enviados à nossa Redacção.

«Notícias da Suécia»

Recebemos os n.ºs 37 e 38 do Boletim — «Notícias da Suécia», por oferta da Legação deste país.

Contém informações sobre as descobertas feitas pela expedição do navio-escola «Albatross», o comércio externo da Suécia, em Agosto e diversas notícias marítimas.



# Metalúrgica, L.<sup>da</sup>

*Officinas de construções metálicas civis e mecânicas*

FABRICANTES DE:

**Aparelhos de mudança de via**

MOLDES PARA MANILHAS DE CIMENTO

GRADEAMENTOS, PORTÕES, CAIXILHARIA, etc.

Fabricantes exclusivos dos fechos «SECTOR» para caixilhos e bandeiras (Patente 18010 iguais aos existentes nos edificios do Instituto Superior Técnico, Instituto Nacional de Estatística, Hospital Júlio de Matos, «Diário de Noticias», Sociedade Nacional de Sabões, etc..

RUA DA BICA DO SAPATO, 46 — TEL. 2-7140

LISBOA

TODO O MUNDO ABÔNA E SÓ QUER  
AS MALHAS DE SEDA



FABRICA DE MALHAS

**Figueiredo & C.<sup>ta</sup>, L.<sup>da</sup>**

R. DUARTE GALVÃO, 48  
LISBOA

Telef. 5 8066

Teleg. CORONA

## Luz Fluorescente

Lâmpadas «WESTINGHOUSE»  
Balastros «ACME»

Produtos de inexcédível qualidade com a garantia de perfeito funcionamento e exacto consumo — Grande variedade de candeeiros comerciais e industriais, com o garantido equipamento «ACME» — Tudo para a moderna e económica iluminação «COLD CATHODO» —

CONSULTEM PREÇOS

ORÇAMENTOS GRATIS

Representante Exclusivo para Portugal:

**LUX INDUSTRIA, LIMITADA**

Avenida Almirante Reis, 9 a 9-C  
TELEFONE 48715 — LISBOA

## Durão & Duarte, L.<sup>da</sup>

AGENTES DE PASSAGENS  
— E CARGA AÉREA —  
PARA TODO O MUNDO  
(Aprovados pela I. A. T. A.)

Praceta de Almirante Reis, 13—LISBOA  
Teleg. «DUARTE» Telef. 7 1157

## Guerreiro dos Santos, L.<sup>da</sup>

Rua de Sto. António da Glória, 18  
Lisbonne — Portugal

Téléphone : Lisbonne 20795

Télégrammes : ERNESANTOS - LISBOA

BOUCHONS — BAGUES — DISQUES — FLOTTEURS  
— LIEGE EN PLANCHE — DECHETS — VIERGE, etc.  
AGGLOMERÉS — GRANULES — RUBANS — LAMBRIS  
—TOUS LIEGES D'ISOLATION — PARQUETS, etc.

Usinas a: ALHOS VEDROS

Quinta da Benfadada

Telefone 42

S. DOMINGOS

SANT'IAGO DO CACEM

EXPORTATION DE CONSERVES

## MALA REAL INGLÊSA

ROYAL MAIL LINES, LTD.  
CARREIRAS PARA O BRASIL E RIO DA PRATA

AGENTES EM LISBOA:

**JAMES RAWES & C.<sup>o</sup>, L.<sup>TD</sup>**  
R. Bernardino Costa, 47, 1.<sup>o</sup> Tel. 2 3232/4/5

**E. PINTO BASTO & C.<sup>A</sup>, L.<sup>TD</sup>**  
Avenida 24 de Julho, 1-1.<sup>o</sup>—Tel. 31581 (7 linhas)

AGENTE NO PORTO:

**TAIT & C.<sup>o</sup>**  
Rua Infante D. Henrique, 19—Telef. 7

## Sociedade Textil do Sul, L.<sup>da</sup>

FIAÇÃO — TECELAGEM

ESTAMPARIA — BRANQUEAÇÃO

TINTURARIA — HIDROFILAGEM

FÁBRICAS EM:

LISBOA — SACAVÉM — ALHANDRA

Rua da Prata, 199, 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> — LISBOA  
Telef. 3 2728

## J. A. RIBEIRO & C.<sup>A</sup>

OCULISTAS  
CASA FUNDADA EM 1858

Representantes para Portugal de:

**Cooke Troughton & Simms, L.<sup>da</sup>**

Instrumentos de óptica,  
topográficos, geodésicos, etc.

MATERIAL PARA LABORATÓRIOS

RUA AUREA, 222-226—LISBOA

Telefone 2 2188 — End. Teleg. ÓPTICA

## Sociedade Vinícola Sul de Portugal, L.<sup>da</sup>

Exportadores de Vinhos e Derivados

Sede: Praça do Município, 20, 2.<sup>o</sup>

TELEFONES:

Expediente 2 6552—Gerência 2 9957—End. Teleg. VINISUL

ARMAZENS: AREALVA—ALMADA

Telefone: ALMADA 17

## ARMINDO FERREIRA

TÉCNICO EM CANALIZAÇÕES

— Reparações e montagens de encanamento —  
Aquecimentos — Gás — Montagens de casas de banho

A maior perfeição em todos os trabalhos de lotoaria

Reparações e Instalações Eléctricas

Rua da Atalaia, 34 || TELEFONE 21572  
Travessa da Espera, 51 || LISBOA

OURO — PRATAS ARTÍSTICAS — RELÓGIOS

## BAETA

JOALHEIROS

TELEFONE  
26329

65-RUA AUREA-67

TELEGR.  
BAETA

LISBOA  
PORTUGAL

FILIGRANAS — JOIAS — PEDRAS PRECIOSAS

# Empresa Geral de Transportes

(S. A. R. L.)

TRANSPORTES NACIONAIS  
TRANSPORTES INTERNACIONAIS

SERVIÇOS AUXILIARES DO CAMINHO DE FERRO

RUA DO ARSENAL, 124-146

Telefone P. B. X. — 3 2151/54 — 3 2161/64 — LISBOA

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 30-2.º

Telefone 2 5938/9 — PORTO

## MÁQUINAS DE ARQUEAR

Arcos d'Aço — Uniões — Precintos —  
Sêlos — Artigos para EMBALAGENS

*H. C. Ferreira, L.<sup>da</sup>*

Fabricantes dos Produtos UNIX

LISBOA                      PORTO  
RUA DA MADALENA, 30    RUA DO ALMADA, 426  
Telef. 2 7601 Ap. — Teleg. «HUCAFE»

## CORREIA, SANTOS & CORREIA, L.<sup>DA</sup>

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Sortido completo em ferragens, para construção civil

Ferragens para móveis — Ferramentas para carpinteiros  
e marceneiros — Ferramentas para mecânicos — Brocas,  
Mandris, Buchas para tórno e Engenhos, Broquins,  
Cavaletes para ferreiro — Tornos de bancada e de espiga,  
etc., etc..

S É D E :

Largo do Conde Barão, 31 a 33 — Telef. 6 1738

97, Avenida Duque de Ávila, 101 — Telef. 4 3713

SUCURSAIS: 137, Rua da Atalaia, 139 — Telef. 2 4181

L I S B O A

## Sociedade de Ferramentas e Metais, Limitada

(Antiga Casa Garcia & Martins, Limitada)

Importadores directos de todos os modelos de Ferragens e Ferramentas

Máquinas, tornos, motores eléctricos, aparelhos para soldaduras, brocas, buchas, diferenciais, parafusos, micrometros, limas, lixa esmeril e carborundum. Cavilha, folhas de serrote, engenhos de furar, foles nacionais e ingleses, tesouras para cortar chapa, tarrachas, etc., etc..

Loja e armazém: RUA DA BOA VISTA, 96 a 100

Escritório: TRAVESSA MARQUÊS DE SAMPAIO

Telefone: 21977 — LISBOA

**Serafim Ramos, Limitada**

FÁBRICA DE GESSOS

CHAPAS EM GESSO ARMADO, nosso fabrico com gesso, de 1.<sup>a</sup>. São as mais baratas e resistentes do mercado, permitindo melhor trabalho—Gessos d'estuque, português, francês e espanhol para cerâmica, de superior qualidade, fino para trabalhos dentários e ortopédicos, mate e de pintor — CERESIT contra a humidade. Torna a argamassa completamente impermeável

GRANDE EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, 1932-33, Medalha de Ouro e Grande Prémio de Honra — EXPOSIÇÃO COLONIAL DO PORTO, 1934, Medalha de Ouro

Telefone : 60303 — Endereço Telegráfico : GESSO

SEDE SOCIAL FÁBRICA

Rua do Caes do Tojo, 71 Avenida de D. Carlos, 42 a 58  
LISBOA

**HOTEL AMERICANO**

Situado no ponto mais central da capital  
(Junto à Estação do Rossio)

Água corrente e fria em todos os quartos  
—Casas de banho. COZINHA EXCELENTE

PREÇOS MODERADOS

Proprietário :

**CONSUELO FERNANDEZ ALFAIA**

Rua 1.º de Dezembro, 73 — LISBOA  
End. Teleg. AMERIOTEL — Telef. 2 0975

**T. J. BARROS QUEIROZ, H. ROS, L. DA**

CANDEEIROS E CANALIZAÇÕES  
FOGAREIROS DE PETRÓLEO —  
LOUÇAS — LANTERNAS — T. S. F.  
:—: E SEUS PERTENCES :—:

Telefone 2 7921

Largo de S. Domingos, 24—LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

**FÁBRICA IMPERIAL**

DE

**SEQUEIRA & SOLNADO, L. DA**

Escovas de piassaba, fibra e cabelo. Vassouras de piassaba, palma, painço e cabelo. Brochas e pinceis para todos os officios. Espanadores. Escovas e chapuz. Móveis de estilo. Carpetes e :—: Passadeiras, Colehoarias, Camas e Divãs :—:

III, Rua Marquês da Fronteira, 113-A, 113-B — LISBOA

Telefone 4 1186

**Almofadas para carimbo em CAIXA DE BAQUELITE**

Colas—Lacres—Tintas de escrever—Tintas de carimbo—Paletas com agulhas—Tintas de escrever, em comprimidos—Oleo para máquinas de escrever

Guecho em caixa de baquelite da marca **OLIPER**

São artigos fabricados segundo processos modernos com matérias primas de 1.<sup>a</sup> qualidade, que honram a indústria nacional

Distribuidores exclusivos para PORTUGAL, ILHAS e COLÓNIAS

**Sociedade Comercial Zambujo, Ltd.<sup>a</sup>**

Rua do Século, N.º 1, 1.º LISBOA

Tele ( fone 3 2882  
gramas SOCIALDUANE

**Sociedade Comercial Aduaneira, L. da**

DESPACHOS ALFANDEGÁRIOS

RUA DOS FANQUEIROS, 257, 2.º, D. — LISBOA

**O BARATO SAI CARO !!**

Compre os FATOS, SOBRETUDOS e GABARDINES para HOMEM e MENINO, na casa

**OLD ENGLAND SARMENTO & C.<sup>A</sup>**

R. AUGUSTA (Esquina de S. Nicolau) — LISBOA

e terá a certeza de ficar bem servido.  
30 anos de existência dão completa garantia.

**Vassouraria da Esperança**

DE

**BERNARDINO SILVA SOLNADO**

Fabrico especial de escovas de palheta de aço e escovões de piassaba para estradas

Fornecimentos completos em escovas de todas as qualidades

INDUSTRIA NACIONAL

Avenida D. Carlos, 98 — LISBOA  
Telefone 6 2627

**CIRILO & IRMÃO, L.<sup>DA</sup>**

CASA FUNDADA EM 1934

**Comércio e Agricultura — Importadores e Exportadores**

Exportam pela sua Sede todos os produtos da Colónia. — Importam todas as mercadorias nacionais e estrangeiras de que têm «stock» permanente nos seus armazéns de Luanda para vendas apenas por junto. — Distribuidores pelo porto de Luanda, da acreditada marca de cerveja «Águia», produto da Sociedade Central de Cervejas de Lisboa

Sede em LUANDA — ANGOLA

Escritório em LISBOA

Largo Brossane Leite

R. dos Bacalhóes, 125, 3.º

CAIXA POSTAL 184

TELE { fone: 225  
gramas: CIRILOSTELE { fone: 32608  
gramas: CIRMÃO**LISBOA E ÁFRICA****MATERIAIS SANITÁRIOS****A. F. L.<sup>DA</sup>**PRAÇA DO AREIRO, 4, A  
LISBOA**AZULEJOS**

Louças Sanitárias

**MOSAICOS****GRÉS****TORNEIRAS****Artefactos de Malha  
de Luxo, Limitada**

FÁBRICA DAS REPUTADAS MARCAS

**« ARMALUX »**AS PREFERIDAS PELA SUA ALTA  
QUALIDADE

S É D E :

RUA HENRIQUE DE FAIVA COUCEIRO

VENDA NOVA (Amadora)

**Sociedade Industrial  
de Borracha, L.<sup>da</sup>**END. TELEGRÁFICO  
BISFICATELEFONE  
Venda Nova 47**VENDA NOVA (AMADORA)**

TUBOS para: REGA, RADIADOR, CHUPADORES, PULVERIZAÇÃO, VINHOS E CERVEJAS, PRESSÃO, ETC., ETC.. — ANÉIS E ANILHAS DIVERSAS, FÓLHAS DE BORRACHA C/ E S/ TELAS, BORRACHA PARA RECAUCHUTAGEM, ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS, SANDÁLIAS DE BORRACHA, CALÇADO VULCANIZADO, SOLAS E TACÕES — ARTIGOS SANITÁRIOS — ACESSÓRIOS PARA PULVERIZAÇÃO, ETC., ETC..

EXECUÇÃO PERFEITA DE TODOS OS ARTIGOS  
DE BORRACHA MEDIANTE AMOSTRA OU DESENHO

LABORATÓRIO DE ANÁLISES E ENSAIOS

**Emprêsa Insulana de Navegação**

R. NOVA DO ALMADA, 11-1.º — LISBOA

Telefone 2 3271-2-3

Telef. BENSUADE

Carreiros regulares entre Lisboa, Madeira e Açores

Saídas a 8 e 23 de cada mês. Paquetes LIMA e CARVALHO ARAUJO

Agentes em Lisboa: GERMANO SERRÃO ARNAUD

Carga e passagens de 3.ª classe

Passagens de 1.ª e 2.ª classes

Av.ª 24 de Julho, 2, 2.º

Rua Augusta, 152

Telef. 2 0214/15

Telef. 2 0216

No Porto: J. T. PINTO VASCONCELOS, L.DA  
Na Madeira: BLANDY BROTHERS, & C.O, L.TD  
Em S. Miguel: BENSUADE & C.A, L.DA

**João Ildelfonso Bordallo****EXPORT — REEXPORT**

EXPORTADOR DE PRODUTOS COLONIAIS PARA OS MERCADOS EXTERNOS. — AGENTES PRIVATIVOS NA EUROPA, ORIENTE, MÉDIO ORIENTE E AMÉRICA DO NORTE

Exporta Café, Cacau, Chá, Açúcar, Melão de açúcar, Feijão, Goma copal, Cera de Abelha, Couros, Sisal, Coconote, Amendoim, Sementes de algodão, Ricino, Oleos de copra, Palma e peixe

Vende para as Colónias: Sacaria, Cimento, Ferro e demais materiais de construção

Rua de S. Julião, 62-2.º — LISBOA

End. Telegráfico: JODALLO

R. do Almada, 386-2.º — PORTO (Portugal)

Telefones 2 7918 — 3 1264



## Empresa Industrial de Madeiras, L.<sup>da</sup>

Madeiras para exportação

**CAIXOTARIA** para toda a espécie de embalagens  
Marcações a fogo e a tinta

Sede: VILA ZENHA — XABREGAS — LISBOA  
Telef. 3 9020 End Teleg. «Taboinha»

Fábricas } PAMPILHOSA DO BOTÃO, FARMILHÃO,  
TORREDEITA, CANTANHEDE E POMBAL

**Caixotaria Mecânica em LISBOA**

## Sociedade Luso Colonial de Representações, L.<sup>da</sup>

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

End. Teleg. RAYON Telefone 2 9442

Papel transparente — Papéis de escrita, de impressão  
e embrulho — Cartolinas, cartão e todos os papéis  
nacionais e estrangeiros

Papel químico inglês e artigos de escritório  
Fitas inglesas para máquinas de escrever

**Rua dos Sapateiros, 92, 1.º — LISBOA**

## HIGINO, LIMITADA

Gerente: HIGINO MENDES CASCALHO

NAVEGAÇÃO FLUVIAL

ESTALEIROS DE CONSTRUÇÃO  
E REPARAÇÃO DE BARGOS

ARMAZENS EM **Alhandra**, COM  
CAIS ACOSTAVEL PARA CAR-  
GAS E DESCARGAS

ESCRITÓRIO:

Telhal do Peniche Campo das Cebolas, 9-A  
**ALHANDRA** Telef. 2 4439 — LISBOA

## Vilarinho & Ricardo, L.<sup>da</sup>

IMPORTADORES — EXPORTADORES

Completo sortido de artigos de mercearia fina e confeitaria

Agentes depositários e distribuidores das  
afamadas CONSERVAS «LA ROSE» de  
Feu Hermanos, de Portimão, e do vinho de  
Porto «RAINHA SANTA» e «ESPECIAL 47»

**230, RUA DA PRATA, 232**  
Telef. 2 1711 e 2 0635 — LISBOA



1828 1949

## BUREAU VERITAS

Classificação e inspeção de navios

RECEPÇÃO DE MATERIAIS  
INSPECÇÃO DE CONSTRUÇÕES, ETC.

Para todos os assuntos respeitantes ao  
**BUREAU VERITAS**  
dirigir-se aos agentes:

## Sociedade Oceânica do Sul

74, Rua de S. Nicolau, 80  
Telef. JOSCO Telef. 2 4031 — 3 1728  
**LISBOA**

## AUTO-GERAL V. GARCIA, LIMITADA

173, R. Eugénio dos Santos, 177 - LISBOA  
Apartado 499 — Telefone 2 4051 — Teleg. GARCIVIANA

Peças e acessórios para automóveis

Representantes exclusivos das  
Baterias U. S. L.

Correias de ventoinhas Dayton  
Velas **GLOBE**

## Queimado & Pampolim, L.<sup>da</sup>

EXPORTADORES  
DE CORTIÇA

TELE } FONE 25224 —  
GRAMAS «CORCHER»

**RUA AUREA, 200, 3.º Esq.**  
**L I S B O A**



# Carlos da Costa Frescata

FORNECEDOR DE CARNES DE PORCO FRESCAS, SALGADAS E FUMADAS

*Premiado na Exposição Regional de Setúbal, com o 2.º Prémio — (Medalha de Prata).*

• MALHADAS PRÓPRIAS DE ENGORDA — FÁBRICA E ARMAZENS — QUINTA DO ANJO — TELEF. 306 •

FORNECEDOR DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO  
**Escritório em Lisboa: ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 17, 4.º Esq.**  
 Armazém em Lisboa: R. CARLOS MARDEL, 38-C Armazéns em Setúbal: TELEF. 486  
 Sucursais: PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 417 — Telefone: 23 815  
 COIMBRA — Rua das Padeiras, 17-19 — Telefone: 3515

## Aniz «Dómúz»

Três tipos: Doce — Sêco — Mel de Damas

Prove e não preferirá outro!

À venda em todas as boas casas

## Sociedade Dómúz, L.<sup>da</sup> ELVAS

Depositário em Lisboa:

Francisco Velez Conchinhas

Rua dos Fanqueiros, 356

Telef. 27464

LISBOA

PARA A SUA CASA DE CAMPO

prefira as vistosas mobílias alentejanas  
 que alegrem o ambiente e dão ao conforto  
 :::: do seu lar grande vivacidade ::::  
 Visite a casa especializada neste género

### Mobiladora Alentejana, L.<sup>da</sup>

Grande sortido em carpetes e esteiras  
 regionais. Os srs. automobilistas encon-  
 trarão nesta casa a maior variedade de  
 CAPACHOS DE CAIRO PARA TODAS  
 AS MARCAS DE AUTOMÓVEIS

89, Rua de S. Bento, 93

(Descendo a rampa, lado direito)

LISBOA

Telef. 61 100

Sucursal: Rua da Cruz dos Poiais, 83



## MAGNÉSIA S. PELLEGRINO

O purgante ideal  
 para crianças e adultos.  
 Apresentada em frascos,  
 com e sem anis, caixas  
 de uma dose com e sem  
 anis e efervescente!

PURGA!  
 REFRESCA!  
 DESINFECTA!

À venda em todas as farmácias

## Pastelaria Marques

Almoços \* Chás \* Jantares \* Banquetes  
 Lunchs para casamentos  
 em Lisboa e Província.

Fabrico especial das melhores frutas  
 portuguesas em cestos regionais.

LISBOA Telefone: 23 362  
 70, Rua Garrett, 72

TELEFONE 29 495

## Café Restauração

O melhor Serviço

A melhor Frequência

103, Rua Primeiro de Dezembro, 107

LISBOA

SECÇÃO DE CAFÉ  
 — A RETALHO —

Pedidos pelo  
 Telef. 29 495

## Carvalho, Ribeiro & Ferreira, L.<sup>da</sup>

EXPORTADORES

VINHOS, AZEITES, VERMOUTHS,  
BRANDIES, LICORES, MOSCATEIS,  
VINAGRES, ETC.

ARMAZENS

Ginjal-Almada

Telefone: Almada 20

ESCRITORIO

R. do Ouro, 140-1.º

Telefone 2 7162

LISBOA — End. Teleg. VALHO

## SUISSO ATLÂNTICO HOTEL

Telefones P. B. X. 31713 e 31717 — Teleg. ATLANHOTEL

100 quartos com água corrente, quente e fria, aquecimento central e telefone. É dirigido pelos seus proprietários

Rua da Glória, 3 e 19

LISBOA

Hotel recomendado pela Companhia dos Caminhos de Ferro

## PACHECO, L.<sup>DA</sup>

Rua de Campolide, 76 — Telefone 4 1839

Fanqueiro, Retrozeiro, Camisaria, Lãs para Malhas, etc.

R. de Campolide, 97

R. Luís de Camões

LISBOA

LAGOS

## CAFE NICOLA

— O MELHOR SERVIÇO —  
A MELHOR FREQUÊNCIA

Rossio LISBOA

## SILVA & DIAS, L.<sup>DA</sup>

Máquinas Industriais e Agrícolas

Acessórios para camionetas em 2.º mão — Ferro

para obra — Sucata de ferro e metais

Rua das Fontainhas, 19 — LISBOA — Telef. 8 1956

## Arquitectos, Engenheiros, Construtores e Desenhadores

Reproduções e desenhos. Papeis vegetais, cenográficos e heliográficos. Tela, fitas de debruar, Lapis, Carvão, Minas, etc..

ANTÓNIO ALVES

Largo da Biblioteca, 13 — LISBOA — Telef. 27420



Na nossa secção de

## PASTELARIA-BAR

aberta até às 2 da madrugada

PODERÁ V. EX.º ADQUIRIR AS MAIS  
FINAS ESPECIALIDADES EM

## DOCES E PUDINS

ENTREGAREMOS EM SUA CASA  
TODOS OS PRODUTOS DO NOSSO FABRICO

Telefone 51269

## JÚLIO BATISTA RIBEIRO

Construtor Civil — Agente de compra e venda de propriedades

Não comprem sem o consultarem, pois é um técnico de propriedades na Construção Civil

Rua dos Sapateiros, 128, 2.º — LISBOA — Telef. 27135

Morada: CAMPO GRANDE, 170, 2.º-DI.

## Caixa de Crédito Caucionado, L.<sup>da</sup>

EMPRÉSTIMOS SOBRE TUDO QUE OFEREÇA GARANTIA

SIGÍLIO — RAPIDEZ — SEGURANÇA — JURO DA LEI

RUA DA ASSUNÇÃO, 88-1.º Telef. 25334

## JOSÉ MARIA GOMES & IRMÃO

Compra todas as qualidades de sucata, Navios, Batelões e Fábricas para desmantlar, etc. Vende todas as qualidades de sucatas, Chumbo, Zinco em lingotes, Cobre, Bronze, Ferro forjado, fundido, etc..

Depósito e armazens em edifício próprio:

Rua Rodrigues Faria, 13 a 19 — TELEFONE 3 6069

(Junto à Cruz Vermelha) ALCANTARA — LISBOA

## CENTENO & NEVES, L.<sup>DA</sup>

DROGAS, TINTAS E PERFUMARIAS  
PRODUTOS QUÍMICOS E FARMACÉUTICOS

Fabricantes dos alvaiades: ZEBRA, FIEL e NAVIO

204, 206, Rua da Prata, 208, 1.º e 2.º — LISBOA

Telefone P. E. X. 31747

**Victor Guedes & C.<sup>a</sup>**

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Azeites, Vinhos, Frutas verdes e secas,  
Conservas, Vinhos de Colares

«Viúva Gomes»

Vinho Moscatel de Setúbal

«FERNANDES»

Refinação de Azeites  
e Fábrica de Sabões  
— em Abrantes —

Rua dos Remolares, 7-1.º

L I S B O A

End. Teleg. «Embarques» Telefones { 2 1784  
2 1785**SEPULCHRE**  
*Limitada***MATERIAL FERROVIÁRIO**Agentes de  
**USINES EMILE HENRICOT**Court St. Etienne  
B É L G I C A**MATÉRIAS PRIMAS****PARA A INDÚSTRIA****LISBOA** — Avenida Presidente Wilson, 45-3.º

Telefone 6 4497

Liège, Bruxelas, Bombaim, Calcutá, etc.

**João Lopes Netto (Herdeiros), L.<sup>da</sup>**

Construtores mecânicos

46, Trav. Marquês de Sampaio, 20

(à Boa Vista)

Telo { gramas JOLONE  
fone 2 0822

L I S B O A

Máquinas para fabrico de:

**Pirolitos-Laranja e Gasosas**Pequena e grande produção. Para lava-  
gem de garrafas, engarrafar Vinhos,  
rolhar e de capsular, gaseificação de Vi-  
nhos e Agua-PéFORNECIMENTO DE TODOS OS ARTIGOS  
PARA A INDUSTRIA DE REFRIGERANTES**Trabalhos de Construção Civil**  
**Tornos—Forja e Caldeireiro**

Construção e reparação de Máquinas, Bombas, etc.

**ARQUIVOS E FICHEIROS**  
SISTEMA «SEEL»  
VERTICAL E VISIVELMATERIAL EM AÇO — MÃO DE OBRA PORTUGUESA  
Consulta a**SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, L.da**Praça dos Restauradores, 53, 1.º—Telef. 24986—LISBOA  
No Porto: ED. PINHEIRO TORRES & IRMÃO—Rua dos Clérigos, 44

## CARPÉTES RIALTO

FABRICADAS COM PONTO DE NÓ

A marca que vence todas as marcas  
pela sua ALTA qualidade e pelo seu

**BAIXO PREÇO**

À venda nas boas casas da especialidade

DEPÓSITO PARA REVENDA

**JORGE, FERREIRA & CARVALHO, L.<sup>DA</sup>**  
**L I S B O A**

*Mário Marques da Silva, L.<sup>da</sup>*

OFICINA METALÚRGICA E METALI-  
ZAÇÕES ELÉCTRICAS — FUNDIÇÃO  
DE METAIS — CROMAGEM E NIQUE-  
LAGEM — SOLDADURA A AUTOGÊNIO

Escritório:

Rua Conselheiro Arantes Pedroso, 45 - LISBOA  
Telefone 5 2671

Oficinas: VENDA NOVA — AMADORA

**António P. Simões, L.<sup>da</sup>**

Rua dos Cavaleiros, 111-113  
Telefone 2 3930

*Ferragens e Ferramentas — Arames e Metais  
— Chapas de latão, cobre e alumínio Folha  
de Flandres — Tubos de latão e cobre Com-  
pleto sortido de Ferragens para construção  
civil — Pregaria — Tubo de chumbo, tornei-  
ras, etc. — Cutelarias e Utilidades — Louça  
de alumínio — Talheres — Artigos para  
decoradores*

Fogareiros a petróleo, acessórios e reparações

## TRANSFORMADORES DE ALTA CAPACIDADE

da «Foster Transformers & Switchgear, Ltd» de Londres

Material fluorescente, e de rádio para todos os fins, cabos,  
fios. **ODOMETROS CHERNIKEEFF** da «The  
Improved Submerged Log Co., Ltd.», de Londres, também  
construtora do equipamento «Trawler» especialmente para  
bancos de pesca. Bastantes unidades das Marinhas de  
Guerra e Mercante portuguesa estão equipadas com estes  
odômetros

**A. PIRES MARTINS**  
TELEF. 3 2445 — R. da Vitória, 53-1.º — LISBOA

## CASA DOS METAIS, L.<sup>DA</sup>

Tubos de latão — Tubos de cobre — Chapas  
de latão e cobre — Cavilha de latão redonda  
e sextavada — Chapas de alumínio liso e  
estriadas — Tubos e perfis de alumínio —  
Chapa e arame de alpaca — AÇOS E FERRAMENTAS

VENDE AOS MELHORES PREÇOS

Rua Alves Correia, 97 — LISBOA

Telefs.: Gerência 2 2064 — Escritório 3 2251

## PLÁSTICOS

TELAS TRANSPARENTES LISAS, ESTAMPADAS  
E GRAVADAS, EM TODAS AS CORES

CALFES — VERNIZES

GRANDE SORTIDO E PARA ENTREGA IMEDIATA

V E N D E

*Manuel Alves de Matos, L.<sup>da</sup>*

R. DOS FANQUEIROS, 300 — Telefs. 27870 e 20831

L I S B O A

## FERREIRA & C.<sup>A</sup>

ARAMEIROS

Executam todos os trabalhos da sua arte

38, Rua da Voz do Operário, 40

Telefone 2 6217

L I S B O A

## ANTÓNIO CRUZ

Praça D. João da Câmara, 4, 2.º — LISBOA  
TELEF. 2 2554

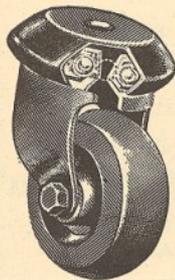
Representante de

**LUSO CELULOIDE  
ESPINHO**

Fábrica de artigos de celuloide  
e bijutarias

## OS RODISIOS REVVO

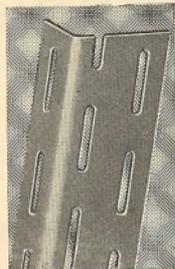
SÃO MAIS RESISTENTES



porque giram sobre Rolamentos de esfera em vez dum eixo central, eliminando, assim, a causa principal da ruína dos rodísios vulgares. Grande variedade de tipos e tamanhos para todos os fins

## CANTONEIRAS EM AÇO E LIGA DEXION

Uma ideia nova, um material novo e uma aplicação quasi ilimitada. Com **DEXION** poupa espaço, tempo e trabalho. Só necessita dum serrote e duma chave de porcas para fazer toda a espécie de estruturas, móveis, arquivos, etc..



### Portucale, L.<sup>da</sup>

Avenida Alvares Cabral, 24, 24-B  
Telef. 6 3991 — LISBOA — Teleg. COMMPORT

BONS APOSENTOS  
SIMPLES E DE LUXO

## Hotel Francfort

SANTA JUSTA

Excelente e abundante serviço de mesa  
Hotel de 2.<sup>a</sup> classe situado no centro da cidade

Telefs.: { 30744                      Teleg.: HOTFORT  
          { 30748

Rua de Santa Justa, 70 LISBOA

## Viagens Mondalco

Travel Agency — Alvará n.º 9

*Passagens de avião, barco e de comboio  
para todo o mundo, aos preços oficiais  
Passaportes ordinários,*

*Excursões permanentes, etc. Rapidez,  
segurança e comodidade aos que viajam*

Contencioso aduaneiro — Despachos

MONDALCO, L.<sup>DA</sup> Rua do Ouro, 165, 1.º  
Telefs: 29840-27222

# PRODUTOS VAP PORTUGAL

PERFUMARIAS /// FÓRMULAS INÉDITAS

## GLYCOL o ideal da pele

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade

## VAP elixir dentífrico concentrado

Um sonho realizado: aroma sedutor, frescura incedível e higiene máxima

## OURO-VAP fricção para depois do banho

Estética, suave, revigorante e deliciosamente perfumada

A única fórmula garantida para eliminação do desagradável efeito da transpiração

## PERFUME VAP — N.ºs 1, 2 e 3

Aliciante, fino, aroma invulgar

À VENDA NAS MELHORES CASAS DA ESPECIALIDADE E PRINCIPAIS FARMÁCIAS

Depositários Gerais: **VENTURA d'ALMEIDA & PENA**  
Rua do Guarda Mor, 20, 3.º-Esq. (a Santos) — Telef. 6 4972 — LISBOA

REMETEMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO À COBRANÇA

De qualquer dos nossos produtos, enviamos UMA amostra contra nome e morada,  
e 5\$50 em selos de correio, para despesas de embalagem e registo

# A. Santos Pinto & Irmão

Comerciantes e Industriais



## MALANGE.

**COMÉRCIO** MANTIMENTOS — RANCHOS — TECIDOS  
— GÊNEROS COLONIAIS

**INDÚSTRIA** FÁBRICAS DE FIBRA DE SISAL-SALS-  
CHARIA — DESCASQUE DE ARROZ

**ACTIVIDADE AGRÍCOLA** FAZENDAS ESPERANÇA — AME-  
LIA CAHOMBO

**Malange (Angola)** C. Postal, 79 — Teleg. SALGUEIRAL  
**Luanda:** C. Postal, 163 — Teleg. SALGUEIRAL  
**Lobitos:** C. Postal 240 — Teleg. SALGUEIRAL

**LISBOA** — RUA DA CONCEIÇÃO, 17-3.º  
Telef. 29559 — Teleg. SALGUEIRAL

# FERRARIA Franco-Portuguesa

## ALFREDO FRANCO

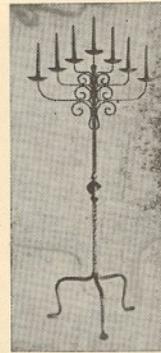
SERRALHARIAS CIVIL,  
MECANICA E DE

# CONSTRUÇÕES METÁLICAS

ESPECIALIZADA no FABRICO de  
CAIXILHOS E PORTÕES  
COM FERROS ESPECIAIS

**CAMPO GRANDE, 228—LISBOA**  
TELEFS: 79 — 313

**E DAMAIA** — Telef. VENDA NOVA, 9



# FERROS ARTÍSTICOS

SERRALHARIA ARTÍSTICA

VICENTE JOAQUIM ESTEVES

Fundada em 1889



Telef. 42340 R. das Amoreiras, 88

LISBOA

# DIATOMITE SÉZI

*Aos Ex.ªs Snrs.  
Proprietários:*



Peça aos construtores dos vossos prédios e vivendas que empreguem

**"DIATOMITE"**

nas construções e rebôcos para evitarem a infiltração de calor, frio, humidade e ruídos.

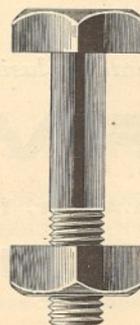


PORTUGAL

PEÇAM AMOSTRAS E TABELAS DE PREÇOS À  
SOCIEDADE DAS MINAS DE TRIPOLI SÉZI, L.ª

Rua Nova do Carvalho, 43-1.º — Telef. 23821

LISBOA



# A RESISTENTE

Sociedade de Parafusos, L.ª

Sucessora de VICTOR JOSÉ PEREIRA

Fábrica de Parafusos, Porcas, Rebites, Anilhas, Tirefonds, Grampos, Ferragens para linhas telefônicas e telegráficas, etc.

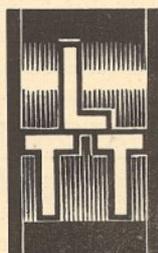
ESCRITÓRIO E FÁBRICA:

41, Calçada dos Sete Moinhos, 47

Telef. 47427 LISBOA



Cobre nu electrolítico,  
Cabos armados,  
Tapetes de borracha para  
hospitais, navios, cinemas, etc.



## Lignes Télégraphiques et Téléphoniques

89, RUE DE LA FAISANDERIE

PARIS (XVI<sup>e</sup>)

TEL. TROCADERO, 12-71 & 62-75

CABOS TELEGRÁFICOS  
E TELEFÓNICOS  
PARA GRANDES DISTÂNCIAS

*Representante exclusivo para Portugal e Colónias:*

# PERVAL, L.<sup>DA</sup>

Av. António Augusto de Aguiar, 163-2.º Esq.

Telef. 4 4962

## LISBOA

## Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

SÉDE EM LISBOA:

LARGO DO QUINTELA, 3

COMITÉ DE LONDRES:

PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2.



Linha férrea construída e em exploração:  
Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros  
1.347. Distância do Lobito à região mi-  
neira da Katanga: Quilómetros 1.800



Não revela somente, quem oferece um elegante ramo de flores. Também na escolha da casa para a execução dos seus trabalhos V. Ex.<sup>a</sup> dá uma prova de BOM GOSTO.

OS ATELIERES GRÁFICOS  
**BERTRAND IRMÃOS, L. DA**  
PRIMA PELA QUALIDADE  
DOS SEUS TRABALHOS

FIXE BEM  
trabalhos de  
FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA  
OFFSET E  
LITOGRAFIA

**BERTRAND (IRMÃOS), L. DA**  
Ter. de Condum do Rio, 27 - LISBOA - Telef. P.B.X. 21968 - 21227



# Estoril

## COSTA DO SOL

a 23 quilómetros de Lisboa

A mais elegante praia do País

**TODOS OS DESPORTOS**

Golf, Tennis, Hipismo, Natação, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL

Elegante e confortável

HOTEL DO PARQUE

Completamente modernizado

MONTE ESTORIL HOTEL (Monte Estoril)

Serviço esmerado

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico  
— Análises Clínicas — Ginástica — Cultura Física

TAMARIZ

Magníficas esplanadas sôbre o mar — Res-  
taurante — Bars

PISCINA

SALA DE ARMAS

ESCOLA DE EQUITAÇÃO

«STANDS» DE TIRO

PARQUE INFANTIL

**CASINO** aberto todo o ano

CINEMA — CONCERTOS — FESTAS — DANCING —  
RESTAURANTE — BARS — JOGOS AUTORIZADOS

**Informações:**

**Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL**



## COMPANHIA EUROPÉA DE SEGUROS

Capital: 5 MILHÕES DE ESCUDOS

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO  
PARA O SEGURO DE MERCADORIAS E BAGAGENS

End. Teleg. EUROPÉA  
TELEPHONE: 2 0911

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

SEDE RUA DO CRUCIFIXO, 40-LISBOA

# Companhia União Fabril

O MAIOR AGRUPAMENTO INDUSTRIAL  
DA PENINSULA IBÉRICA

*Ao serviço da lavoura portuguesa*

Rua do Comércio, 49  
L I S B O A

Rua Sá da Bandeira, 84  
P O R T O

## WIESE & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

RUA DO ALECRIM, 12-A

Telef. P. B. X. 2 0181

L I S B O A

## Hotel Franco

(Em frente à Praça da Figueira) — EDIFÍCIO TODO

**DIÁRIAS A PREÇOS MÓDICOS**

Próximo da Estação do Caminho de Ferro e do mar. — Todos os confortos e comodidades recomendáveis. — Esplêndida sala de visitas. — Casa de banho em todos os andares. — Cozinha à Portuguesa. — Empregados a todos os Vapores e Combóios.

FALA-SE  
FRANCÊS

Gerente: FERNANDO RODRIGUES

LISBOA — Rua dos Douradores, 222  
TELEPHONE 2 1616 — PORTUGAL